

ANA MARIA MARQUES

**Velhices problematizadas
Redes discursivas sobre envelhecimento em Santa Catarina,
no Brasil e no contexto das décadas de 1970 a 1990**

Doutorado em História

UFSC
Florianópolis/2007

ANA MARIA MARQUES

**Velhices problematizadas
Redes discursivas sobre envelhecimento em Santa Catarina,
no Brasil e no contexto das décadas de 1970 a 1990**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, como exigência parcial para obtenção do título de DOUTORA em HISTÓRIA, sob a orientação da Professora Doutora Cristina Scheibe Wolff.

UFSC
Florianópolis/2007

Banca examinadora:

Prof^ª Dr^ª Cristina Schiebe Wolff (orientadora)

Prof^ª Dr^ª Alda Britto da Motta

Prof^ª Dr^ª Joana Maria Pedro

Prof^ª Dr^ª Mara Coelho de Souza Lago

Prof^ª Dr^ª Mara Rúbia Sant'Anna

Prof^ª Dr^ª Maria Teresa dos Santos Cunha (suplente)

Prof^ª Dr^ª Roselane Neckel (suplente)

**Dedico aos meus pais, *in memoriam*,
cujas vidas não lhes oportunizaram envelhecer.**

AGRADECIMENTOS

Tanta gente para agradecer. Não queria deixar ninguém que me acompanhou, ao longo destes cinco anos, de fora, mas é difícil nomear a todos/as.

Quero começar pelos meus filhos, Francisco e Rodrigo, que conviveram com minhas angústias e minha falta de tempo para eles. Agradeço e peço desculpas.

Devo dizer que este trabalho só foi possível porque muita gente, muita mesmo, acreditou que eu poderia finaliza-lo, quando minhas esperanças estavam se esgotando. Muitos dizendo: “você consegue”, “você pode”, “seu trabalho é lindo”... Coisas que me deixavam envaidecida, mesmo quando eu desconfiava que falavam assim só para me animar. Não importa as intenções segundas, mas sim que minha reação primeira era pensar: não posso decepcionar essas pessoas.

Vivi momentos de desolação, de abandono, até, de um projeto de tese. O falecimento de minha mãe neste meio tempo me desestruturou muito e, frente à morte abrupta, questioneei o sentido da vida e daquilo que fazemos de nossas vidas. Foi um momento em que até a tese perdeu sentido. Tdavia, com a ajuda de muitos e muitas, eu sobrevivi, revivi e retomei os projetos encaminhados, talvez com amadurecimento.

Agradeço a meus irmãos, Carlos e Paulo, pela prestatividade nas horas que recorri a eles com os: “deixa eu usar seu computador”, “me empresta aquele livro”, “tô indo aí” (subentendendo-se que eu precisava de ajuda). Ao Paulo especialmente pela revisão final. Minhas cunhadas, Iracema e Alexandra, que foram em muitos momentos compreensivas e também me acudiram no cuidado com os filhos. Minha sobrinha Ariadne e meu sobrinho Flávio, cada um filha/o de um irmão, que nasceram neste meio tempo e trouxeram tanta vida e alegria à nossa família. Valentim e Alain, que tantas questões e respostas me colocaram sobre o envelhecimento: muito obrigada por suas

presenças em minha vida. A Alain agradeço também a disposição de me ajudar com as traduções para o francês.

Jonas, ex-marido, pai dos meus filhos, sempre amigo e com suas dicas intelectuais pertinentes, foi muito importante poder confiar nele para assumir a prole nas minhas muitas ausências.

Agradeço aos funcionários dos lugares em que passei para pesquisar, em especial da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, responsáveis pelo cuidado do setor de obras raras (ou rarefeitas); do SESC, na pessoa de Selma Junkes, que me colocou em contato com algumas pessoas que entrevistei ou fiz contato por telefone e/ou correio eletrônico.

As pessoas que entrevistei, mesmo aquelas que não quiseram gravar entrevista, sinto-me grata a todas.

Amigos e amigas são vários/as a agradecer, seria injusto querer nomear, destaque do ambiente acadêmico: Ivonete Pereira e Marilange Nonnenmacher, as companheiras que viveram a experiência do doutorado quase ao mesmo tempo que eu, foram quase “almas gêmeas” a dividir e compartilhar as mesmas angústias, na mesma área de atuação – do fazer história. Ainda da academia, as professoras Joana Maria Pedro e Mara Coelho de Souza Lago foram muito prestativas em aceitar em participar da minha banca de qualificação e deram excelentes contribuições.

Agradeço dois historiadores do envelhecimento que foram muito gentis em estabelecer correspondência comigo e se colocaram à disposição para me orientar em projetos afins, são eles: Patrice Bourdelais (da École de Hautes Études em Sciences Sociales, em Paris) e Aline Charles (da Université Laval, no Québec).

De todo meu coração, agradeço o trabalho competente e confiante da minha orientadora, Cristina Scheibe Wolff, cuja amizade antiga fundiu-se na seriedade, determinação e admiração que lhe devo.

RESUMO

Este trabalho busca analisar uma rede discursiva que se construiu durante as décadas de 1970, 1980 e 1990, em torno de questões do envelhecimento. Nestas três décadas a velhice foi colocada como um problema devido ao crescimento populacional, que ampliara a expectativa de vida em contraste com os índices de natalidade. A preocupação deste crescimento, que estaria a transformar países capitalistas em países “de velhos”, mobilizou vários segmentos sociais no sentido de garantir “qualidade de vida”.

O Brasil, Santa Catarina em especial, é contemporâneo deste movimento que tira o “velho” da invisibilidade, passando pelo processo da cidadania, e o constitui como sujeito idoso “autônomo”. Esta mudança do/a velho/a, da terceira idade até chegar no/a idoso/a, envolveu um investimento de alterações discursivas que deslocou e enredou poderes numa teia constituída por profissionais que falavam em nome da ciência do envelhecimento (geriatrias e gerontólogos), das ciências para a “velhice sadia” (direito, área biológicas e do corpo) e dos próprios envelhecetes que tomavam e transformavam os discursos conforme suas conveniências e contextos.

Os discursos, por vezes, se confundiam, pois, ao primar pela “vida ativa” (com apelo aos referenciais da juventude: beleza e virilidade, por exemplo), negavam a própria velhice, excluindo, sobretudo as camadas mais pobres. O mercado construiu panacéias, os discursos empoderaram aqueles/as que alcançavam o envelhecimento e o gênero construiu importante divisor de comportamentos de uma geração envelhecete.

Constituíram a base empírica desta pesquisa: jornais de circulação em Santa Catarina nas décadas de 1970 e 1980, especialmente *O Estado* e depois o *Diário Catarinense*; a *Revista Manchete* da década de 1980; produções monográficas do Curso de Especialização em Gerontologia da Universidade Federal de Santa Catarina; bem como algumas entrevistas, documentos legais, relatórios e fontes institucionais não governamentais.

RÉSUMÉ

Ce travail vise à analyser un ensemble de discours qui s'est développé au cours des années 1970, 1980 et 1990 sur les questions relatives au vieillissement. Ce sont trois décennies pendant lesquelles on a conféré à la vieillesse un caractère de problème à cause de l'évolution démographique représentant simultanément une augmentation de l'espérance de vie et une décroissance du taux de natalité. Cette tendance qui transformerait les pays capitalistes en royaumes « de vieux » a préoccupé divers agents sociaux qui se sont mobilisés en vue de garantir la « qualité de vie ».

Au Brésil et dans l'État de Santa Catarina ce mouvement qui sortait le « vieux » de l'invisibilité et, en recourant à la notion de citoyenneté, lui conférait un statut de sujet « autonome » en tant que personne âgée, se produisit entre les décennies de 1970 et de 1990. La mutation du vieux ou de la personne du troisième âge en personne âgée a impliqué un ensemble de changements dans le discours qui a déplacé le centre du pouvoir vers une classe constituée de professionnels qui se réclamaient de sciences du vieillissement (gériatres et gérontologues) et de sciences complémentaires (droit, biologie et éducation) et vers les personnes vieillissantes elles-mêmes qui modulaient leur discours au gré de leurs convenances et des circonstances.

Les discours engendraient parfois de la confusion parce que, à trop privilégier la « vie active » (et sa connotation d'attributs de la jeunesse: beauté et virilité, par exemple), on en venait à nier la vieillesse, en excluant surtout les classes les plus pauvres. Le marché inventa des panacées, les discours attribuèrent le pouvoir aux personnes qui arrivaient au vieillissement et on créa d'importantes distinctions de comportements selon le genre dans une génération vieillissante.

Les matériaux qui ont servi de base empirique à cette recherche sont les journaux en circulation dans l'État de Santa Catarina pendant les décennies de 1970 et 1980, notamment *O Estado* et ensuite le *Diário Catarinense*, la revue *Revista Manchete* des années 1980, les monographies du cours de spécialisation en gérontologie de l'Université Fédérale de Santa Catarina, ainsi que quelques entrevues, des actes juridiques, des rapports et des sources d'institutions non gouvernementales.

ABSTRACT

This work aims to analyze a discursive network that has constructed itself during the decades of 1970, 1980 and 1990, around questions of aging. In the last three decades, old age has been considered a problem due to the demographic growth, which has increased life expectancy in contrast to birth rates. The concern with that growth, that would be turning capitalist countries into countries of “old people”, has mobilized several social segments in order to guarantee “life quality”.

Brazil, especially Santa Catarina State, is contemporary of this movement that brings the “old person” out of the invisibility through the citizenship process and constitutes him/her as an “autonomous” aged person. This change from an old person to a third-aged person, until getting to a senior or elder person has involved an investment of discursive alterations which dislocated and intertwined powers in a network constituted by professionals who spoke in the name of science of the aging (geriatricians and gerontogists), of science for a “healthy old age” (law, biologic and body areas) and of the elderly themselves, who took and transformed the discourses according to their conveniences and contexts.

The discourses were sometimes confusing as, ranking in first place an “active life” (with appeals to referential as youth, beauty and virility, for example), they denied aging itself, largely excluding the poorest. The market constructed panaceas, the discourses empowered those who reached old age and the gender constructed important behavior divisors of an aging generation.

The empirical foundations for this research were the daily newspapers of Santa Catarina in the decades of 1970 and 1980, especially *O Estado* and *Diário Catarinense*; the magazine *Revista Manchete* from the 1980's decade; monographic productions of the Gerontology Specialization Course from Santa Catarina Federal University; as well as some interviews, legal documents and non-governmental institutional sources.

Velhice

Mário Prata

- Não, não se faz mais velhos como antigamente.
- É verdade. Não se faz.
- Veja você. Você está com 54. Lembra quando você era jovem, 54 era um velhinho, não era?
- Avô, avô...
- Então. E as mulheres de 54?
- Bisavós, bisavós...
- Não exagera. Avós, também. Aliás, mulher de 40 já tava velhinha. Todas de preto. Iam à igreja. A mãe da gente tinha 40, né? Era uma santa, né? Imagina se fazia o que as de 40 fazem hoje...
- Onde é que você quer chegar?
- É que a nossa geração mudou tudo. Mudou até a velhice. A gente é de uma turma que rompeu com tudo. Esse negócio de Beatles, Rolling Stones, pílula, tropicalismo, isso fez mudar tudo.
- Prossiga.
- É que a gente mudou os velhos que a gente ia ser. Veja a sua roupa. Você está vestido igual a um cara de 20, 30 anos. Você não está de terno e gravata como os cinquentões de antigamente.
- Você está é justificando a nossa velhice.
- Que velhice, cara! Você hoje faz tudo que um cara de 20 faz.
- Mais ou menos, mais ou menos.
- A nível comportamental...
- A nível, cara?
- Desculpa, mas comportamentalmente falando, ficou tudo igual. O cara de hoje, com 50, não se comporta mais como um cara de 50 dos anos 50. Nivelou, entendeu?
- Explica melhor.
- As meninas também. As nossas amigas de 40, por exemplo.
- Melhor não citar nomes.
- É que hoje elas fazem coisas que a gente não poderia imaginar que a mãe da gente fizesse com a idade delas. Estão todas aí, inteiras. Liberadas, está entendendo? Mandando ver. E nós também. Fora que tem o Viagra que dizem, dizem vai segurar mais pra frente.
- Você já usou?
- O quê?
- Viagra.
- O que é isso cara? Ouvi falar, ouvi falar. Mesmo porque, não se conhece ninguém no mundo que assuma que já tomou. Parece que existe um acordo lá entre eles. Ninguém conta. É de lei. Mas não desvia o assunto. Eu não estou falando no desempenho sexual. Estou falando de cabeça. Nivelou tudo. E, pra sorte nossa, nivelou por baixo. Veja a roupa do seu filho. Igual à sua. Antigamente um cara de 23 se vestia completamente diferente de um cara de 53. Ou você alguma vez viu o seu pai de tênis? (nem de pênis). Acho que até para jogar tênis, ele devia jogar de sapato.
- Se a gente então não está velho, vai ficar velho quando?
- Pois é aí que eu quero chegar. Não existe mais a velhice. Nos anos 60, a gente fez tanta zorra que, sem querer, garantimos o nosso futuro sem velhice. Pode escrever aí. Não existe mais velhice.
- Ficamos imortais?
- Quase. Antigamente o sujeito começava a morrer mais cedo. Ficava uns 10, 15 anos morrendo. Agora não, ele vai ficar até os 80, 90. Daí ele fica doente e morre logo. Acabou a agonia. Pensa bem: a gente está com 50. Temos mais uns 30 pela frente. Firmes. É isso, cara: não existe mais a velhice. E fomos nós que detonamos com ela. Mas tem o cabelo branco, as rugas, a barriguinha...
- Detalhes, cara, detalhes. O cabelo branco, a ruga e a barriguinha hoje em dia são encarados como charme. Mesmo porque os cabelos não ficam mais tão brancos como nos nossos pais. E as rugas também. Os velhos estão cada vez com menos rugas. E pra barriguinha estão aí as academias. Tem as fórmulas.
- E isso vale também para as mulheres, né?
- Principalmente. Eu estava falando nas nossas amigas de 40. Pega as de 50. Tudo com corpinho de 30. Cabeça de 20. Tão até melhores do que nós, cara. Peraí, a sua namorada não tem nem 30.
- E isso me preocupa. Tem cabeça de 50. De 50 das antigas. O que serve para a nossa geração, não serve pra nova geração. Resumindo: não existe velhice para a nossa geração. A gente batalhou isso. Agora essa nova geração que vem aí vai envelhecer. Se ela quiser continuar a ser como a gente, vai acabar sendo igual aos nossos pais, como diria o grande Belchior.
- Eu não estou entendendo aonde é que você quer chegar.
- Quero chegar nos 90. Me passa o uísque. Me passa o fumo. Me passa o Viagra. Me passa a saudade que eu tenho dos meus 20 anos. Me passa a vida a limpo. E mete os Beatles aí na radiovítrola. *Help, please me!*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I : Visibilidades do envelhecimento na década de 1970	36
I. 1 - Saindo da invisibilidade...	36
I. 2 - Santa Catarina e o cenário da capital	47
I. 3 - 1976: um marco	51
I. 4 - Nos anos seguintes: “idoso” só na sua Semana	61
I. 5 - O Lar São Francisco e o Centro Vivencial para Pessoas Idosas	69
I. 6 - Os grupos de idosos	75
CAPÍTULO II: Mídias e envelhecimento na década de 1980	78
II. 1 – A literatura gerontológica e os asilos: a emergência da “terceira idade” ..	81
II. 2 – A explosão dos grupos de “terceira idade”	87
II. 3 – As iniciativas governamentais e acadêmicas	95
II. 4 – O comércio do envelhecimento através da Revista Manchete	100
CAPÍTULO III: Envelhecimento – uma preocupação acadêmica na última década do século XX	132
III. 1 – Movimento na academia – Brasil e Santa Catarina	135
III. 2 – As políticas públicas	161
CONSIDERAÇÕES FINAIS	164
FONTES.....	175
BIBLIOGRAFIA.....	182

INTRODUÇÃO

A velhice dialogada supostamente pelos personagens de Mário Prata, na epígrafe, de certa forma, traduz alguns debates recorrentes sobre o assunto. Ser velho é ou foi uma invenção? A velhice é como um fantasma que abalou uma geração, como fazem pensar os personagens? Será que é possível a dois cinquentões viver a idéia, por muito tempo, de que a velhice não existe? O diálogo irônico dos dois personagens amigos é revelador do contexto enunciativo das mudanças de comportamento que vêm sendo percebidas e vividas pelos sujeitos envelhecetes¹ – seja pela força e quantidade de idade, seja pela subjetividade do olhar de quem se percebe ou percebe o outro como envelhecido, ou não.

Os personagens da crônica (homens) traduzem questionamentos recorrentes à geração que está envelhecendo nos dias de hoje: a perda da virilidade já não é mais destino comum, pois existem alternativas médico-químicas, mesmo que ainda recoberto pelo tabu da (im)potência (o homem teria o domínio e poder nas relações sexuais e uma “ajuda” externa quebraria este poder “natural”). Por outro lado, esses mesmos homens sentem-se ameaçados pelo rejuvenescimento das mulheres, porque a “volta” delas ao “mercado” das conquistas sexuais e afetivas mostra uma quebra do paradigma da mulher restrita ao espaço doméstico, à vida em família e, conseqüentemente, sua sexualidade relacionada à procriação e ou sublimação em virtude dos filhos.

¹ Embora a palavra “envelhecete” não possua verbete nos dicionários, tomo-a de empréstimo, um neologismo para falar das pessoas que estão vivendo a velhice nos contextos que estou tratando nesta pesquisa.

Os estereótipos de masculinidades e feminilidades, construídos com a modernidade, certamente foram quebrados. Somos herdeiros deles bem como vivenciamos os conflitos que emergiram e resultam desses rompimentos de padrões e regras comportamentais. Se o mesmo assunto do cronista fosse dialogado entre mulheres, talvez elas pudessem ser quarentonas. Sabemos que historicamente a beleza da mulher (jovem) tem sido valorizada e até mesmo idealizada nos jogos de conquistas amorosas e/ou afetivas. Portanto, é praticamente impossível falar dos processos de envelhecimento, sem falar das questões de gênero.

São muitas as questões que envolvem este tão subjetivo processo de envelhecer. Foram muitas leituras, muitas observações, algumas intuições e até mesmo minha própria experiência de aproximação com os sujeitos envelhecetes que tiveram minha especial atenção ao longo destes cinco anos (sem considerar a incubadora de anos anteriores). Mas eu tinha que escolher um caminho, um viés de abordagem - precisava ser seletiva. Então, a tese resultou neste parto doloroso que abandona a condição de gestante de tantas idéias e pensamentos em formação, para parir um produto do possível, do que as condições e circunstâncias fizeram nascer. Esta minha recém-nascida é fruto do contexto em que eu própria estive e estou inserida. Meus questionamentos iniciaram com minhas experiências profissionais e afetivas, dentro do meu entorno local – as cidades onde vivi e que conheci – e minha formação intelectual que me permitiram, também, pensar-me melhor como mulher e, por que não dizer, envelhecete.

No campo seletivo das inclusões/exclusões, que é também o campo das possibilidades e do “agora”, resultou esta tese. Aproveito a lição de Walter Benjamin², quando diz que o historiador “consciente” é aquele que capta a configuração em que sua própria época entrou em contato com uma época anterior. A dificuldade também passou pelo fato de que a época escolhida para minha pesquisa fora também tão presente. Muitas das

minhas fontes estão vivas, literalmente, interagiram e até obstruíram alguns caminhos que poderiam ser ampliados ou esclarecidos – refiro-me em especial às pessoas que não quiseram gravar entrevista ou mesmo as que depois de gravar, não concordaram em tornar público seu depoimento por alegarem não se reconhecerem na transcrição da fala, ou ainda aqueles que fizeram as “arrumações” no seu testemunho escrito para torná-lo mais agradável aos seus “caprichos”. Mesmo assim, numa “tentativa lógica de invenção das fontes”³, como sugere Danièle Voldman, foi possível adequá-las à minha pesquisa.

Reencontrei-me, durante o tempo da pesquisa, com pessoas de meu convívio, falecidas quase todas, mas vivas no imaginário das minhas experiências. Os sujeitos que dão vozes às fontes que utilizei foram, de certa maneira, meus contemporâneos, pois eu vivi a década de 1970, de 1980 e de 1990, embora com outras interpretações e entendimentos. Para mim, certamente nos anos setenta existiam mais velhos/as do que hoje, apesar de eu saber que numericamente eles/as estão em maior quantidade. Lembro-me que, quando eu era criança, considerava que não tinha problema se o mundo acabasse no ano 2000 (volta e meia esse tipo de profecia apocalíptica aterroriza as crianças, e até muitos adultos), pois eu já teria vivido muito, já seria uma velha (eu achava que minha mãe, aos trinta, o era). O mundo não acabou e eu não envelheci, pelo menos, não para mim.

Meu campo empírico foi obtido através de jornais, de revistas, de monografias da gerontologia, além das raras pérolas dos testemunhos. Por se tratar de uma história recente, encontrei muito material impresso, já publicado em endereços eletrônicos (como no caso de leis e decretos, além do que informam algumas instituições). Há atualmente, uma vasta bibliografia sobre envelhecimento, apesar de, no campo da história, existirem ainda poucas

² BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”.Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política. 4. ed. Vol.1. São Paulo: Brasiliense.

³ VOLDMAN, Danièle. “A invenção do depoimento oral”. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína (orgs). **Usos & Abusos da História Oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p.256.

pesquisas. A história tradicionalmente utiliza o velho como suporte de memória⁴, e não foi esta a minha abordagem. Eu quis, com este trabalho, compreender como e por que sujeitos envelhecidos se tornam objeto e produção de discursos que são, por sua vez, traduzidos em práticas de construção de si e de uma época.

O envelhecimento, enquanto uma questão-problema para a história, tem, certamente, historicidade, pois, parafraseando o historiador Georges Minois⁵: se os historiadores não se interessavam pela velhice em tempos mais remotos era porque as fontes estavam integradas à documentação sobre os adultos e as sociedades antigas não dividiam a existência como fez a modernidade. Essa necessidade de categorizar a vida em fases foi uma preocupação moderna. Philippe Ariès reforça essa idéia, quando fala sobre o sentimento burguês de infância. Diz ele: “a partir do século XVIII, as pessoas começaram a se defender contra uma sociedade cujo convívio constante até então havia sido a fonte da educação, da reputação e da fortuna”⁶. As pessoas sobre as quais Ariès escreve, são européias, francesas, mais especificamente, e este sentimento burguês, nem sempre foi compartilhado em todas as organizações sociais, mesmo em sociedades modernas. Todavia vale pensar que as preocupações com a infância relegaram à velhice, entendida como inativa e improdutiva, um lugar inferior na escala de preocupações vitais na modernidade. O velho passou a ser visto como ultrapassado, obsoleto ou objeto de museu que deveria ser conservado por respeito – por isso o termo, hoje, é tão carregado de um sentido pejorativo.

⁴ Só para citar um clássico que, apesar de não ser trabalho de história e sim de psicologia social, foi e ainda é muito referenciado quando o assunto é memória: BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 2.ed.São Paulo: EDUSP, 1987.

⁵ MINOIS, Georges. **História da velhice no ocidente**: da antiguidade ao renascimento. Trad. Serafim Ferreira. Lisboa: Teorema, 1999. Publicado originalmente pela Librairie Fayard, em 1987, sob o título Histoire da la vieillesse. Minois é historiador das mentalidades, membro do Centre International de Recherches et d'Études Transdisciplinaires.

⁶ ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981. p. 274.

Um paradigma da modernidade dividiu a vida em fases – valorizando uma (a fase adulta e produtiva) inventando outra (a infância) e minorizando a fase do envelhecimento. Essas separações da vida em fases também têm seus correspondentes em idades. Todavia, sem me prender a este modelo excludente, prefiro trabalhar com o conceito de geração, enquanto “um tipo particular de situação social”, nas palavras de Karl Mannheim. Segundo ele, geração é um “problema sociológico”, um “produto cultural” derivado da história das relações de situação nas quais surgiu e se transformou em tradição⁷. Guita Debert considera que “as gerações são geradas na família, as idades são institucionalizadas política e juridicamente”⁸. Apesar de recorrente a correspondência do binômio idade/geração, como se faz com sexo/gênero e raça/etnia, existe entre essas categorias que se encontram, uma diferenciação. Para Debert, as gerações são menos marcadas pelas idades e mais pelas vivências compartilhadas que marcam trajetórias passadas e futuras. Geração estaria no aspecto mais da construção cultural, enquanto a idade cronológica obedeceria, nas sociedades ocidentais, a critérios e normas por exigência das leis que determinam os direitos e deveres do cidadão – um “mecanismo básico de atribuição de *status* (maioridade legal), de definição de papéis ocupacionais (entrada no mercado de trabalho), de formulação de papéis ocupacionais (direito à aposentadoria)”⁹. Mesmo considerando que as leis e intuições são produtos da cultura, o que torna difícil compreender facilmente esta separação, existem elementos que interferem na identidade de gerações: relações de classe, gênero, étnicas, religiosas, etc. Diferentes experiências são vividas e representadas diferentemente pelos grupos sociais.

Jean-François Serinelli também concorda que exista o “fato cultural” e um sentimento de pertencimento a uma época que marca a geração, e acrescenta:

(...) haveremos de convir que o uso da geração como padrão exige vigilância e precauções. Essa objeção provém precisamente de tudo o que precede. Certamente a geração, no sentido “biológico”, é aparentemente um

⁷ MANNHEIM, Karl. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1982. p. 69-72.

⁸ DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2004. p. 49.

⁹ DEBERT, Guita Grin. Op.cit. p.46.

fato natural, mas também um fato cultural, por um lado modelado pelo acontecimento e por outro derivado, às vezes, da auto-representação e da auto-proclamação: o sentimento de pertencer – ou ter pertencido – a uma faixa etária com forte identidade diferencial. Além disso, e a constatação vai no mesmo sentido, a geração é também uma reconstrução do historiador que classifica e rotula¹⁰.

Mannheim completa dizendo que existe uma “unidade de geração”, bem como princípios formadores que estabelecem ligação entre indivíduos espacialmente distantes - uma geração pode participar de um destino comum no qual vários indivíduos partilham um padrão de acontecimentos, mesmo que cada um se relacione com suas experiências¹¹. Entendo, aqui, a “experiência”, como Joan Scott: não como a evidência do conhecimento e sim como elemento para explicar como esse se produz. É preciso, então, segundo ela, historicizar as experiências e as identidades que ela produz¹². “Experiência”, este “termo ausente” nas abordagens marxistas, nas palavras de Thompson, quando criticava especialmente a perspectiva de Althusser, pode ser este “ponto de disjunção entre tradições alternativas e incompatíveis”¹³.

As experiências, bem como as identidades, são produzidas nos e através dos discursos. Não é possível, pois, desconsiderar a força da linguagem na constituição dos sujeitos, que por sua vez, constroem suas identidades nos processos de subjetivação. As três últimas décadas do século XX, que é o meu recorte temporal de análise, foram repletas de eufemismos: o/a velho/a não deveria mais ser chamado assim, criou-se todo um aparato discursivo construído ao mesmo tempo em que as pessoas estavam envelhecendo, experimentando e construindo seus processos de envelhecer, no conflito de não ser ou não se sentir velho/a. Os sujeitos construíam suas identidades sobre e na velhice, suas experiências serviam às novas experiências, ao mesmo tempo em que construíam uma nova maneira de o

¹⁰ SIRINELLI, Jean-François. A Geração. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína (orgs). **Usos & Abusos da História Oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 133.

¹¹ MANNHEIM, Karl. Op.cit. p.87-89.

¹² SCOTT, Joan. “Experiência”. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de S.; RAMOS, Tânia Regina O. (orgs.). **Falas de Gênero: teorias, análises, leituras**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 1999. p.27.

¹³ THOMPSON, E.P. **A miséria da teoria**. Ou um plenário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p.183.

outro olhar para aqueles que as experimentavam. O espectador – aquele que fala sobre, com e para o sujeito envelhecido, também estava no entorno das suas experiências (médicas, educacionais, mercadológicas, entre tantas), tanto quanto os pesquisadores de hoje, que assim como eu, percebe-se inserido no seu contexto de época e de construção de subjetividades.

Nas palavras de Michel Foucault:

(...) esses jogos [discursivos] não são impostos de fora para o sujeito, de acordo com uma causalidade necessária ou determinações estruturais; eles abrem um campo de experiência em que sujeito e objeto são ambos constituídos apenas em certas condições simultâneas, mas que não param de se modificar um em relação ao outro, e, portanto, de modificar esse mesmo campo de experiência.¹⁴

Devemos considerar, como sugere Stuart Hall, que houve uma explosão discursiva sobre identidade nos últimos anos, e que talvez devêssemos entendê-la “sob rasura” (ele se remete à idéia de pensamento intervalar de Derrida), pois muitas vezes a identidade foi tomada como conceito essencialista, como se houvesse uma identidade integral. Todavia, ele sugere que entendamos a identidade, como um conceito estratégico e posicional – não como um “retorno às raízes”, mas uma negociação com nossas “rotas”¹⁵. As identidades são mesmo paradoxais, já dissera Joan Scott: “Identidades de grupo definem indivíduos e renegam a expressão e a percepção plena da sua individualidade”¹⁶, por exemplo.

Os eufemismos das três últimas décadas do século XX e, sobretudo, da década de 1980, buscaram novas maneiras de identificar o envelhecimento, trouxeram um repertório de novos tratamentos: “terceira idade”, “melhor idade” e, no termo oficial dos textos legais, convencionou-se utilizar a palavra “idoso” ou “idosa” para se referir às pessoas acima dos 60 anos de idade. Idoso/a: pessoa que tem muita idade. Apesar de os dicionários não

¹⁴ FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos V**: Ética, sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p.238.

¹⁵ HALL, Stuart. “Quem precisa da identidade?”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-109.

¹⁶ SCOTT, Joan W. “O enigma da igualdade”. In **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis: UFSC. Vol. 13. n.1, 2005. p.15.

descartarem a palavra “velho” como sinônimo, podemos considerar que idoso/a tornou-se uma convenção formal – o politicamente correto, e nos atropelos de tratamento, com um apelo à própria negação do estereótipo da decrepitude, inatividade, ou mesmo, invisibilidade.

Tomaz Tadeu da Silva diz: “A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir (...) dizer ‘o que somos’ significa dizer ‘o que não somos’”¹⁷. A identidade geracional fora marcada por esta afirmação do envelhecimento como um fato que atinge a todos e que ninguém precisaria mais ter medo ou vergonha de envelhecer, porque as conseqüências nefastas da velhice podem ser evitadas ou adiadas. O aparato discursivo que criava a identidade do idoso/a negava, por sua vez, o termo velho/a – tornou-se um pejorativo. A designação “velho” carrega o estereótipo do ser improdutivo, inativo, criado pela sociedade moderna, que colocou no trabalho o sentido da dignidade humana. Mara Rúbia Sant’Anna cita termos com os quais se pode praticamente traçar uma cronologia:

velhinho, desvalido, inativo, gerontino, idoso, membro da terceira idade são termos que permitiram, em circunstâncias históricas precisas, de forma distinta, identificar certas pessoas, cujos significados, além de representarem o velho por aspectos diferentes, também lhe atribuíram espaços e estatutos diferentes.¹⁸

A autora, nesta sua obra especificamente, esclarece que sua delimitação não é o “desvalido” do começo do século XX, nem o “membro da terceira idade” do final do milênio, mas sim o “inativo” – o “velho cidadão trabalhador”, como, segundo ela, foi definido durante a década de 1960 – um intervalo que teria separado a argumentação caritativa e a científica¹⁹. Devemos considerar o peso do gênero na linguagem, já que o cidadão trabalhador aposentado na década de 1960 e ainda na seguinte, era, em grande maioria, homem, pois, só ao longo da década de 1970, a previdência incorporou os

¹⁷ SILVA, Tomaz Tadeu da. “A produção social da identidade e da diferença”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p.82.

¹⁸ SANT’ANNA, M. R. **O velho no espelho: um cidadão que envelheceu**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2000. p.18

¹⁹ SANT’ANNA, M. R. Op.cit. p.24.

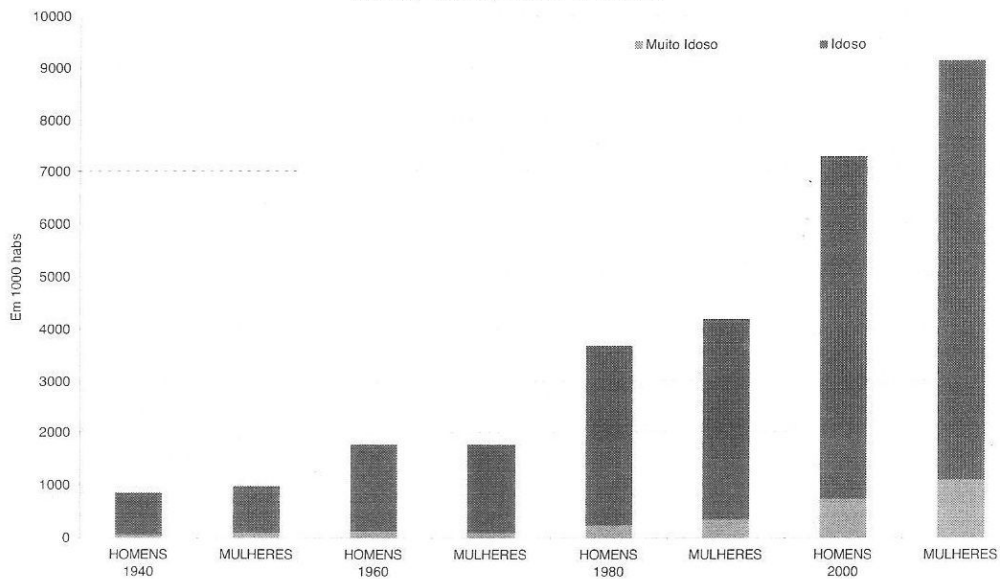
contingentes que até então não recebiam nenhum tipo de cobertura, como: empregados/as domésticos/as (1972), trabalhadores/as autônomos/as (1973), maiores de 70 anos de idade e inválidos não-contribuintes (1974), trabalhadores/as rurais (1976). Até a década de 1960, predominavam as aposentadorias provenientes dos IAPs (Institutos de Aposentadorias e Pensões), criados a partir da década de 1930, no governo Getúlio Vargas. Esses fundos de aposentadoria eram recolhidos por categorias profissionais, então, foram criados os de marítimos (IAPM), de bancários e comerciários (IAPB e IAPC), de industriários (IAPI), de estivadores (IAPE), de empregados de transportes e cargas (IAPETC), de ferroviários e servidores públicos (IAPFESP). Com a ditadura militar, em 1964, houve uma intervenção do governo nestes institutos e uma unificação do sistema previdenciário – resultando na criação do INPS (Instituto Nacional de Previdência Social), em 1966²⁰. Ao considerar as profissões, podemos inferir que, para a época, tratavam-se de profissões essencialmente masculinas e urbanas – consequentemente, o aposentado na década de 1960, era, salvo raras exceções, homem. Este aposentado ganhou cidadania, com direitos e inserção no mercado de consumo. Conclui Mara Rúbia Sant’Anna, sobre esta época: “(...) o Estado delimitou um espaço social para o velho na sociedade de então, que só adquiria importância e distanciava-se do asilo, na medida em que ele fosse um cidadão.”²¹ A aposentadoria deu *status* de cidadania a esta população envelhecida – inicialmente, em sua maioria, composta por homens, mas logo em seguida acrescida das mulheres.

Para se ter uma idéia comparativa do crescimento populacional da segunda metade do século XX, que diferenciou quantitativamente homens de mulheres, pode-se observar o gráfico seguinte:

²⁰ As informações sobre o sistema de aposentadorias nas décadas de 1960 e 1970, foram resumidas de: HOCHMAN, Gilberto. Previdência e Assistência social nos Anuários Estatísticos do Brasil. In: **Estatísticas do Século XX**. Rio de Janeiro: IBGE, 2003. p.172-174.

²¹ SANT’ANNA, Mara Rúbia. Op. cit. p. 172.

População Brasileira Idosa e Muito Idosa por Sexo, Brasil, 1940, 1960, 1980 e 2000.



Fonte: IBGE/Censos Demográficos 1940, 1950, 1991 e 2000.

Segundo dados de Ana Amélia Camarano²², que também citou o gráfico anterior, em 1980, 31,6% das mulheres idosas eram “chefes de família”, aumentando para 42,6 percentual dessas em 2000. Também, em 1980, 39,2 % das mulheres recebiam benefício social e, em 2000, as beneficiadas pelas aposentadorias, pensões e benefícios assistenciais compunham um percentual de 76,6%. O aumento na proporção de mulheres “chefes de família” reduziu a dependência das mesmas sobre a família e colaborou com a tendência crescente de mais mulheres que homens optarem por viverem sós, especialmente nos casos de viuvez e ausência dos filhos (por morte, conjugalidade ou por não os possuir). Do universo de 75% de mulheres idosas que recebiam benefícios da Seguridade Social em 1980, apenas 10% trabalharam na economia formal e contribuíram durante sua vida adulta. A maior parte desses benefícios era proveniente da aposentadoria rural, um indicativo da não contribuição para a Seguridade Social. Outra parte dessas mulheres recebia pensão por viuvez, outra evidência de que o benefício não é resultado de contribuição de parte do rendimento do trabalho formal, mas sim pela condição conjugal. O Sistema de Seguridade

Social, conclui Camarano, serviu e tem servido como redistribuidor de renda e suporte à população idosa, não só para aqueles que trabalharam no mercado formal e contribuíram para a sua aposentadoria, mas para as mulheres idosas (incluíam-se, então, trabalhadoras domésticas, rurais e pensionistas).

“(...) o envelhecimento torna-se, realmente, uma questão global e particularmente ‘feminina’, diz Alda Britto da Motta²³. E os grupos de “terceira idade” contribuíram em muito para dar visibilidade a essas mulheres, pois são em grande maioria constituídos por idosas. Esta população tornou-se, todavia, objeto de discurso (das instituições e do Estado) ambíguo - protecionista e temeroso – além de descoberta como nova e promissora fatia de mercado consumidor. Denise Sant’Anna fala²⁴ da tendência global, pós-década de 1970, de considerar o corpo um “equivalente de riqueza” e a velocidade, uma condição de sucesso. Logo, os corpos devem ser mais ágeis, mais magros e, eu acrescentaria, mais jovens e saudáveis, mesmo que envelhecidos. Aquele que quer se desvencilhar do peso de tudo, conclui Sant’Anna, “teme carregar muito corpo, muita memória, muita identidade. E se vê ameaçado constantemente pela vertigem da compulsão consumista e pela depressão aniquiladora. (...)a naturalidade do envelhecimento do corpo desaparece”. A autora diz também que, a partir da época moderna, o corpo não é mais o que é, e sim o que tem – não mais o “espelho da alma”, mas “convertido em boa forma”, “noção estética caricatural”, um corpo que não tem vida eterna. Valores como liberdade, democracia e cidadania são definidos como conseqüências do consumo²⁵.

²² CAMARANO, Ana Amélia. Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança? In: Revista Estudos Avançados 17 (49), São Paulo: Edusp, dez.2003.

²³ MOTTA, Alda B. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. In: Cadernos Pagu 13. Campinas/São Paulo, 1999. p.208-209.

²⁴ SANT’ANNA, Denise B. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p.25-28.

²⁵ SANT’ANNA, Denise B. Op.cit. p. 107-122.

As áreas do conhecimento, ligadas à saúde física (Medicina, Educação Física, Nutrição), destacaram-se neste cenário da preocupação com um envelhecimento saudável. O corpo, como cuidar dele, passou a ser questão *sine qua non* no entendimento do envelhecimento. Se ser velho era estar “enferrujado/a”, “duro/a”, “decarquilhado/a”, “vencido/a”, como aparecem nas representações dos corpos pelos entrevistados por Patricia Alborghetti²⁶, o idoso, neste processo de construção mais recente de seu envelhecimento, procurou ou foi incentivado a dar funcionalidade ao seu corpo.

Este dinamismo dos corpos que atravessa o sentido da “terceira idade” tem sido abordado por diversas áreas. E neste sentido, trouxe para esta pesquisa a Gerontologia, que surgiu preocupada em estudar os processos de envelhecimento, mesmo que inicialmente mais descritiva, como acusa Simone de Beauvoir²⁷. Este “Frankstein”, nas palavras de Alda Brito da Motta²⁸, que não podemos definir especificamente como uma área de conhecimento ou uma disciplina, pois há um amplo debate sobre a gerontologia, que assumiu um caráter multidisciplinar e acompanhou a construção do que se convencionou chamar “terceira idade” - um eufemismo do envelhecimento criado a partir da década de 1960, que tomou força nas três décadas seguintes. Várias publicações de gerontólogos estão voltadas à idéia do dinamismo dos corpos na velhice. No ambiente acadêmico, vários são os projetos nessa direção. Cito como exemplo: educação permanente “para uma velhice bem-sucedida”²⁹ e mediações do Estado e universidade para o gerenciamento de cursos para a “terceira idade”³⁰.

²⁶ ALBORGHETTI, Patricia França. **Envelhecimentos e conjugalidade**: um estudo de gênero com casais idosos em Florianópolis. Florianópolis: UFSC, 2003. (Dissertação de Mestrado em Psicologia). p. 45.

²⁷ BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

²⁸ Esta expressão foi verbalizada pela antropóloga da UFBA, em Mesa Redonda intitulada “Gênero, gerações, subjetividades, no dia 09/10/2002, quando Alda Motta apresentava seu trabalho no VI Simpósio Internacional Fazendo Gênero, em Florianópolis. Na ocasião, ela falava de sua pesquisa sobre os “velhos velhos” (para diferenciar dos “velhos jovens”, associados à terceira idade), estes estariam numa fase acima dos 80 anos de idade. A antropóloga prefere utilizar o termo “velho”.

²⁹ PALMA, Lucia Terezinha Saccomori. **Educação Permanente e qualidade de vida**: indicativos para uma velhice bem-sucedida. Passo Fundo: EPF, 2000.

Os gerontólogos aparecem como “agentes da política do corpo”, eles compõem este “mosaico” de “trabalhadores sociais” envolvidos com as emergências sobre o envelhecimento. Elementos na teia que envolve filantropia, medicina, Estado – poderes. Nessa interpretação foucaultiana, vale ressaltar que: “O interessante não é ver que projeto está na base de tudo isto, mas em termos de estratégia, como as peças foram dispostas”³¹. E, é no aparato discursivo, que não pertence a alguém especificamente, mas que tem materialidade, que se encontram os saberes e poderes. No plano social existe também uma apropriação discursiva³². Foucault sugere quatro princípios para análise do discurso³³: 1) de “inversão”, que leva em consideração o não dito, o “jogo negativo do recorte” que exclui, em vez de considerar a continuidade que expressa uma vontade de verdade; 2) de “descontinuidade”, considerando que os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem”; 3) de especificidade, concebendo “o discurso como uma violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhes impomos em todo caso”; e 4) de exterioridade, pois existem momentos de “aparição” e “regularidade” discursiva.

³⁰ BOTH, Agostinho. **Identidade existencial na velhice**: mediações do Estado e da universidade. Passo Fundo: UPF, 2000.

³¹ FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 6.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p.152.

³² FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 6.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000. p.43.

³³ FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 6.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000. p.51-53.

O termo “terceira idade” aparece nesta teia discursiva de sentidos para os envelhecimentos que analiso neste trabalho. Segundo Clarice Peixoto³⁴, o conceito de *troisième âge* teve origem nas modificações político-administrativas introduzidas na França, na década de 1960, que passaram a associar a velhice à arte de bem-viver. Este conceito de terceira idade, faixa etária entre 60 e 80 anos de idade, aproximadamente, trouxe consigo o signo do dinamismo dos “jovens idosos”. Enquanto isso, os “idosos velhos”, a partir dos 80 anos, comporiam uma quarta idade, e essa etapa sim estaria associada à imagem tradicional da decadência ou incapacidade física. No Brasil, aparentemente a noção de “quarta idade” acaba se subsumindo nos discursos sobre a “terceira”, ou seja, houve um investimento discursivo mais acentuado ao dinamismo, à mobilidade, à autonomia dos idosos do que efetivamente uma preocupação com a decadência física (motricidade e memória), apesar da visibilidade que a doença de Alzheimer³⁵ permitiu discutir. Os discursos recorrem mais às vantagens do consumo, retiram do sujeito até mesmo o direito à morte, pois aceitar a morte seria negar o saber médico³⁶. Aceitar a decrepitude e a solidão seria como uma morte anunciada.

Norbert Elias denuncia: “Nunca antes as pessoas morreram tão silenciosa e higienicamente como hoje nessas sociedades, e nunca em condições tão propícias à solidão.”³⁷ Ele fala do afastamento da criança dos mortos comparando com “antigamente”, quando as crianças acompanhavam o moribundo e sua conseqüente morte. Lembra que os

³⁴ PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, terceira idade... In: BARROS, Myriam Moraes Lins de Barros (org.) **Velhice ou Terceira Idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

³⁵ Em 6 de agosto de 2003, a Revista Veja publicou uma matéria sobre o tema. Informava que o mal de Alzheimer atingira cerca de 20 milhões de pessoas no mundo, dentre essas, um milhão delas no Brasil. Todavia, a autora da matéria, Karina Pastore, dizia que o Alzheimer é “um mistério para a ciência”, apesar de cientistas apontarem alguns processos que levam os neurônios à morte. A revista seguinte, na sessão de cartas, apontava para a identificação de mais de cem leitores que escreveram à redação contando suas experiências com portadores do mal que, nas palavras da jornalista, conduz uma pessoa “ao nada absoluto”.

³⁶ FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos V: Ética, sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 49.

³⁷ ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos – seguido de envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 98.

próprios cemitérios afastam a idéia de morte quando transformados em jardins. Diz também que, apesar do sonho do elixir da vida ser muito antigo, em nossos dias assumiu uma “forma científica – ou pseudocientífica” e acrescenta: “A constatação de que a morte é inevitável está encoberta pelo empenho em adiá-la mais e mais com a ajuda da medicina e da previdência, e pela esperança de que isso talvez funcione”³⁸. Denise Sant’Anna corrobora este pensamento quando fala das outras relações com o corpo que experimentam os pacientes hospitalares, pois deixam ali de ser responsáveis pelo seu corpo, para serem retalhados em cuidados e especialidades de estranhos. Ela compara os pacientes de um hospital a uma viagem de avião, cujo destino está entregue à companhia aérea, desde o momento do embarque³⁹.

É fato que as numerosas tecnologias médicas permitiram um aumento na expectativa de vida, sobretudo nos países economicamente desenvolvidos e também no Brasil. Segundo dados retirados do censo demográfico atual, no Brasil, a faixa populacional de pessoas com mais de 60 anos chega ao percentual de 8,3% da população, completando um total de 13 milhões, dos quais um milhão e 200 mil pessoas ultrapassaram os 80 anos. Este aumento da população idosa mobilizou vários segmentos da sociedade a pensar a velhice criando novos significados, envolvendo políticas, interesses econômicos e de grupos.

³⁸ ELIAS, N. Op. cit. p.56.

³⁹ SANT’ANNA, Denise B. Op.cit. p.33-37.

Minha própria intervenção em grupos de “terceira idade”, em 2001, motivou a elaboração do meu projeto de doutorado. Naquele ano, participei voluntariamente de um projeto de extensão intitulado “Valorização da vida”, na Univali (Campus de Tijucas, SC). A proposta era oferecer um apoio pedagógico e instruir sobre questões relacionadas à sexualidade. Os integrantes desse projeto, professores e alunos bolsistas do curso de Pedagogia, atendiam às demandas, entre estas, incluiu-se a dos grupos de “terceira idade”. Foi através desse trabalho que cheguei ao grupo da terceira idade mais antigo de Tijucas. Fizemos umas duas “intervenções” (assim era chamado quando se fazia algum trabalho pedagógico *in loco*) e abordamos questões relacionadas à sexualidade. Algumas participantes desse grupo contribuíam com seus conhecimentos (sobre doenças sexualmente transmissíveis⁴⁰, por exemplo) outras ficavam caladas, riam, envergonhavam-se, eram repreendidas pelas próprias colegas (só mulheres) – uma até me chamou à parte no corredor, alegando não poder falar na frente das colegas que sentia vontade de manter relações sexuais (eu não lembro nem anotei a palavra que ela utilizou para dizer isso) com o marido, no entanto precisava de ajuda porque o marido também correspondia à vontade, mas não conseguia ter ereção. Tentei encaminhá-la a profissionais da saúde, falei que existiam medicamentos para isso e que talvez uma ajuda psicológica ajudasse também. Pensei: o que eu estava fazendo ali se era uma historiadora e não uma médica? Mas logo percebi que todos aqueles questionamentos estavam inseridos num contexto discursivo que durante muito tempo negou a sexualidade na senescência e, então, elas tinham oportunidade de falar de algo que antes eram impedidas por mecanismos repressivos e de poder.

Utilizo com mais frequência o termo grupo ou associação de idosos para me referir a essas reuniões de pessoas que, ora são chamadas de “terceira idade”, ora de “melhor idade”, mas nunca de velhos – palavra que, quase em uníssono, é conclamada a ser riscada

⁴⁰ Atualmente há uma preocupação de alertar estes grupos à incidência crescente de casos de HIV entre a população idosa, que têm tido experiências sexuais sem preservativos – especialmente homens que acabam por contaminar suas esposas.

do vocabulário de tratamentos aos participantes desses grupos. Homens constituem a minoria nesses grupos: maridos que acompanham, ou não, suas esposas nas reuniões ou atividades dos grupos de idosos, alguns poucos viúvos ou homens que não têm cônjuge. Mas são as mulheres – casadas, separadas ou viúvas – que formam a grande maioria participante de grupos de “terceira idade”.

No decorrer da pesquisa pude perceber a força que a categoria “terceira idade”, mais do que “melhor idade”, teve para este atravessamento ou rompimento com um sentido pejorativo que a velhice carrega na utilização do termo velho ou velha. Neste grupo de idosos que conheci, a líder dizia-me enfaticamente: “Eu fico muito brava quando alguém chama elas de velhas, são da terceira idade”. “Meninas” é o tratamento mais freqüente, por carinho ou mesmo porque algumas “tem que ser tratadas como criança”, como concluiu Dona Zeba, então líder deste grupo há 23 anos. Quando a indaguei sobre por que os homens não participavam, ela respondeu: “Sabe, eu acho que os homens não admitem serem velhos”. É possível inferir que existe um senso comum neste pensamento, por conta dos estereótipos que colocam no homem a virilidade, a produtividade econômica e, quando aposentados, a “inatividade” parece abalar sua masculinidade. Alguns homens diziam não querer ir ao grupo para fazer “coisas de mulher”. Muitas, nas viagens, diziam não querer os maridos presentes, para sentirem-se mais à vontade e não os ter por perto para cobrá-las de comportamentos que poderiam lhes parecer pouco ou não adequados. Muitas mulheres, no grupo, longe de buscar um “último” sentido de vida, remoçam, ficam ou sentem-se mais bonitas, conhecem coisas, lugares e pessoas novas, conversam, falam dos homens e de suas experiências. A experiência de participar desses grupos tem mostrado que muitas mulheres revolucionaram um comportamento padrão, estereotipado, especialmente relacionado às idosas, tradicionalmente ligado à vida doméstica, ao cuidado para com os netos, ao marido ou à casa. Estes/as idosos/as, dos denominados grupos de terceira idade, inserem-se numa concepção de

solidariedade orgânica, a qual, segundo Michel Maffesoli⁴¹ favorece a emoção comum, conforta o sentimento coletivo e, por isso, fortifica o vínculo comunitário. O que o autor denomina de “tribalismo pós-moderno” está relacionado a esta emergência da felicidade partilhada, tribal, pois “o que prevalece não é mais o indivíduo, isolado na fortaleza de sua razão, mas o conjunto tribal, que se comunica ao redor de um conjunto de imagens que consome com voracidade”⁴². A dinâmica dos grupos de “terceira idade” propiciou outras sociabilidades, engendradas em redes de solidariedade, companheirismo e produção da existência, pois, nessas associações, as mulheres não só se divertem, mas também trabalham.

Os trabalhos manuais, o “correr atrás” para vender rifas, são exemplos de que elas criaram alternativas de financiar o custeio dos passeios e festas que organizam. Estas maneiras de viver a velhice nos grupos, que acabam por promover certo espírito de rejuvenescimento, recorrem ao expediente confuso de associar velhice com produtividade. Isolda Belo⁴³ chama a atenção de que, enquanto o idoso é visto como produtivo, escamoteia a sua própria senescência. Nos grupos, no entanto, as mulheres encontram um mote de liberação que as anima a pensar mais em si, já que até então “viveram para a família”. Alda Motta diz que esta suposta “liberdade geracional” pode ser entendida como “liberdade de gênero”, pois se as mulheres envelhecidas podem sair, passear mais do que fizeram na juventude é porque também não são mais atraentes, não reproduzem, não precisam se preservar⁴⁴.

⁴¹ MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed., 1995. p. 47-48.

⁴² Idem. p.145.

⁴³ BELO, Isolda. Velhice: anatomia política dos discursos dominantes. In: **Ciência & Trópico**. Recife, v. 24, n. 1, p.39-56, jan/jun. 1996. p.43.

⁴⁴ MOTTA, Alda Brito. Chegando pra idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de Barros (org.) **Velhice ou Terceira Idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

A esperança de vida da população feminina entre os idosos cresceu significativamente nos últimos 15 anos. Em 1980, a esperança de vida das mulheres, em média, era de 65 anos, enquanto a dos homens era de 57 a 58 anos de idade. Em 2000, as mulheres aumentaram para 8,7 anos a diferença de expectativa de vida em relação aos homens. Entre essa população idosa feminina incide os fatores de classe e etnia. Do contingente de oito milhões de idosas, aproximadamente cinco eram brancas e o restante foi denominado como pardas ou pretas, em 2000, pelo IBGE. Se as “brancas” tiveram mais chances de envelhecer foi porque o fator econômico lhes propiciou melhores condições de vida e, conseqüentemente, de longevidade. O fato dos/das idosos/as terem aposentadorias garantidas, compulsoriamente a partir dos 70 anos de idade, pela Constituição de 1988, mesmo que não tivessem contribuído para a Seguridade Social, privilegiou as mulheres. Essas, segundo dados do IBGE de 2000, vivem nove anos a mais que os homens em média e se aposentam cinco anos antes por conta dos mecanismos de compensação, garantidos por lei, justificados em parte pelo custo da ausência no mercado de trabalho que as mulheres têm de arcar em seu período reprodutivo, mesmo que muitas destas não tenham filhos ou tenham tido menos filhos que as mulheres contabilizadas em 1980, segundo a demógrafa Ana Amélia Camarano⁴⁵. É bom lembrar também que a expectativa de vida no sul do Brasil tornou-se maior. Enquanto a média nacional era de 68,6, em 2000, Santa Catarina alcançou os 71,3 em média, sendo que as mulheres chegaram aos 75,3 anos de idade⁴⁶.

É tomando Santa Catarina como ponto de partida, que lanço um olhar sobre os discursos sobre envelhecimento nas três últimas décadas do século XX. O Estado de Santa Catarina, devidamente representado, esteve à frente de discussões e políticas pioneiras sobre envelhecimento implementadas aqui, como se pode conferir no primeiro capítulo. Outro fato que não pode passar despercebido é a visibilidade que Florianópolis ganhou como capital

⁴⁵ CAMARANO, A.A. Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança? **Revista Estudos Avançados**. 17 (49). São Paulo: Edusp, 2003.

⁴⁶ Ministério da Saúde. Rede Intergeracional de Informações para a Saúde. Indicadores Demográficos, 2001.

brasileira ideal para se viver na velhice. Na última década, o aumento da população idosa na capital catarinense foi de 55%, maior crescimento médio registrado no país. Adriana Souza Silva, em matéria à Revista *Veja*, diz:

A capital catarinense ocupa um lugar singular no imaginário da classe média brasileira. É aquela cidade tranqüila, com os serviços de grande centro urbano que preservou um certo charme interiorano. Ou seja, o local ideal para passar a aposentadoria à beira-mar. Para alegria de empreendedores de vários setores, um grupo cada vez maior de brasileiros está realizando o sonho de viver na ilha do Guga.⁴⁷

A reportagem é anunciativa e apelativa. O mercado consumidor dos sonhos incluiu Florianópolis na rota do turismo e da fixação de uma população antes desconhecida aos moradores estabelecidos há mais tempo – o que implica em negociações e estratégias de poderes, as quais acabam por favorecer as camadas sociais de maior renda em prejuízo das menos favorecidas economicamente, que foram, paulatinamente, empurradas dos balneários pelo crescente fenômeno do mercado imobiliário, para não discorrer sobre outros problemas urbanos.

Ao trabalhar com a produção de discursos, nos deparamos com outra questão levantada por Foucault, a da autoria. Quem são estes autores que constroem todo um aparato de leis, disciplinas, associatividade? Muitas das fontes analisadas “não têm” autoria, ou melhor, não existe uma relação de propriedade sobre o que se escreve, como no caso dos jornais. A atribuição de autoria, muitas vezes, como diz Foucault⁴⁸, “é resultado de operações críticas complexas e raramente justificáveis”. Os discursos, que criam, constroem e destroem imaginários, emergem de jogos de poder e por isso não constituem uma única identidade – existem as diferenciações internas. Um discurso pretensamente globalizante é assimilado ou não de diferentes formas por diferentes sujeitos que o transformam e o modificam.

Um dos objetivos desta pesquisa é perceber como se constroem as relações de gênero através dos discursos. As mulheres idosas constituem a maioria arrasadora dos

⁴⁷ Revista *Veja*. 4 de junho, 2003. p.87.

⁴⁸ FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos III**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 265.

participantes de grupos de “terceira idade”, herdeiras, de certa maneira, das redes de filantropia, assistencialismo e caridade religiosa. Os homens idosos estão mais voltados às associações de pensionistas, mesmo fora do mercado de trabalho eles ocupam espaços públicos, nas reuniões de praça ou de bares. Suas histórias de vida constroem experiências divisórias nas relações de gênero e nas identidades geracionais. Nas palavras de Joan Scott⁴⁹, a “identidade está amarrada a noções de experiência” e “não está confinada a uma ordem fixa de significados”.

Nos grupos, as mulheres buscam e encontram identificação, mesmo que seja para fazer coisas que antes não faziam. A identidade, como define Homi K. Bhaba⁵⁰, pode ser intervalar, fronteira, revelar uma existência insurgente e intersticial da cultura. Por isso o autor enfatiza a necessidade inovadora de ir além das narrativas e focalizar momentos ou processos que dão início a novos signos de identidade.

Sobre as produções discursivas a cerca do envelhecimento, Guita Grin Debert⁵¹ atenta para os problemas provenientes de representações que produzem um processo de reprivatização da velhice transformando-a em uma responsabilidade individual. Pensando-se as questões discursivas, é bom lembrar, à luz de Foucault, o quanto estes freqüentes apelos à “qualidade de vida” estão mais para o controle da vida.

A França, que tanto serviu de referência às políticas públicas para a senescência, teve que explicar junto às opiniões divididas o fato conseqüente de uma forte onda de calor⁵² ocorrido no ano de 2003, quando no verão morreram cerca de 13 mil idosos. Os hospitais, os bombeiros, não deram conta de socorrer as pessoas que estavam morrendo em casa, sozinhas – o motivo? O forte calor, em princípio, mas a polêmica era justamente sobre o preço que as pessoas idosas estavam pagando pela sua “autonomia”.

⁴⁹ SCOTT, Joan. Experiência. In: SILVA, A.; LAGO, Mara C. de S.; Ramos, T. (orgs.) **Falas de Gênero**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999. p. 40e 48.

⁵⁰ BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

⁵¹ DEBERT, G.G. Envelhecimento e curso da vida. In: **Revista de Estudos Feministas**. Vol. 5., n.1, 1997.

⁵² *Journal Le Monde*. Artigo publicado em 31 de agosto, 2003. Por Jean-Yves Nau.

Os feminismos têm aberto um leque de opções para se pensar como se constroem os sentidos de feminilidades e masculinidades. Essas opções, no entanto, em algumas correntes, fazem uma convergência com outras, como quando pensamos o feminismo da igualdade em contraposição ao da diferença. Linda Nicholson sugere uma “política de coalizão”, que abarque a diversidade do feminismo, articulando diferentes reivindicações dos grupos que, dentro de seus contextos e interesses específicos, possam temporariamente se unir. Afinal, como ela conclui⁵³:

Talvez seja hora de assumirmos explicitamente que nossas propostas sobre as “mulheres” não são baseadas numa realidade dada qualquer, mas que elas surgem de nossos lugares na história e na cultura; são atos políticos que refletem os contextos dos quais nós emergimos e os futuros que gostaríamos de ver.

Sandra Harding sugere: “As categorias analíticas feministas devem ser instáveis – teorias coerentes e consistentes em um mundo instável são obstáculos tanto ao conhecimento quanto às práticas sociais.”⁵⁴. Portanto já não se pode mais pretender pensar a mulher como um universal, como se fez com o homem. Thomas Laqueur⁵⁵ lembra como é absurdo pensar que só a mulher tem gênero e que o corpo do homem tenha sido criado numa tradição cultural em que sua história não foi pensada.

Este trabalho discute, considerando o campo de seleção/exclusão das fontes, como se construíram entendimentos sobre a velhice no Brasil pós-década de 1970, enfocando Santa Catarina, passando pela academia, com o surgimento da gerontologia, que agregou diversas áreas do conhecimento (médico, físico-corporal, nutricional, político assistencial, jurídico, pedagógico, psicológico), analisando os discursos de mídia, especialmente de jornais, e destacando a atuação de algumas entidades e instituições, bem como de algumas produções acadêmicas e pessoas que foram enfocadas. A problemática que levanto, portanto,

⁵³ NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista de Estudos Feministas**. Ano 8. Vol.2, 2000.p. 38.

⁵⁴ HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis. UFSC. v.1,n.1/1993. p. 11.

⁵⁵ LAQUEUR, Thomas. **Inventando o Sexo: Corpo e gênero dos gregos a Freud**. Relume Dumará. Rio de Janeiro, 2001. p. 32.

pretende debater a questão de como se construíram os discursos e, através deles, os sujeitos envelhecidos. Sujeitos que têm gênero e cuja subjetivação se dá nesta confluência entre gênero e geração.

O período estudado compreende as décadas de 1970 a 1990, no Brasil, apesar do foco ser Santa Catarina. Foi nesta época que a velhice foi polemizada, negociada e até mesmo negada nas negociações discursivas para inclusão dos idosos nos projetos de cidadania. Estes entendimentos serão inseridos também num contexto de importação de matrizes norte-americanas e européias, especialmente francesas.

Recorro a muitas áreas do conhecimento e, especialmente, à antropologia. Devo estar embuída desta tendência da história cultural que, desde a década de 1960, promoveu uma “virada em direção à antropologia”, como conta Peter Burke⁵⁶. Meu debate com historiadores é, então, limitado, sobretudo, porque ainda são relativamente poucas as pesquisas em História que podemos considerar do “tempo presente”. Quando da criação do IHTP (*Institut d’Histoire du Temps Présent*), em 1978, Jacques Le Goff reafirmava que a história do presente é freqüentemente melhor feita pelos sociólogos, politicólogos, alguns grandes jornalistas, que pelos historiadores. Pensava-se que o campo dos historiadores era o do passado que os próprios não puderam viver. A história do tempo presente tem trazido para as pesquisas históricas estes questionamentos sobre a presença física do historiador em “seu tempo” e em “seu tema”, questões essas levantadas aqui por Agnès Chauveau e Philippe Tétard⁵⁷.

A identidade do sujeito que envelhece, a partir da década de 1970, no Brasil, analisando especialmente Santa Catarina, construiu-se em um aparato discursivo (de mídia, de imagens, de discussões em eventos científicos, no âmbito de ações governamentais e não governamentais) – objeto desta pesquisa – discursos que construíram estes “corpos de papel”,

⁵⁶ BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2005. p.44.

⁵⁷ CHAUVEAU, A & TÉTARD, P. (orgs.) **Questões para a história do tempo presente**. Bauru/SP: Edusc, 1999.p. 9-18.

utilizando uma expressão de José Luiz Fiorin ao analisar o texto que está nas imagens fotográficas e nas mídias impressas. Segundo ele, o corpo está presente no discurso e “a maneira de dizer revela uma maneira de ser, uma *hexis* corporal”⁵⁸.

O corpo em si, as relações estabelecidas através e a partir dele, e as imagens que se constituem historicamente são percepções, na perspectiva de Henri Bergson. Segundo ele: “Nossas percepções estão certamente impregnadas de lembranças, e inversamente uma lembrança (...) não se faz presente a não ser tomando de emprestado o corpo de alguma percepção onde se insere”⁵⁹. Todavia, tendo as diferentes fontes discursivas, podemos entender o corpo envelhecido também enquanto representação, na perspectiva de Roger Chartier⁶⁰, pois a representação se dá no trabalho de classificação e exclusão, de configurações sociais e conceituais próprias de um tempo e de um espaço.

Para trabalhar com a produção de discursos sobre envelhecimento – especialmente a partir da década de 1970 até o limiar da década de 1990, optei, até mesmo por sugestão da banca de qualificação, em dividir o trabalho em três capítulos, que correspondem respectiva e separadamente às três décadas tratadas.

O primeiro capítulo utiliza como fontes empíricas básicas, os jornais de Santa Catarina e de maior circulação (*O Estado*, *A Gazeta* e o *Diário Catarinense*) na década de 1970. A partir das fontes são realçadas algumas das imagens e discursos, então emergentes, sobre o envelhecimento e inseridos na rede confusa do assistencialismo *versus* dinamismo – um momento que considero marcante e pioneiro no debate público sobre o tema. Como a velhice era noticiada, quais imagens eram veiculadas destes e sobre estes sujeitos, quais discursos se articulavam? São alguns questionamentos propostos para este capítulo.

⁵⁸ FIORIN, José Luiz. O corpo nos estudos da semiótica francesa. In: SILVA, Ignacio Assis (org.). **Corpo e sentido: a escuta do sentido**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1996.

⁵⁹ BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.70.

⁶⁰ CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990. p. 27.

O segundo capítulo enfoca a década de 1980, a década por excelência dos eufemismos, da movimentação intelectual, especialmente sob a marca da gerontologia, dos mercados emergentes e toda uma movimentação da mídia incitando todos a pensar sobre o envelhecimento. Neste capítulo trabalho ainda com os jornais, também com a Revista *Manchete* e destaco a criação do NETI (Núcleo de Estudos da Terceira Idade da Universidade Federal de Santa Catarina).

O terceiro capítulo utiliza como fontes empíricas uma seleção de monografias das primeiras turmas que se formaram no Curso de Especialização em Gerontologia do NETI, na década de 1990, para discutir os temas mais recorrentes e as metodologias que formavam os novos profissionais direcionados ao mercado do envelhecimento, bem como as Políticas Públicas que se engendram nesta mesma década. É feita uma discussão sobre a academia e o tema.

Os três capítulos dialogam, ainda, com os aparatos discursivos – legais, informais, institucionais – em que se criam e constituem estes sujeitos historicizados.

CAPÍTULO I: Visibilidades do envelhecimento na década de 1970

I. 1. Saindo da invisibilidade...

Pouco ou quase nada se falava sobre envelhecimento na década de 1970. Era uma temática não problematizada e/ou raramente valorizada. As questões do “idoso” ganharam maior atenção nas décadas posteriores, mas os anos setenta impulsionaram uma mudança de postura e até mesmo de linguagem. Era um momento fronteiro entre o “velho” e o “idoso-cidadão”. As preocupações, no sentido legal e político-governamental, giravam muito em torno das questões trabalhistas, pois era preciso assistir ou amparar aqueles que, então, saíam do mercado de trabalho.

A primeira Constituição da “Era Vargas”, de 1934, foi pioneira ao tratar deste assunto. O art. 121, § 1º da Ordem Econômica e Social, dizia que a legislação do trabalho deveria seguir alguns preceitos para melhorar as condições do trabalhador, entre estes: promover “instituição de previdência, mediante contribuição igual da União, do empregador e do empregado, a favor da velhice”¹. As constituições subsequentes, até a de 1988, em quase nada alteraram em se tratando da velhice. Fernando Agustini conclui:

(...) os dispositivos que tratam da velhice nessas constituições [do Brasil republicano e anteriores a de 1988] voltam-se, fundamentalmente, para assegurar aos trabalhadores que, alcançando esta faixa etária, teriam previdência social em função da contribuição da União, dos empregadores e dos empregados. Desta forma, a velhice, em si, não é encarada como

¹ CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL, 16 de julho de 1934.

nenhum tipo de direito e as Constituições não prevêm nenhum tipo de proteção especial a essa faixa etária.²

A tomar pelo aspecto legal, percebemos que esta velhice assistida pela previdência correspondia, por sua vez, apenas a uma parcela da população que envelhecia, diga-se de passagem, em geral: homens trabalhadores – esses se tornavam “inativos”. Estamos falando de uma época em que a participação da mulher no mercado de trabalho formal era pouco expressiva se comparada à participação do homem. E os trabalhadores eram, então, em geral: homens empregados formalmente.

Nesta década em questão, o redimensionamento do assistencialismo no Brasil³ teve impulso também por conta da própria universalização do sistema previdenciário, que passou a abrigar empregados domésticos (1972), trabalhadores autônomos (1973), trabalhadores rurais (1976), além da garantia de renda vitalícia para idosos e inválidos a partir dos seus 70 anos de idade (1974). A contribuição pessoal ou setorial para com o sistema de seguridade social foi instituída de diferentes formas para que fosse garantido um plano de assistência universal, vinculado à previdência.

A criação do Ministério da Previdência e Assistência Social (MPAS), conseqüência do desdobramento do Ministério do Trabalho e Previdência Social, em 1974, instituiu um Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social (SINPAS) em 1977, para o qual foram criadas novas entidades e outras tiveram suas atribuições redefinidas.

² AGUSTINI, Fernando Coruja. **Introdução ao direito do idoso**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2003. p.94.

³ Este tema, acrescido do repertório de entidades envolvidas, está baseado no documento publicado pela Secretaria Geral da Conferência Interamericana de Seguridade Social, assim constituída: Dra. Ma. Del Carmen Alvarez Garcia, Dr. Augusto Octavio Jiménez Durán, Eng. Francisco Martínez Narváez e Dr. Antonio Ruezga Barba. A contracapa desta publicação confere a esta Secretaria a responsabilidade exclusiva do conteúdo exposto. A Conferência aconteceu no México, em 1995.

Ao INPS foi atribuída exclusivamente a parte referente à manutenção e concessão de benefícios. A prestação de assistência médica, quanto aos trabalhadores e empregadores rurais, ficou a cargo do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS), autarquia criada especialmente para este fim. Outra autarquia, o Instituto da Administração Financeira da Previdência e Assistência Social (IAPAS), surgiu com a finalidade específica de promover a gestão administrativa, financeira e patrimonial do sistema. A assistência social às populações carentes ficou sob competência da Legião Brasileira de Assistência (LBA), já com suas atribuições devidamente reformuladas. Além dessas entidades, integravam o SINPAS: a Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor (FUNABEM), a Empresa de Processamento de Dados da Previdência Social (DATAPREV) e a Central de Medicamentos (CEME)⁴.

A palavra assistência, como podemos perceber, foi incluída em muitos organismos governamentais. O assistencialismo, que substituía, de certa forma, a caridade durante a década de 1960, foi tomando corpo na década seguinte e dando visibilidade a várias populações de “beneficiados”. Uma geração que envelheceu nesta década conquistou ou foi conquistada por direitos de seguridade que incluíram a garantia de assistência médica e de renda vitalícia, não só para trabalhadores urbanos, mas também rurais. A partir de 1971, os/as trabalhadores/as rurais foram incluídos no Programa de Assistência ao Trabalhador Rural (PRORURAL), executado pelo Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural⁵.

⁴ Conferência Interamericana de Seguridade Social. México, 1995. p.5-6.

⁵ Ver: HADDAD, Eneida G. de Macedo. **O Direito à velhice**: os aposentados e a previdência social. São Paulo: Cortez, 1993.

O Sr. Marcos Wandresen⁶, um dos meus entrevistados, contou-me de forma emocionada (como o narrador de Benjamin⁷, que mergulha na vida para retirar a narrativa com arte), sua participação efetiva neste momento que instituía o FUNRURAL:

Você nem imagina a minha felicidade por ter escrito a Lei do FUNRURAL para o Deputado Ademar P. Ghisi e ajudado a construir o FUNRURAL e quando fui convidado a assistir a entrega da primeira aposentadoria, como reconhecimento. Depois me convidaram para assistir, em Manaus, a primeira reunião da comissão revisora, onde um agricultor tinha sido denunciado, ele tinha que perder a aposentadoria. Na audiência era para ser decidido o desfecho desse agricultor que havia sido denunciado. Esse agricultor não compareceu, mas compareceu o vizinho dele, e disse para a comissão (acho que todo mundo chorou naquela hora): eu vim, levei sete dias de canoa pra chegar aqui, vou levar oito dias pra chegar de volta, pra testemunhar que meu vizinho é agricultor como eu, que está no fundo da cama e que vim trazer o meu testemunho para vocês, para vocês não pensarem que ele está se omitindo, está fugindo da obrigação, não, eu me ofereci para vir e ele me pediu que dissesse que ele sentia muito não poder estar aqui, mas que ele não tinha condições, estava no fundo da cama. Você imagina o testemunho de uma pessoa sem receber nada, mas para dizer a verdade para uma comissão, para não tirar aquela aposentadoria de meio salário mínimo à época.

Vivia-se um momento inicial na construção de direitos aos idosos – aqueles sobre os quais, até então, pouco se falava não fosse para demonstrar o pesar, a concordância com um sentimento de desgraça que se abatia “naturalmente” sobre eles. Para citar um exemplo da década anterior, já que neste capítulo dou ênfase às falas de jornais catarinenses, lembrava-se o que foi consagrado como “dia do idoso” (27 de setembro), como o “Dia dos velhinhos”:

Neste dia de saudades e reminiscências, por certo, muitos daqueles farrapos humanos hão de relembrar a alegria de sua mocidade, invocando

⁶ O Sr. Marcos Wandresen concedeu-me este depoimento no dia 10 de maio de 2005. Ele estava com 72 anos de idade, então. Sua vida foi marcada pela participação política: foi primeiro prefeito de Rio Fortuna e de lá galgou outros postos no estado e no país. Foi representante do Conselho Estadual no Conselho do Idoso e presidente no Conselho Estadual da Criança e do Adolescente. O Sr. Wandresen foi muito cuidadoso com sua fala: fez questão de rever a transcrição, apesar da demora em me retornar, pois havia sido acometido subitamente de problemas do coração. Ele fez várias correções, inclusive gramaticais, a lápis no texto transcrito, mas não retirou nada do teor da sua fala inicial.

⁷ BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas. Vol.1. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 205.

os belos tempos que, longe dos de hoje, tinham um lar, embora humilde, mas honrado. São os velinhos internados no Asilo Irmão Joaquim, a história da gente e terras florianopolitanas, patrícios nossos que, hoje, vivem naquela casa de assistência social, mantida pelo generoso povo catarinense, e dignamente administrada por uma pleiade de cidadãos da nossa sociedade, que tudo fazem para dar um pouco de alegria e bem-estar àqueles nossos irmãos, que no último quartel de sua vida, aguardam o chamado de Deus.⁸

Os “farrapos humanos” eram esses “velinhos” do asilo, em 1961, na fala do jornal. Pela caridade de alguns “cidadãos”, eles (sem cidadania, então) aguardavam o dia da morte. Ou do sepultamento? Vida eles pareciam não ter mais, pois houve um tempo que eles tiveram um “lar honrado” e alegria, só lhes restando a memória. Velhos, depositários de histórias, necessitados de assistência, receptores de um “pouco de alegria” fraternalmente a eles doada. Esses sujeitos decadentes narrados pelo jornal eram dignos de piedade. Esse tipo de referência que se tornou pejorativa à velhice, era ainda recorrente na década de 70.

Simone de Beauvoir, em 1970, publicou em Paris, pela Gallimard, “La vieillesse”. Em 1976, a obra chegara ao Brasil, pela Difel, e tornara-se desde então um clássico sobre o tema do envelhecimento. A autora colocava-se pessimista e até incitava os leitores a quebrar o silêncio sobre o assunto. Ela dizia que a velhice provocava repugnância às pessoas, de tal forma que seria ela que se opunha à vida e não a morte⁹. Chega a se referir à velhice como “aquilo” (com grifo em itálico da autora) que ninguém quer para si. Eis uma citação na qual Beauvoir coloca a aversão e negação das pessoas à velhice:

Diante da imagem que os velhos nos propõem de nosso futuro, permanecemos incrédulos; uma voz dentro de nós murmura absurdamente que *aquilo* não vai acontecer conosco; não será mais a nossa pessoa

⁸ A *Gazeta*, 27/09/1961.

⁹ BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 659-660.

quando *aquilo* acontecer. Antes que se abata sobre nós, a velhice é uma coisa que só concerne aos outros. Assim, pode-se compreender que a sociedade consiga impedir-nos de ver nos velhos nossos semelhantes.¹⁰

Em 1977, Madalena Souto da Silva, foi apresentada como psicóloga pelo jornal *O Estado*, de 8 de outubro. Ela teria dado, em Florianópolis, um “treinamento” para 38 alunos objetivando “aperfeiçoar o padrão de atendimento dispensado ao idoso” e teria citado a obra de Simone de Beauvoir para argumentar contra a economia capitalista de produção responsável pela exclusão dos velhos, provocadora conseqüente da solidão, do abandono e produtora de uma anti-política contra a velhice, segundo o jornal.

Georges Minois argumenta que este silêncio sobre o envelhecimento na historiografia pode ser entendido, não pela suposta precariedade das fontes como teria denunciado Beauvoir, mas sim porque esta estaria integrada no conjunto da documentação sobre os adultos – o que mostra que as sociedades antigas não dividiam a existência como fizera a modernidade: “Cada tipo de organização sócio-econômica e cultural é responsável pelo papel e imagem dos seus velhos. Cada sociedade segrega um modelo de homem ideal e é desse modelo que depende a imagem da velhice, a sua desvalorização ou valorização.”¹¹

A modernidade instituiu a divisão etária da existência. No ciclo da vida, passou-se a valorizar mais determinada faixa etária, considerada produtiva, em detrimento de outras. A infância, inventada no século XVIII e privilegiada no XIX, como diz Philippe Ariès¹², recebeu maiores preocupações por ser uma etapa preparatória à fase adulta. Do

¹⁰ BEAUVOIR, S. de. Op. Cit. p. 12.

¹¹ MINOIS, Georges. **História da velhice no ocidente**: da antiguidade ao renascimento. Lisboa: Teorema, 1999. p. 18.

¹² ARIÉS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981

outro lado, no final do ciclo da vida, a velhice ficou relegada quase ao esquecimento pela escala valorativa na cadeia de produção da vida moderna.

Na década de 1970, dizer que uma pessoa aos 60 anos de idade entrava na “terceira idade” soava estranho. Ela era “velha”: assim genericamente se referenciava. Ser “velho” ou “velha” era como que um fardo pesado construído pela geração que viveu a modernização. O desenvolvimento do capitalismo nas sociedades modernas transformou o sujeito que não “servia” mais ao mercado produtivo, em: aposentado, improdutivo, inativo – velho. Ser “velho” ou “velha” era ser invisível. Justificava-se que numericamente, no Brasil, eles não formavam uma população vultosa, por isso não seriam tão relevantes políticas e recursos destinados aos envelhecidos. O crescimento desta população passou a ser então o estopim de todas as justificativas.

Na tabela seguinte podemos ver, comparando as colunas a partir de 1970, que paulatinamente a quantidade de população em idade de 0 a 4 anos de idade se aproxima do percentual da população idosa (com 60 anos de idade ou mais) . A primeira infância diminui de 14,6 % da população absoluta, em 1970, para 9,9% em 1996; enquanto a população idosa aumenta de 5,2% da população absoluta, em 1970, para 8,1%, em 1996.

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO							
GRUPOS DE IDADE	1940	1950	1960	1970	1980	1991	1996
População absoluta (1 000 hab.)	41 236,3	51 944,4	70 191,4	93 139,0	119 002,7	146 825,5	157 070,2
População relativa (%)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
0 a 4 anos	15,6	16,1	16,0	14,8	13,8	11,3	9,9
5 a 9 anos	14,0	13,5	14,5	14,4	12,4	11,9	10,4
10 a 14 anos	12,9	12,1	12,2	12,7	12,0	11,6	11,2
15 a 19 anos	10,8	10,6	10,2	11,0	11,4	10,2	10,6
20 a 24 anos	9,3	9,6	8,9	8,9	9,7	9,2	9,2
25 a 29 anos	8,1	8,0	7,5	7,0	7,9	8,6	8,3
30 a 34 anos	6,3	6,2	6,4	6,1	6,6	7,5	7,9
35 a 39 anos	5,6	5,9	5,6	5,5	5,3	6,5	6,9
40 a 44 anos	4,7	4,6	4,6	4,9	4,8	5,3	5,9
45 a 49 anos	3,6	3,8	3,9	3,8	3,9	4,2	4,7
50 a 54 anos	3,0	3,0	3,1	3,2	3,5	3,5	3,7
55 a 59 anos	1,9	2,1	2,3	2,5	2,6	2,9	3,1
60 a 64 anos	1,7	1,8	2,0	1,9	2,1	2,5	2,5
65 a 69 anos	0,9	1,0	1,1	1,3	1,7	1,9	2,1
70 a 74 anos	0,7	0,7	0,8	0,9	1,1	1,3	1,4
75 a 79 anos	0,4	0,4	0,4	0,4	0,7	0,9	0,9
80 anos ou mais	0,4	0,4	0,4	0,5	0,5	0,8	0,9
Idade ignorada	0,1	0,2	0,1	0,2	0,1	0,0	0,3

Fonte: “Tabela 2.9 – Distribuição da população, por sexo, segundo os grupos de idade – 1940-1996”. In: **Estatísticas do Século XX**. Rio de Janeiro: IBGE, 2003. CDRom

Mara Rúbia Sant’Anna¹³ escreveu uma “história da assistência social ao velho” no Brasil da década de 1960. Ela detinha seu olhar sobre o “inativo”, “o velho cidadão trabalhador” que teve uma história marcada pela separação entre a argumentação caritativa, que vinha das primeiras décadas do século XX, e a científica, que articula várias áreas de conhecimento em torno dos discursos sobre envelhecimento nas últimas décadas do mesmo século. Mara Sant’Anna coloca estes sujeitos de sua análise – os “velhos” – como cidadãos

¹³ SANT’ANNA, M.R. **O velho no espelho**: um cidadão que envelheceu. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2000.

de direito, beneficiados pelo Estado. Despojados de cidadania, eram rotulados como infelizes. Ela, então, discute as várias representações do “velho” e sobre ele nesse período.

A década de 1970 impulsionou um processo discursivo que buscou retirar dos sujeitos envelhecidos a própria denominação de “velhos” – por isso coloco esta palavra entre aspas, entendendo que ela também tem historicidade. Idoso, aos poucos, foi se tornando uma convenção, politicamente correta, para designar os sujeitos de mais idade – o que, desde 1942, a Organização das Nações Unidas convencionou ser as pessoas acima dos 60 anos.

Marcelo Salgado fora, no Brasil, uma das vozes autorizadas para falar sobre o envelhecimento. Desde a década de 1970, ele trabalhara como assistente social do SESC-SP (Serviço Social do Comércio de São Paulo) e seus estudos gerontológicos foram reconhecidos por ampla comunidade intelectual brasileira. Em Santa Catarina mesmo, ele foi um dos primeiros intelectuais a discutir na academia as questões emergentes da gerontologia na década seguinte. Salgado, traçando diagnóstico da situação do idoso no Brasil da década de 1970, escreveu que até então só existiam políticas assistenciais destinadas a instituições asilares, que por sua vez não davam conta da gama de problemas relacionados ao grupo etário envelhecido. Dentro desse contexto, ele denunciava:

(...) apesar dos permanentes esforços para redimensionar as formas de assistência ao idoso, no Brasil, ainda preponderam as instituições fechadas. Inspiradas no atendimento de urgência aos idosos dependentes, acolhem e prestam assistência a nível das necessidades mais diretas da subsistência. Este modelo, mais ou menos comum nas grandes cidades, reproduzido também para outras populações carentes, teve sempre grande apoio das instituições religiosas que, na grande maioria dos casos, foram as responsáveis pela sua implantação. A expansão rápida e nem sempre adequada desse tipo de recurso, se deve à gravidade da situação de um grande número de idosos abandonados a si mesmos, sem condições de por si só subsistir. O problema adquire novos aspectos porque, possivelmente

à falta de outro meio, os idosos independentes têm buscado acolhida nas instituições fechadas.¹⁴

Marcelo Antônio Salgado representa uma geração que iniciou um movimento que visava a dar visibilidade ao envelhecimento. Como ele, muitos envelheceram no curso das últimas três décadas. Ele mesmo, numa conferência proferida em 1999¹⁵, falando para participantes de grupos de terceira idade, evocava sua trajetória:

Costumo dizer, de um tempo para cá, que agora estou vivendo a minha problemática de DNA - Data de Nascimento Antiga. Quando comecei esse trabalho, há 30 anos, chegava nos ambientes da Terceira Idade e ouvia aquela referência: "Ah, Doutor Marcelo, um garoto". O tempo foi passando e de vez em quando eu ouvia outro tipo de observação: "Ah, o Marcelo ainda é jovem"! Agora já vão me perguntando: "Qual é mesmo o grupo a que o senhor pertence"? Ao longo desses 30 anos minha história também foi se formando e com ela a minha maturidade. Hoje, talvez eu esteja vivendo o tempo mais extraordinário da minha existência, que enfrento com naturalidade porque os senhores me ensinaram o significado do envelhecimento. Começo a viver a adolescência da minha envelhescência, porque também estou entrando na Terceira Idade. Espero entrar nela com um pouco mais de segurança, com maiores objetivos existenciais, que foram incorporados ao longo de 30 anos, observando o envelhecimento de cada um dos senhores; e as atitudes que cada um teve sempre em relação aos problemas, às dificuldades, e a nobreza com a qual cada um tem vivido o seu próprio envelhecimento.

A reflexão sobre as reivindicações, das quais muitas foram transformadas em políticas públicas, não só colocou o envelhecimento populacional na pauta das preocupações mundiais, como provocou uma mudança de posturas. Problemático envelhecer? Sim, sempre foi de certa forma pelos fatores do desgaste físico, afinal, parafraseando Minois: desde a pré-história envelhecer não era tarefa fácil, pois poucos são os fragmentos de esqueletos encontrados de pessoas que ultrapassavam os 30 anos.

¹⁴ SALGADO, M. In: "Velhice, uma nova questão social". 2. ed. São Paulo: SESC-CETI, 1982. Biblioteca Científica. Série Terceira Idade. p.106-107.

¹⁵ Conferência publicada na sessão de conferências do site do SESC-SP, acessado em julho de 2005.

Quando iniciei meus contatos com as várias pessoas que são fontes e referências nesta minha pesquisa, algumas citaram o Marcelo Salgado. Neuza Guedes, a primeira pessoa a mobilizar a criação do NETI (Núcleo de Estudos da Terceira Idade), na Universidade Federal de Santa Catarina, quando me concedeu entrevista, contou-me que ele fora convidado a presidir um debate pioneiro dentro da universidade para a época. Selma Junkes, atualmente coordenadora de grupos no SESC-SC, também, ao me indicar vários nomes de pessoas “interessantes” para conversar sobre minha pesquisa – nomes que representavam referências para as organizações dos grupos que se formavam – passou-me o correio eletrônico de Marcelo Salgado. Ele prontamente me respondeu e, através do SESC-SP, foi-me enviado um volume da biblioteca de lá: uma obra de sua autoria, editada inicialmente em 1980 (recebi a 2ª edição, de 1982). Nessa obra, que considero também um documento de época, entre os dezesseis autores elencados na bibliografia, há uma predominância de referências francesas e clássicas, como: Freud, Simone de Beauvoir e Claudine Attias-Donfut. Entre os dois autores nacionais referenciados, um deles é o próprio Salgado. O que nos faz pensar que não existia uma literatura nacional significativa que discutisse o tema do envelhecimento, suas questões subjetivas e das gerações.

Não existiam inventários quantitativos, muitos idosos não sabiam de seus direitos. Na área rural, por exemplo, profissionais colocados em contato com esta população, ou políticos interessados no voto, faziam um trabalho de facilitação aos acessos beneficiários (aposentadorias, pensões e atendimento médico, principalmente). A Prof^a Neuza Guedes conta sua experiência nesta época:

Chegou 75, surgiu um programa dentro do INPS que se chamou de assistência direta e indireta a pessoas mais velhas, idosas (...) A assistência direta seria feita através de grupos de pessoas idosas, que se

reuniam uma vez por semana, e o INPS dava uma ajuda supletiva para se comprar lanches, para se comprar material para se fazer artesanato, ou seja, se subentendia que o idoso era alguém carente economicamente. Assim nasceu o programa, lá dentro do INPS. A assistência indireta era feita através de convênios com asilos, casas de repouso que precisariam ser classificadas. Então ia lá uma assistente social, um médico e uma funcionária administrativa ver as condições desses lares, desses asilos, porque se queria ou se estimava ou era meta não se fazer convênio com depósito de velhos e sim com instituições que dessem realmente uma assistência digna a pessoas idosas. Assim era previsto que o asilo tivesse uma equipe de fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, enfermeiro, etc. – tudo aquilo que o idoso precisasse no seu envelhecimento biológico, psicológico e social. Só que naquela época, não existia, aqui na nossa realidade nem em quase todo Brasil, fisioterapeuta e terapeuta ocupacional – isso era coisa que ninguém imaginava que viesse a se tornar real. Então impediu de a gente fazer convênio – isso enquanto eu era assistente social do INPS.¹⁶

A Professora Neusa, no seu depoimento, denunciava um tipo de concepção assistencialista da época, cuja mentalidade era suprir as necessidades básicas (saúde e alimentação) e de ocupação (com o artesanato). Ao mesmo tempo, foi este trabalho assistencialista que permitiu a faceta de seus reveses: as denúncias, as reivindicações – a visibilidade.

I. 2 - Santa Catarina e o cenário da capital

Foi principalmente na década de 1970, que a capital de Santa Catarina, Florianópolis, teve seu crescimento populacional urbano acelerado em função da ampliação do setor público: a implantação da Universidade Federal de Santa Catarina e a Eletrosul,

¹⁶ Entrevista concedida aos 7 de março de 2003.

especialmente. Grandes obras modificaram o cenário urbano, como a construção de grandes vias de acesso e de escoamento do transporte rodoviário, sobretudo, a BR-101 (ligando a capital a outras cidades litorâneas) e a BR-470 (ligando o litoral a cidades interioranas). Esta expansão acabou por atrair um outro filão à economia local: o turismo. “A cultura urbana do lazer e da busca dos balneários iniciada naquela época [década de sessenta], desencadeou assim um processo que viria a adquirir um ritmo incontrolável a partir do crescimento do fluxo turístico no fim dos anos 70.”¹⁷

Santa Catarina tem a particularidade de ter uma capital cujo crescimento urbano não pode ser comparado às cidades que se expandiram em função dos processos de industrialização, como Blumenau e Joinville, por exemplo. A provinciana cidade portuária e centro administrativo, assim ficou conhecida até inícios do século XX. A construção da Ponte Hercílio Luz, atualmente cartão-postal e símbolo de Florianópolis, inaugurou, em 1926, uma nova faceta do crescimento urbano, pelas facilidades que foram se ampliando de acesso à ilha, a descoberta e exploração de suas belezas naturais, especialmente as praias (sempre ouvi dizer que são 42, mas nunca consegui contar, ou achar, todas no mapa).

Lembro-me que quando eu era criança, na década de setenta, eu visitava meus avós nos Ingleses (praia ao norte de Florianópolis) e cansávamos de andar (eu, meu irmão mais velho e minha mãe) em picadas de areia fina, fatalmente nos tornando vítimas dos bichos-de-pé. Não havia luz elétrica na casa dos meus avós. Foi nesta década que a CELESC (Centrais Elétricas de Santa Catarina) ampliou as redes aos bairros do interior da ilha. Hoje, Ingleses é o maior balneário de Florianópolis, com uma população de cerca de 30 mil habitantes – o que corresponde a um município de porte médio em Santa Catarina.

¹⁷ Centro de Estudos Cultura e Cidadania. **Uma cidade numa ilha**: relatório sobre problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina. CECCA. Florianópolis: insular: CECCA, 1997. p.111.

O crescimento urbano por conta desses setores econômicos já citados, fez crescer uma classe média e alta, especialmente aquela população atraída pelo turismo, e transformou Florianópolis na melhor capital para se envelhecer. Isto tem tido forte expressão na mídia:

Na última década, o número de pessoas com mais de 60 anos aumentou 55 % - o maior crescimento entre as capitais nas regiões sul e sudeste e superior à média registrada no país. Os aposentados, vindos principalmente do Rio Grande do Sul e de São Paulo, transformaram a cidade. Eles fazem parte da grande leva de brasileiros que se aposentaram pela previdência complementar. Ou seja, têm dinheiro no bolso. Florianópolis é a segunda cidade no ranking das capitais em termos de poder aquisitivo dos moradores mais velhos. Só perde para Brasília. Os aposentados de Florianópolis detêm a taxa mais elevada de escolaridade do país e formam um mercado consumidor que está impulsionando a economia local.¹⁸

Os dados resultantes de uma pesquisa recente sobre o perfil dos idosos de Florianópolis¹⁹ contestam este discurso idílico. Mostram que cerca da metade da população idosa vive com renda de até três salários mínimos, destes: 27,7% recebem até um salário mínimo e outros 26,3 % ganham de um a três mínimos. E apenas 17,3% desta população ganha acima de 10 salários mínimos. No quesito escolaridade, a mesma pesquisa destaca que 11,9% dos idosos possuem nível superior e, em contrapartida, quase 63% são analfabetos ou semi-analfabetos. Considerando o tempo de permanência, apenas 24,2% desta população idosa vive na cidade a partir das três últimas décadas do século XX. A maioria é brasileira (98,6%), sendo que: 79,2% são nascidos em Santa Catarina e o restante

¹⁸ Revista Veja, 4 de junho de 2003. p.87

¹⁹ BENEDETTI, Tânia R.B.; PETROSKI, Édio Luiz; GONÇALVES, Lúcia H.T. **Perfil do idoso do município de Florianópolis/SC**: relatório final de pesquisa. Florianópolis: UFSC, 2004.

é natural de outros estados (com incidência maior para os 10,6% provenientes do Rio Grande do Sul e 3,7% de São Paulo).

Se os números apresentam elementos para questionarmos a propalada “qualidade de vida” e o sonho paradisíaco alimentado pelo comércio do turismo e dos discursos da mídia, não podemos desconsiderar que, em comparação (se coubesse aqui fazer) a tantas outras capitais espalhadas pelo litoral brasileiro, esta ainda apresenta números sempre menores de população e, conseqüentemente, de violência urbana (assunto muito em voga na mídia atualmente e que resulta em fator de expulsão das grandes cidades). Todavia, salvo suas devidas proporções, é no mínimo cauteloso atentar para os problemas que atingem a todos - contemporâneos dos mesmos conflitos.

As particularidades que deram visibilidade à Florianópolis como cidade ideal para se envelhecer, somadas às mobilizações de diferentes instituições e pessoas, foram fundamentais na definição do meu objeto de pesquisa e do recorte local para a abordagem de algumas problemáticas do envelhecimento que pulsaram de maneira singular numa determinada época. Através dos jornais de maior circulação no estado e alguns depoentes de instituições envolvidas com as questões do envelhecimento, procuro perceber como e que preocupações sobre o tema perpassam por esses veículos, bem como algumas respostas do entorno social.

I. 3 – 1976: um marco

Havia três jornais de maior circulação, durante a década de 1970, no estado de Santa Catarina: *A Gazeta*, o *Jornal de Santa Catarina* e *O Estado*. O jornal *O Estado* foi, durante esta década, o que obteve maior penetração em todo o estado catarinense e o maior concorrente do *Jornal de Santa Catarina*. Este último, segundo Moacir Pereira²⁰, passou por uma crise nesta década e o seu controle acionário ficou em mãos de um grupo de empresários e políticos vigentes, com forte vinculação aos Konder Bornhausen. Estes políticos, ainda atuantes no cenário estadual e federal, têm longa história ligada aos partidos de direita. Durante a ditadura militar, eles foram partidários da ARENA (Aliança Renovadora Nacional), composta basicamente de ex-PSDistas (do antigo Partido Social Democrático) e ex-UDNistas (da União Democrática Nacional). Com o fim do bipartidarismo, em 1979, através da Emenda Constitucional n.11, e conseqüente extinção da ARENA, os políticos de direita migraram principalmente para o PDS (Partido Democrático Social) e o PL (Partido Liberal), que, nas décadas seguintes, reconfiguraram-se, inclusive modificando suas siglas partidárias.

Segundo o jornalista Moacir Pereira²¹, o jornal *O Estado* não tinha vinculação partidária. Todavia, Yan Carreirão²² conta que Aderbal Ramos da Silva comprou o

²⁰ PEREIRA, Moacir. **Imprensa e poder**: a comunicação em Santa Catarina. Florianópolis: Lunardelli; FCC Edições, 1992.

²¹ Moacir Pereira, no final da década de 1970 coordenava uma equipe que implantou o Curso de Jornalismo na UFSC. Lecionou até sua aposentadoria. Foi presidente do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina e é autor de mais de uma dezena de livros. Defende obstinadamente a liberdade de imprensa. <http://www.jornalismo.ufsc.br/departamento/historia.html> > pesquisado em 13/03/2007.

referido jornal em 1945, e este investimento forneceu “sólida estrutura de comunicação” para o PSD, em Santa Catarina, pois o dono do jornal era “um dos membros mais proeminentes da oligarquia Ramos”. Talvez devamos entender que o jornalista Moacir Pereira quisesse se referir ao formato do jornal, que fora um dos primeiros no Estado a não se anunciar partidário. Pereira lembra que *O Estado* era editado por profissionais de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, lançara projetos novos, transformando-se, então, no principal veículo de informação jornalística impressa, sobretudo na capital catarinense, especialmente depois de adquirir sede própria (na Rodovia SC-401), em 1977. Por isso, ao trabalhar com jornais de maior circulação em Santa Catarina nesta pesquisa, é *O Estado* que se sobressai aos outros jornais, pelo menos até 1987, quando o *Diário Catarinense* entra no mercado definitivamente como seu maior rival.

Em 25 de maio de 1976, *O Estado* estampava como manchete de capa: “Estado dá pouca assistência aos velhos”. Na página 16, o título da matéria era “Os velhos não tem para onde ir”. A reportagem divulgava uma pesquisa, encomendada pelo governo federal ao Serviço Social do INPS (Instituto Nacional de Previdência Social), aos cuidados de Neusa Guedes²³, para subsidiar “uma política de ação mais abrangente nesta área”. Os dados da pesquisa deveriam servir de diagnóstico para ser discutido no I Seminário Regional sobre o Idoso na Sociedade Brasileira, que aconteceu depois, em junho do mesmo ano, em São Paulo. Este trabalho de coleta revelou que existiam, então: “618 idosos abrigados em Santa Catarina (...) 59.408 idosos ainda não atendidos pela Previdência Social e 5.901 recebendo Renda Mensal Vitalícia (2.790 pelo INPS e 3.111 pelo Funrural).” A pesquisa e a reportagem, por conseguinte, concluíram que, em Santa Catarina, não existia nenhum

²² CARREIRÃO, Yan de Souza. **Eleições e sistema partidário em Santa Catarina (1945-79)**. Florianópolis, 1988. Dissertação de Mestrado em Sociologia. p. 51.

²³ Neusa Mendes Guedes, em entrevista concedida no dia 07/03/2003, confirmou o fato.

programa de especialização em gerontologia e geriatria, tendo “apenas 6 pessoas em todo o Estado com conhecimentos mais aprofundados nestas ciências”, embora não citassem nomes.

No dia seguinte, em desdobramento à reportagem anterior, *O Estado* denunciou “O retrato de uma sociedade que está preocupada em valorizar apenas os jovens”. Sob este título, a reportagem criticava a situação dos asilos, falando que o objetivo não deveria ser só abrigar, mas “promover o idoso”, no entanto tinham que se desdobrar em alternativas de renda para manutenção das instituições que abrigavam idosos. Foram citados na matéria: a SERTE²⁴, que para se manter vendia produtos agropecuários; o Lar Dona Zulma²⁵ que alugava um imóvel; e a instituição Irmão Joaquim²⁶, que alugava quartos para professoras aposentadas em troca de 50 % de seus rendimentos.

Aos 28 de setembro de 1976, *O Estado* noticiou uma comemoração do “Dia do idoso”, acontecido no dia anterior no Asilo Irmão Joaquim, com café da manhã e almoço especial organizado por “grupos de mulheres pertencentes a clubes de serviços e voluntárias”. Essas voluntárias, “12 mulheres”, reuniam-se todas as terças-feiras sob orientação de uma assistente social do INPS “para conversar com os velhinhos, ouvir suas queixas e problemas” bem como incentivá-los a “participar de alguma atividade, como por exemplo, de trabalhos manuais”.

A rede de voluntariado aparecia com frequência associada ao assistencialismo governamental. Essas voluntárias, muitas vezes, estavam ligadas a igrejas, aos sentimentos de filantropia ou de caridade. A importância do trabalho das mulheres em entidades

²⁴ SERTE (Sociedade Espírita de Recuperação Trabalho e Educação), desde 1957, estabeleceu-se na Cachoeira de Bom Jesus, bairro ao norte da ilha – Florianópolis.

²⁵ Segundo o Diário Catarinense de 25/09/1990, o Lar nasceu da idéia de um grupo de senhoras espíritas, entre elas a Dona Zulma, que formavam uma associação que, no final da década de 50, distribuía mantimentos a idosos.

²⁶ Asilo mais antigo da cidade, construído em 1910, no centro da cidade, situado na Av. Mauro Ramos.

filantrópicas, neste caso nos asilos, embora reconhecida pela historiografia, ainda é considerada como atividade menor ou como forma de auto-ajuda para elas mesmas que buscam ocupação e ou até mesmo promoção de seus maridos, lembra Maria Lúcia Mott²⁷, quando escreveu sobre mulheres de elite nas primeiras décadas do século XX. Sua reflexão cabe para esta situação emergente na década de 1970.

Mulheres que trabalharam como liderança, à frente de entidades, são mais facilmente identificáveis em meio a um grande número de anônimas que dedicaram boa parte de suas vidas ao cuidado de outros(as), pois é sabido, ainda numa cultura presente, o quanto se espera das filhas e/ou noras a responsabilidade pelos mais velhos (pais, tios, sogros) no espaço domiciliar. Quando não, as mulheres, muitas delas também envelhecidas, ainda encontram tempo para se ocupar com o cuidado, limpeza e distração de seus contemporâneos, com quem passam a estabelecer ligações, se não profissionais, afetivas, e por isso talvez fujam da lógica do capital, do trabalho remunerado, e estejam tão presentes nas redes de caridade e filantropia.

Michelle Perrot diz que, desde o século XIX, as mulheres “edificaram um poder social muitas vezes conquistador e assumiram uma missão moral da qual a filantropia foi a forma mais corrente”. E, concordo com ela, que esta foi uma “forma de feminismo”²⁸. Elizabeth Fox-Genovese também já falava de um tipo de feminismo que vem de tempos imemoriais, quando mulheres recorriam à metáfora das irmandades, como nos Estados Unidos do século XIX, para suportar a opressão e construir mecanismos de resistências. As reuniões para lavar roupa nos rios, para capinar ou para orar, teriam colaborado para

²⁷ MOTT, M. L. “Maternalismo, políticas públicas e benemerência no Brasil (1930-1945)”. Texto cedido pela autora, produzido em novembro de 2001.

²⁸ PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru/SP: EDUSC, 2005. p. 277.

produzir revoltas em defesa do espaço vital e de uma identidade coletiva para si próprias e para seu povo²⁹.

Ainda no ano de 1976, *O Estado*, de 2 de novembro, havia noticiado a vinda do então Presidente Ernesto Geisel para a inauguração do Hospital das Clínicas da PUC-RS. O colunista do jornal, Gustavo Neves³⁰, citou a seguinte fala do presidente: “O brasileiro está vivendo mais. Cuidamos de nossas crianças, mas precisamos cuidar dos velhos, que até agora deixamos de lado”. O jornalista atribuía esta fala à “benevolência” e “altivez” do presidente que, como outros “abnegados” e de “alma fidalga”, “se voltam a obras de piedosa assistência aos velhinhos, recolhendo-os a asilo quando de todo lhes falte um lar em que hajam posto suas esperanças e as tenham afetuosamente confirmadas”. Ainda aqui, observa-se o discurso do assistencialismo que promove os governos.

Guilherme Godoy, entrevistado por Ivani Borges em *O Estado* de 02/10/1976, foi citado como o único especialista em geriatria no Estado. O médico explicava que a geriatria “se preocupa com as doenças físicas”, enquanto a gerontologia “com problemas psicológicos criados na mente das pessoas, que se mantêm rejeitadas pela família e pela sociedade”. Os gerontólogos não parecem concordar com essa definição psicológica do Dr. Godoy, mas o que vale pensar aqui é a quantidade de polêmicas sobre a questão da velhice que foram fomentadas nos jornais a partir da pesquisa de maio de 1976. Na reportagem, Godoy afirmou:

Se os velhos soubessem o que podem fazer aos 60 anos... mas a sociedade os mantêm sob preconceitos, tornando-os, conseqüentemente, velhos. Então eles ficam com complexos até quanto a sua vida sexual. As pessoas

²⁹ FOX-GENOVESE. “Para além da irmandade”. **Revista de Estudos Feministas**. N.0. Rio de Janeiro: CIEC/ECO/UFRJ, 1992.

³⁰ Gustavo Neves morreu em abril de 1980, aos 81 anos. Ele foi cronista do jornal *O Estado* durante vários anos e também foi secretário de Estado. Embora já idoso quando escreveu esse artigo, ele não se incluía entre estes “velhos” dos quais falava.

de 30 a 40 anos ainda podem falar sobre suas relações sexuais, mas todos proíbem e condenam uma pessoa de 60 anos de exercer seus direitos.

O doutor reivindicava o direito de exercer a sexualidade na senectude e parece colocar na cultura, e não no corpo envelhecido ou nas explicações biológicas, o problema da impotência, que seria resultado das proibições e dos silêncios impostos aos idosos.

A reivindicação da sexualidade como direito, implica no trabalho discursivo que produz masculinidades e feminilidades e se direciona a tomar a juventude como padrão. Nesta década ainda são tímidas as pesquisas e soluções para os “problemas” da impotência. Não ter um desempenho sexual como na juventude era, e talvez ainda seja para muitos, não ter vida sexual, pois se tende a desconsiderar o carinho, o afeto e o cuidado com o outro, como valor fundamental na sexualidade dos casais ou pessoas idosas. O desempenho passa a ser sinônimo de medida: quantas vezes, tantos gozos ou orgasmos – quanto mais melhor, grosso modo. O antropólogo Rogério Lopes Azize, muitos anos depois, fazendo uma pesquisa entre usuários do Viagra (medicamento lançado no Brasil em 1998, pelo laboratório Pfizer), mostra o quanto a pílula azul mexeu no imaginário da masculinidade, que implica num desempenho esperado para um “homem de verdade”. Segundo Azize, existe uma especificidade: “não se trata apenas de atingir um padrão viril assumido como dominante, mas de parecer, transparecer, falar, demonstrar esta situação”³¹. A pílula, então, propiciou a possibilidade de voltar a ter este tal “padrão viril”, pois ninguém precisa confessar sua ingestão, o próprio fato de ser ingerido permite à pessoa esconder o uso de uma solução para um “problema” imediato, a ereção, quando antes era preciso evocar o

³¹ AZIZE, Rogério Lopes. “Masculinidade, Viagra e saúde: um olhar antropológico”. In: RIAL, Carmem S. M.; TONELLI, Maria Juracy F. (orgs.). **Genealogias do silêncio: feminismo e gênero**. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2004. p. 174.

aparato de artifícios aparentes (a exemplo das próteses). Como essa é uma discussão das décadas posteriores, as mulheres, por tomarem a dianteira participativa e expressiva nos espaços de convivência para pessoas idosas que foram se constituindo neste momento, puderam também discutir ou participar do debate mesmo que indiretamente (pois o feminismo era emergente e importante naquele momento no sentido de discutir) sobre a sexualidade. Estes espaços de convivência para pessoas idosas não eram mais controlados, vigiados e moralizados pela autoridade da Igreja. Afinal, muitas das mulheres que participaram de grupos de idosos, migraram de reuniões de mães e associações (de congregadas) ligadas à Igreja.

Em 19/06/1976, *O Estado* elencou, a partir dos dados levantados que seriam apresentados no I Seminário já citado, as sugestões a serem apresentadas no evento: implementação de cursos sobre geriatria e gerontologia, bem como de programas de lazer incentivando a participação do idoso; inclusão nas disciplinas de Educação Moral e Cívica (obrigatória no então 1º grau), OSPB (Organização Social e Política Brasileira, obrigatória no currículo do 2º grau) e EPB (Estudos dos Problemas Brasileiros, disciplina então obrigatória nos currículos do ensino superior) de matéria específica sobre o idoso. Como “atos oficiais”, propunham-se a “inclusão nos formulários do próximo censo de questionários que objetivem a obtenção de dados relativos ao idoso” – porque até então os censos não traziam dados específicos.

No dia 9 do mês seguinte, *O Estado* já divulgava os resultados do I Seminário. A partir de agosto de 1976, o INPS firmaria um convênio com a SERTE para pagamento de um salário mínimo e meio para internos não segurados. O Ministério da Previdência mandou pedir que enviassem cópias das redações vencedoras do concurso promovido pelo

INPS nas escolas da grande Florianópolis em junho, e que tinham sido divulgadas no Seminário.

As três redações selecionadas foram publicadas em *O Estado*, de 06/06/1976. A pergunta motivadora era: “O que as crianças pensam sobre os velhos?”

Karla Cristina, então com 8 anos de idade, teve sua pequena poesia selecionada. Ela era aluna da 2ª série da “Escola Básica de Demonstração Lauro Muller” e escreveu:

O Velho
O velho gosta da gente.
O velho é bom para todos.
O velho é filho de Deus.
O velho gosta das crianças.
O velho é amigo da gente.

Só faltou a Karla concluir que velho é gente, pois para ela não era preciso temê-lo, ele é um semelhante, um filho de Deus – não é um bicho-papão!

João Bayer, na época com 9 anos e aluno da “Escola Básica Cruz e Souza”, de Tijucas, foi também selecionado com a seguinte redação:

Velhinho...
Eu vejo o velhinho como uma criatura maravilhosa que merece todo o nosso respeito, todo o nosso carinho. No velhinho eu vejo a pessoa do meu avô a quem eu quero muito, porque está sempre me contando histórias, me falando coisas do seu tempo. As pessoas mais velhas sabem muitas coisas e ensinam aos mais novos. Procuram sempre transmitir conselhos com o propósito de encaminharem as crianças para uma vida honesta e sadia. Eles já viveram muitos anos e por isso estão cansados, com os cabelos brancos e a pele enrugada. Eles recordam com saudades o tempo em que eram crianças e brincavam como nós. Devemos sempre obedecer aos mais velhos, dar-lhes bastante atenção e nossa ajuda sempre que precisarem.

A família Bayer tem, e naquela época tinha ainda mais, forte reputação de pioneiros e “propulsores do progresso”³² em Tijucas. Todos descendem do Coronel João Bayer, por sua vez descendente de imigrantes alemães, que instalou comércio na cidade. Seus descendentes ocuparam cargos políticos, muitos tiveram oportunidades de estudar em escolas bem conceituadas fora da cidade e até do Estado, chegando a advogados, políticos, literatos e professores. Não há porque estranhar a referência familiar na redação de João Bayer, especialmente no dizer da obediência e do seguir os conselhos. Todavia, está impresso na redação o sentido da velhice como depositária de memória e a qual se deve respeito.

Teve sua redação selecionada também José Luiz Gaspar, então aluno da “Escola Básica Getúlio Vargas”, do bairro Saco dos Limões, de Florianópolis. Aos 14 anos de idade, ele escreveu:

Compreender o que eles sentem...

Hoje em dia, não só os jovens como os adultos, olham para uma pessoa de cabelos grisalhos, pensam, ou até dizem na própria cara: “- Você está ultrapassado, bicho! Não vai mais transar o batente, falou!” E há outros que, mesmo com delicadeza, conseguem afligir o coração dos velhos. Mas isso não deve ser feito. Eu acho que uma pessoa deixa de ter valor como gente, como ser humano, quando ela perde a dignidade e o respeito à liberdade e à individualidade do próximo. Como sabemos, até um velho paraplégico tem algo a oferecer de si. Mas para que isso saia de dentro dele, é preciso introduzir a plena consciência de êxito, a qual ele já perdeu com a falta de amor, carinho e compreensão. Você, jovem de hoje, olhe sério para o rosto do seu coroa... pense um pouco, sente ao seu lado... dê-lhe um abraço... um beijo... Diga-lhe palavras encorajadoras... Ele haverá de reconquistar a confiança perdida. Levantará para seguir em frente, sem desistir, até que seus olhos se fechem para não mais olhar o mundo(...)

³² CAMPOS, Ademar; BARENTIN, Leopoldo. **Fatos e fotos da história tijuquense**. 1994. p. 170.

O concorrente José Luiz ainda finalizou sua redação dizendo que o velho é como uma “árvore envelhecida” mas que precisa ser amada, pois ainda não morreu. Ele conclamava o respeito ao velho, denunciava o estigma pejorativo da não produtividade da velhice. Para ele, ou para os que opinaram também na escritura da redação, o velho, vitimado e abalado na sua auto-estima, devia ser respeitado pelo que foi e por isso só tinha a receber: compreensão, palavras de alento, gestos de carinho e afeto para que pudessem talvez suportar o que ainda faltava viver.

As redações foram escritas, mesmo que com ajuda e correções, por duas crianças e um adolescente. De certa maneira eles representam um pensar de uma época e entre seus pares. Fico pensando o que mais os outros participantes disseram, se é que houve outros ou muitos outros. Será que estes três não foram instruídos para escrever? As falas fazem pensar nos silêncios. Karla, João e Luiz tiveram suas redações publicadas, tanto naquele Seminário Regional, em São Paulo, quanto no jornal *O Estado*. Provocaram simpatia e interesse públicos, pois até o Ministério da Previdência pediu que enviassem cópias. Existe um ponto em comum às três redações: o sentido da velhice - ligada ao passado, àquilo que o sujeito foi e, por ter envelhecido, merecer respeito. Para os participantes que naquele momento representavam um pensamento recorrente à velhice, a palavra velho, e não idoso ou terceira idade, era definidora de significados.

I. 4 - Nos anos seguintes: “idoso” só na sua Semana

Ao folhear dia a dia, ano a ano, os jornais, comecei a observar que os idosos ganhavam visibilidade maior na Semana do Idoso – até hoje comemorada na última semana do mês de setembro.

Os “velhinhos” comemoraram a Semana do Idoso, saindo das instituições, foram festejar no recém-inaugurado calçadão da Rua Felipe Schmidt, no centro de Florianópolis, que se tornou o “palco da saudade”- era o que dizia *O Estado*, de 24/09/1977, em manchete de primeira página.



A foto anterior estampava a primeira página do referido jornal. No interior dele, uma página inteira tratava sobre o evento promovido pelo Centro de Serviço Social do INPS junto às entidades que exerciam atividades ligadas aos idosos. Vale destacar a participação de um grupo, novo naquele momento, o “Continuação da vida”. Em entrevista, Neusa Guedes contou-me que muitos na época teriam achado graça e até acusaram as assistentes sociais e voluntárias de ridicularizarem as velhinhas, fazendo-as passar por papéis de criança. Se o calçadão virou um palco e ali todas estavam encenando, vale lembrar que “a vida imita a arte”. Dona Neusa, dizia-me, como que em tom de defesa, que se tinha sido a dança “o teatro”, era porque ao serem perguntadas sobre o que queriam escolher para se divertir, elas escolheram fazer um baile, pois era o divertimento delas quando moças. E algumas pelo menos, capricharam na produção, com colares de pérolas (tudo aqui se torna verdadeiro) e chapéu. As bolsas não tiveram onde colocar, e dançaram com elas a tiracolo. Dançavam entre elas formando pares, não importava a falta de homens. Uma multidão não dançava, mas assistia.



O “Baile do vovô” teve participação de “asiladas” – só as vovós se dispuseram a dançar, pelo que se pode perceber nas fotos. Um “vovô”, que aparece em uma das fotos,

parece alheio ao acontecimento: sério, segurando jornal, ele se abstém das comemorações. Talvez ele estivesse incomodado com a “faceirice” ou o “assanhamento” dessas mulheres, pois para o padrão geracional, não era postura esperada às “mulheres direitas”³³.

Naquele ano de 1977, muitos idosos apareceram no jornal como depositários de saberes e suporte de tradições a serem resgatadas. Quando a Prefeitura Municipal quis “divulgar a arte e tradições açorianas”, o jornal *O Estado*, de 26 de outubro, deu visibilidade a vários idosos por conta das apresentações de “artesãos do interior da Ilha”. Em três ranchos de palha eles mostraram suas habilidades no calçadão: Dona Bernardina, 70 anos, fazia esteira de palha; Seu Duca, era oleiro da Ponta de Baixo; Seu Lila com seu filho, fabricavam tipitis e gaiolas de cana-do-reino; Dona Palmira, 90 anos, “grande atração”, entoava as “chamarritas” enquanto tecia em “seu tear bicentenário”; Seu Quidoca (meu avô) esculpia um fuso, “instrumento ultimamente muito em moda e cobiçado para decoração”; Dona Dulce, com sua filha, confeccionava rendas de bilros; Dona Laurita trançava tarrafa aos 65 anos. O “fazedor de canoas” era anônimo neste dia, mas em *O Estado* do dia 20 de novembro ele foi nomeado: Otávio J. dos Santos, 65 anos, conta o jornal, levou quatro dias para construir a canoa, mas “surpreendido” pelo vento sul, ele foi atacado por uma forte gripe que o levou ao hospital por três dias por sua conta, pois “não usufruiu de nenhum benefício assistencial”. Quem assinava a reportagem, Raul Caldas Filho, escreveu uma página inteira do jornal dedicada aos dois “artesãos da ilha”: Seu Tavinho e Dona Palmira. O jornalista disse:

³³ Flávia de Matos Motta estudou estes comportamentos relacionados a um grupo de convivência de Porto Alegre na sua pesquisa de mestrado em Antropologia Social, que resultou na publicação de: **Velha é a vovozinha**: identidade feminina na velhice. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.

Otávio J. dos Santos, apesar de ser um homem de muitas habilidades e instrumentos, gosta de se denominar “carpinteiro de ribeira e linha branca”. O que significa que ele execute uma afinidade de trabalhos. Mas é como construtor de canoas que ele se realiza como artesão de mão cheia.

Seu Tavinho identificava-se como carpinteiro. Raul o classificava como artesão. Ser carpinteiro, identidade de trabalho, um fazer da vida seu próprio trabalho. Mas quando sua profissão ganhou reconhecimento público, virou arte, curiosidade, depois abandono ou esquecimento, pois até com tratamento de saúde para curar a gripe, Seu Tavinho teve que arcar.

Na foto seguinte, Seu Tavinho aparece esculpindo a canoa que levou quatro dias para ficar pronta. Muitos espectadores, entre eles os próprios “artesãos da ilha” assistiam. Pude identificar na foto, meu avô que também era um carpinteiro de “mão cheia”. Lembrei-me que na época, ele dizia que quem quisesse ver com quantos paus se faz uma canoa era para ir lá no calçadão – só agora posso entender o sentido do que ele falava, sempre muito irônico, mas eu, meio criança ainda, tinha medo das ironias dele. No calçadão, entre jovens, crianças, e idosos – só homens aparecem assistindo esta apresentação. Antes, a foto das mulheres idosas dançando, agora os homens assistindo uma atividade laborial: indicativos das identidades de gênero e classe.



Apresentados como espécimes em extinção, pessoas como Seu Tavinho ganharam destaque por suas habilidades laborais, muitas delas superadas pelas facilidades da industrialização de produtos que não mais precisavam ser manufaturados. O fato reforçava a imagem de que, apesar da idade, eles tinham contribuições a dar, seus saberes deveriam ser expostos. E quanto maior a idade, maior a atração, como revelava a presença de Dona Palmira.

No natal de 1977, Charles Chaplin “morreu de velho” aos 88 anos de idade, teria dito seu médico, o suíço Henry Perrier – e o fato foi noticiado por *O Estado*, de 27 de dezembro. Morrer de velho teria um sentido de viver até às últimas resistências físicas. Segundo o jornal, Chaplin viveu os últimos 25 anos de vida em sua mansão do século

XVIII, em Genebra, e nos derradeiros anos “esteve muito fraco para caminhar e ficou confinado a uma cadeira de rodas”. Bem assistido, o grande cineasta de todos os tempos teve vida longa. Morrer de velho era visto como um privilégio, especialmente na década de 1970. Não propriamente um privilégio de classe, mas principalmente naquela época, quando o sistema previdenciário ainda não atendia toda a população idosa, a mortalidade por falta de assistência médica, somada às condições precárias de vida (alimentação inadequada, ambientes insalubres, entre outros), eram fatores que contribuía para a baixa expectativa de vida, especialmente das camadas menos favorecidas economicamente.

No Brasil de 1980, segundo dados do IBGE, entre uma população recenseada em pouco mais de 119 milhões de habitantes, apenas 593 mil chegaram ou passaram dos 80 anos de idade, apesar da estimativa, entre 1940 e 2000, ter revelado uma duplicação numérica de indivíduos com mais de 65 anos³⁴.

Em Governador Celso Ramos, um município do litoral catarinense, Dona Maria foi homenageada pelos seus 102 anos de idade, em página inteira de *O Estado*, 15/02/1977. Naquela época, ela estava aposentada há quatro anos pelo Funrural, guardava na memória episódios da Guerra do Paraguai, contados pela sua mãe, da escravidão e da moda. Netos, bisnetos e sobrinhos acompanharam a entrevista, todos a chamavam de “vó” e incitavam Dona Maria a falar quando ela parava no depoimento. Exemplos como esse, volta e meia são pinçados nos jornais: uma representação da velhice, como depositária da memória.

No mês seguinte, 13/03/1977, “a velha Juventina” figura entre os “retratos de mulher” editados em *O Estado*. “(...) o rosto enrugou, os filhos cresceram e tomaram seu rumo. O marido ainda pesca e ela continua fazendo renda, mas, que pena, nem tudo é tão

³⁴ AGOSTINI, Fernando C. Op.cit.. p.39.

fácil quanto antes. As pontas dos dedos entortaram por causa do reumatismo, as costas curvaram e a nuca dói”. As outras três mulheres citadas não foram selecionadas pelo critério de idade: uma delas era uma “colunável”; outra, uma “executiva”; e ainda outra, uma “borracheira”, que “É mulher mesmo” apesar de parecer um “funcionário sujo”.

Embora eu considere estes dois anos, 1976 e 1977, bastantes significativos no que diz respeito à visibilidade e às alterações discursivas sobre a velhice no Brasil, as notícias de jornais mostram que os antigos estereótipos da velhice, como fase que devesse ser assistida - seja pela caridade religiosa, afeto familiar ou benevolência de governos - ainda permaneciam. O velho/idoso que luta pela cidadania estava despontando neste momento, em meio aos preconceitos e imagens pejorativas. Em meio a estas é possível encontrar uma imagem jovial de um idoso que poderia encontrar nova parceira através da publicidade do jornal (*O Estado*, 09/04/1978). A agência Charme, de Curitiba, promovia encontros conjugais. O anúncio que aparecia em dias alternados no jornal, mostrava um idoso que ao contrário de precisar descansar, apresenta disposição física, é bem aparentado e supostamente, seria um bom candidato a escolher uma companheira para um novo casamento, dando “adeus à solidão”.

Diga adeus a esses tristes dias de solidão.



Você conhece bem esta situação, não é mesmo? Quantas e quantas vezes... A solidão é um péssimo negócio, em qualquer idade. Se você procura um fim para esses dias tristes, procure a agência matrimonial Charme. Em pouco tempo você estará próximo de alguém cujas aspirações, anseios e interesses coincidem com os seus. A agência Charme procura aproximar pessoas, para fins matrimoniais, com a maior honestidade e, é claro, dentro do maior sigilo. *Gente especializada no assunto vai atendê-lo, garantindo resultados concretos em tempo mais breve do que você imagina. Se você quer evitar a dor de tantos dias assim, procure-nos. E diga adeus à solidão.

Charme.
Rua Augusto Steffeld, 808 - Fone (0412) 34-1067
80.000 Curitiba - Paraná

I. 5 – O Lar São Francisco e o Centro Vivencial para Pessoas Idosas

Durante a década de 1970 houve, em Florianópolis, uma mobilização para construir o Lar São Francisco. A Ordem Terceira de São Francisco, com sua Fraternidade há mais de dois séculos na capital catarinense, estava preocupada com seus integrantes em idade avançada e conseguiu mobilizar forte campanha junto à comunidade para a

construção de um lar para idosos que pretendia ser modelar à época. Dona Helena Borba³⁵ foi uma das pessoas que tomou frente a esse projeto. Ela conta que na época existiam “irmãos idosos” em outras instituições que não eram católicas e havia uma preocupação no sentido do acompanhamento espiritual (a orientação confessional não era a desejada, em alguma situação) direcionada a estes e outros que futuramente precisassem ser asilados. Levantado esse “problema” inicial, a idéia foi levada ao então assistente espiritual, Frei Junípero: “nós poderíamos fazer uma casa para nós, o senhor aceitaria?”, teria dito Dona Helena, que relata incluindo-se na primeira pessoa do plural (os irmãos da Ordem Franciscana). O frei teria respondido positivamente, em 1974, e titubeou dois anos depois, após muitas atividades para angariar fundos, quando a construção começou, ele disse: “se soubesse que era assim tão grande, não teria me metido”, lembra Dona Helena, que rebateu: “agora já se meteu”. Ela contou que seu marido acompanhou as obras de perto e que se propôs a fazê-lo se fosse para construir algo que pudesse proporcionar uma velhice como ele gostaria para si. Defendia que o projeto deveria contemplar suítes individuais integradas a um espaço comum (refeitório, biblioteca, capela). Esta concepção foi discutida junto ao engenheiro que elaborou o projeto: um eslavo, cujo nome não foi possível transcrever da entrevista, que trouxera seus conhecimentos arquitetônicos adquiridos com sua experiência em visita a “casas de idosos” na Alemanha. “Então, ele fez a nossa casa naqueles moldes que ele havia visto, foi toda feita para idosos, não tem degraus, tem corrimões, tudo como

³⁵ Conheci Dona Helena em setembro de 2005. Visitei-a em sua casa, no centro da cidade, onde ela vive com nora, netos e agregados da família (seu marido e filhos são falecidos). Ela me recebeu muito gentilmente e disse que já teria contado “tudo” para as acadêmicas que a entrevistaram em 1997. Então, emprestou-me um exemplar da monografia que publicou a entrevista que me serve de fonte de citação e, de certa forma, confirmação e correção de algumas falas possibilitadas através deste contato direto. Segue a referência: HELDWEIN, Amélia Maria Lobo; VILAIN, Veraldina. Diagnóstico e proposta de capacitação de cuidadores de idosos institucionalizados na área do relacionamento interpessoal. Florianópolis: UFSC. Monografia de Especialização em Gerontologia, 1997. p. 67-74.

ele viu”. A planta teria sido discutida também com sugestões de Terezinha Rovaris, citada por Dona Helena como alguém “do INPS”. Os vários personagens envolvidos na história da construção do Lar São Francisco mostram a diversidade de forças e complexidade de interesses que agregam concepções de época, interesses individuais e de grupos.

A primeira iniciativa de Dona Helena para alavancar a construção do Lar foi rifar uma almofada confeccionada por ela, em 1974. Daquele momento em diante, segundo ela, muitas outras mulheres se mobilizaram fazendo pequenas doações, trabalhando voluntariamente em festas e vendas de produtos, ou mesmo influenciando maridos e parentes a fazerem as “grandes” doações em dinheiro ou em posses. O então governador Antônio Carlos Konder Reis, fez um repasse de cem mil cruzeiros para a aquisição do terreno, dinheiro que foi utilizado na compra de material de construção, pois o terreno no Alto Ribeirão da Ilha foi doado por Francelino Cordeiro, esposo de Maurina Vieira Cordeiro, que muito ajudou trabalhando voluntariamente. Francelino administrava uma granja, doou muitas galinhas para a Feira do Amor ao Próximo. Essa feira era organizada todos os anos na Baía Sul, centro de Florianópolis, por incentivo do governo. A irmã do governador, Maria Pompéia Konder Reis Malburg, era quem coordenava. As instituições eram convidadas a participar montando sua barraca, o que vendessem e arrecadassem reverteria em benefício das instituições que representavam. A barraca da galinha, organizada pelas irmãs da Ordem Terceira era, naquele ano de 1975, em prol do projeto do Lar São Francisco. Assim foi, entre muitos artefatos confeccionados por dezenas de mulheres cheias de habilidades domésticas e, sobretudo, muito tempo dedicado à “doação” anônima. No depoimento de Dona Helena, aos 90 anos completados no ano de 2005, ela dizia que o que importa é o reconhecimento divino. Muitas mulheres, como Dona Helena, nem fazem questão de reconhecimento, como se a invisibilidade fosse natural a elas, outras

ganham reconhecimento depois de falecidas, com seus nomes nas fachadas de prédios públicos, tabuletas de ruas, etc.³⁶.

A inauguração do Lar São Francisco aconteceu em 25 de novembro de 1980, dia de Santa Catarina. Era para ser no dia de São Francisco, 4 de outubro, mas Dona Helena estava de luto pelo seu único filho morto em um acidente de avião. Nota-se o respeito e a importância desta mulher nesta empreitada, tanto que a inauguração foi adiada. A edificação foi erigida em formato de “U”, com 46 quartos individuais com banheiros, refeitório comum, sala de estar, salinha de televisão e outra de atividades manuais, cozinha e copa, dependências administrativas e a enfermaria, que foi construída depois da inauguração do Lar, bem como a Casa de Orações. Foi para a época, um projeto arrojado e inovador, diferente dos projetos tradicionais dos asilos antigos que seguiam a mesma lógica das instituições disciplinares, prisões e colégios, cujas arquiteturas separavam homens de mulheres em alas (compostas por grandes quartos ou salas coletivas), todas as portas voltadas para o interior e somente a porta da recepção abria-se ao “mundo externo”. O modelo das instituições disciplinares vem do final do século XIX, como diz Foucault, quando a própria arquitetura revelava um tipo de poder que permitia a substituição da punição pelo controle³⁷.

Jaqueline Schmitt³⁸, na sua tese de doutorado sobre o Lar dos Velinhos Irmão Erasto, adiciona o Lar São Francisco no contexto das mudanças no espaço urbano de Florianópolis e da preocupação com a construção de instituições voltadas para o

³⁶ Nome de fachada aqui não tem sentido pejorativo. Quero dizer que muitas pessoas passam a perguntar quem foi e emprestam seu nome a escolas e hospitais, por exemplo, porque estão na fachada das instituições e estas, por sua vez, se obrigam a pesquisar e registrar algo sobre o(a) homenageado(a).

³⁷ FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. 3. ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2003.

³⁸ SCHMITT, Jaqueline Aparecida Zarbato. **O Lar de Velinhos Irmão Erasto: muitas histórias para contar** (O Cotidiano da entidade espírita/ Florianópolis – 1956-2000). Tese de doutorado em História. Florianópolis: UFSC, 2005.

acolhimento de idosos nos finais da década de 1950 e durante a de 1960. Há que se considerar o contexto caritativo e assistencialista que fundamentava concepções desta época. O Lar São Francisco entra já numa visão empreendedora das décadas de 1970 e 1980, mesmo que ligada a uma instituição tradicional como a Igreja Católica, mas mais voltada para o “bem estar” do indivíduo e à “qualidade de vida” – elementos discursivos recorrentes nos contextos das décadas seguintes, que engendraram a mudança e adaptações das instituições construídas em décadas anteriores. Apesar das confusões temporais que Jaqueline Schimitt faz, ela mesma mostra o quanto a instituição por ela pesquisada passa por essa série de alterações: de religioso/caritativo, assistencialista à idéia de autonomia do indivíduo. Lar, não mais asilo. As instituições procuram abandonar, a partir da década de 1970, os termos asilo/velho, carregados até então por imagens pejorativas de abandono, inutilidade, caridade e assistencialismo.

Contemporâneo à construção do Lar São Francisco, no Ribeirão da Ilha, foi o Centro Vivencial para pessoas idosas, no Itacorubi, sob o empenho da Igreja Metodista. O Pastor Willian Schisler Filho dirigiu a empreitada a convite do seu então bispo de província que por sua vez havia recebido proposta da Sra. Gama D’Eça (representando um grupo de mulheres que se confraternizavam freqüentemente em torno de um lanche em sua casa) para construir em Florianópolis uma casa para idosos. O referido bispo fez contato com o Pastor Schisler, gaúcho de Uruguaiana que vivenciara nos Estados Unidos uma experiência com lares para idosos³⁹.

³⁹ Esta história me foi contada informalmente, pela viúva do pastor, Sra. Edith Long Schisler, no dia 1º de setembro de 2005. Dona Edith recebeu-me gentilmente em sua casa para um chá. Ela é americana de nascimento, sua mãe é brasileira, conheceu o pastor nos EUA. Ela acompanhou toda a trajetória da implantação do Centro Vivencial até o falecimento do pastor há 10 anos. Depois, ela mesma assumiu a diretoria da casa até 2003.

O Estado, de 30 de setembro de 1979, apresentou o Pastor Schisler como “diretor-executivo do Centro Vivencial para Pessoas Idosas” e o próprio pastor publicava um artigo neste jornal, em passagem da Semana do Idoso, intitulado “Com que cores pintamos a velhice?”, no qual falava da “necessidade de acabar com os mitos negativistas com respeito ao idoso” e da importância da “nova ciência”, referindo-se à Gerontologia. Reconhece ser influenciado pelo trabalho do Dr. Erdman Palmore (professor de Sociologia Médica do Centro de Estudos de Envelhecimento e Desenvolvimento Humano, nos EUA, onde o pastor fez pesquisas).

O empenho em envolver a comunidade para a construção destas duas instituições modelares para idosos no país, ganhou espaço nos jornais no final da década de 1970 e continuou no início da década seguinte.

Em 09/04/1978, na tentativa de mostrar uma imagem incentivadora às doações necessárias à finalização das obras do Lar São Francisco, *O Estado* colocou sob título de anúncio: “Lembre-se de quem lhe contava as histórias daqueles tempos”. O texto que acompanha a foto (conferir em seguida), uma imagem positivada da velhice, diz que o Lar seria “o melhor asilo de velhos do Estado”, onde eles estariam “rodeados de gente da mesma idade e com as mesmas idéias”. Dizia ser baseado em projetos europeus e americano, com capacidade para cem pessoas, proporcionaria “uma completa assistência médica, com salas para exame médico e fisioterapia e com uma equipe de fisioterapeutas, psicólogos e enfermeiros”. A imagem do idoso bem aparentado e confortavelmente sentado ao lado de um cachorro, que não é acompanhante permitido em asilos, mostrou uma imagem possivelmente importada, uma imagem de um lugar que ainda não existia e seguramente nunca foi assim.

**LEMBRE-SE DE
QUEM LHE CONTAVA
AS HISTÓRIAS
DAQUELES
TEMPOS...**



Se você ainda se lembra do seu avô que entre tantas outras coisas lhe contava as histórias daqueles tempos, ajude a construir o Lar São Francisco. Faça isto em homenagem a ele.

O Lar São Francisco, no Alto Ribeirão da Ilha, vai ser depois de pronto, o melhor asilo de velhos do Estado.

Um lugar onde eles vão se sentir como nos velhos tempos, sem precisar depender de ninguém e tendo ao seu redor gente da mesma idade e com as mesmas idéias. Seu projeto de autoria do arquiteto Boris, foi baseado nos moldes dos asilos europeus e americanos. Ele vai poder receber 100 pessoas nos seus 40 apartamentos divididos em alas para homens, mulheres e casais. Todos os apartamentos terão comunicação para um acolhedor jardim interno.

O Lar São Francisco terá também salas para jogos, televisão, trabalhos manuais, biblioteca, sala de visitas, refeitório e cozinha.

Além disto vai proporcionar uma completa assistência médica, com salas para exame médico e fisioterapia e com uma equipe de terapeutas, psicólogos e enfermeiros.

AS DOAÇÕES PODEM SER ABATIDAS DO IMPOSTO DE RENDA.

MAIORES INFORMAÇÕES:
CONVENTO SANTO ANTÔNIO
Rua Padre Roma, 110
ou pelo telefone 22-5357 com Dna. Rosa

**INICIATIVA DA A.S. PROPAGUE,
GRAFO'S E DESTA JORNAL**

**Ajude a construir o Lar São Francisco.
Um lugar onde eles vão sentir como nos velhos tempos**

I. 6 – Os grupos de idosos

As mudanças ocorridas a partir da década de 70, segundo G. G. Debert:

(...) deram novas configurações aos comportamentos tidos como adequados aos grupos de idade e às relações entre eles, promovendo um embaçamento das fronteiras que caracterizavam estilos de vida considerados próprios aos indivíduos em diferentes faixas etárias.⁴⁰

⁴⁰ DEBERT, G.G. Envelhecimento e curso da vida. **Revista de Estudos Feministas**. Vol. 5., n.1, 1997. p.120.



As irmãs Edite e Ana, 78 e 77, no Grupo Amizade há 27 anos

A foto que mostra as irmãs Edite e Ana, ilustrou uma reportagem do *Diário Catarinense*, de 20 de maio de 2003. Na ocasião, Edite dissera ao jornal: “quando entramos aqui fazíamos diversos trabalhos artesanais, vendíamos e, com o dinheiro, íamos viajar” – o que confirma, em parte, o que dizia *A Gazeta*, lá em 25/09/1980:

Grupo da Amizade [título] Fazendo parte de suas atividades, o Projeto Rondon - Coordenação Estadual de Santa Catarina, juntamente com o SESC - Centro de atividades do Estreito, mantém o Grupo de Idosos “Amizade”, do qual fazem parte 51 idosos que reúnem-se normalmente às terças e quintas-feiras, para lazer, bate-papo, artesanato e muitas outras atividades que objetivam tornar a vida do ‘velho’ um pouco mais alegre, mais sadia, buscando assim, sentido para sua vida. Nesta semana, o grupo completa o seu terceiro ano de existência, período que o Grupo vem se auto-valorizando e conseguindo provar que muita coisa ele ainda tem condições de resolver e criar.

O objetivo inicial parece ter sido alcançado: Edite e Ana, na foto, parecem alegres e, é possível inferir que, se os encontros não lhes proporcionassem momentos de

alegria e satisfação, ou se elas não tivessem encontrado ali seus anseios, não teriam lá permanecido todos esses anos. As referências à “alegria”, “valorização”, “vida sadia” formam um cabedal discursivo que vão dar novos “sentidos” à velhice - e a própria palavra velho é colocada entre apóstrofes, como se representasse aquilo que não se quer mais dizer, pois esta velhice, antes, parecia estar ausente de “vida”. A existência na fase da velhice não tinha um *status* considerado positivo. Era algo inferior, indesejado e até temido.

Não que eu queira dizer que a velhice não assombra o imaginário das pessoas, homens (pelo medo da impotência, da perda da virilidade que tanto marca a cultura da masculinidade) e mulheres (pela perda de um referencial de beleza jovem e fértil que está presente no estereótipo da feminilidade), mas eu diria que as várias mobilizações que ocorreram a partir da década de 1970, conferiram positivities à velhice, que antes não eram visibilizadas ou não tinham força discursiva. Envelhecer, a partir daí, simbolizava romper com um rótulo criado historicamente e que havia conferido invisibilidade a idosos/as.

CAPÍTULO II – Mídias e envelhecimento na década de 1980

Este capítulo faz um recorte visual, considerando texto e imagem que tratam sobre o envelhecimento, como fonte empírica. Selecionei três grandes mídias para a época, duas especificamente dentro do Estado de Santa Catarina - o jornal *O Estado* e *Diário Catarinense* - e outra - a revista *Manchete* - de ampla circulação nacional e que, conseqüentemente, teve seu público leitor também em Santa Catarina. Essas fontes representaram, de certa maneira, um padrão, uma forma de mostrar o/a idosa/a que nos permite perceber onde centram os aspectos mais valorativos e onde silenciam ou escamoteiam aspectos considerados, por vezes, de menor importância (comercial ou não) que atingem as subjetividades. O que significa dizer que o público não necessariamente é modelado pela mídia, mas que as imagens e textos podem ter permitido, bem como foram resultado, de múltiplas escolhas dos editores e leitores¹. Como Michel de Certeau, nego a noção de indivíduo uno, pois “(...)cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais”². Certeau orienta para que:

(...) a análise das imagens difundidas pela televisão (representações) e dos tempos passados diante do aparelho (comportamento) deve ser completada pelo estudo daquilo que o consumidor cultural “fabrica” durante essas horas e com essas imagens. O mesmo se diga, no que diz respeito ao uso do espaço urbano, dos produtos comprados no supermercado ou dos relatos e legendas que o jornal distribui.³

Os periódicos pesquisados compõem parte do acervo de obras raras, precariamente conservado na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

¹ Uma perspectiva semelhante que me inspirou foi a de NECKEL, Roselane. **Pública vida íntima: a sexualidade nas revistas femininas e masculinas (1969-1979)**. Tese de doutorado em História. São Paulo: PUC, 2004.

² CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p.38.

³ CERTEAU. Op. Cit. p. 39.

Eventualmente, alguns exemplares, tanto dos jornais quanto das revistas, estão ausentes na seqüência cronológica da consulta, talvez por descuido do doador, dos responsáveis pela organização deste material ou pelo próprio manuseio inadequado de algum pesquisador que chega, em alguns casos, a arrancar a página do periódico. Desta forma, o recorte (sem ser uma forma caprichosa de arrancar) que fiz, foi também uma seleção do possível à pesquisa.

Ao trabalhar com essas mídias, mantive sempre a mesma pergunta ao revirar as páginas: o quê e de que maneira se falava sobre envelhecimento naquela época, mesmo quando palavras como “velho”, “velhice”, “idoso”, “idosa” ou “terceira idade”, não apareciam?

A pesquisa no jornal *O Estado* direcionou-se, basicamente, aos meses de setembro, época que observei ser mais recorrente falar sobre o/a idoso/a por circunstância das programações comemorativas ao “seu dia”. Vale dizer que o dia 27 de setembro ainda é celebrado e foi data escolhida simbolicamente, inclusive, em 2003, para a assinatura do Estatuto do Idoso, pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que passou a vigorar a partir de 1º de janeiro do ano seguinte (projeto em tramitação desde janeiro de 2001). Os outros recortes de jornais citados – *A Gazeta* e *Diário Catarinense* – compõem um acervo (uma pasta) de recortes de jornais, organizado pelos funcionários do arquivo da Biblioteca Pública de Santa Catarina, sob a classificação de: “idosos”.

Nesta década em estudo, especialmente a partir de 1986, em Santa Catarina, os jornais *O Estado* e *A Gazeta* – o primeiro de maior circulação no estado catarinense até então - enfrentaram um forte concorrente – o *Diário Catarinense*. Moacir Pereira⁴ conta que este jornal “nasceu de um sonho do jornalista Maurício Sirotsky Sobrinho” falecido às vésperas da edição do primeiro número do jornal, embora seu nome tenha

⁴ PEREIRA, Moacir. **Imprensa e poder**: a comunicação em Santa Catarina. Florianópolis: Lunardelli; FCC Edições, 1992. p. 126-129.

saído no expediente, em 5 de maio de 1986. Pereira diz que desde a implantação da TV Catarinense, em maio de 1979, existia um projeto de criar um jornal, modelo tablóide, como já era o *Zero Hora* de Porto Alegre e que, como a rede de TV, pertencia ao grupo RBS (Rede Brasil Sul). O objetivo (alcançado, diga-se de passagem) dos seus idealizadores, era ser o primeiro jornal a atender diariamente todo o estado de Santa Catarina, já que os maiores até então (*O Estado*, *A Notícia* e o *Jornal de Santa Catarina*) tinham atuação mais regionalizada.

A entrada da Rede Globo, através da sua afiliada RBS, fez com que o *Diário Catarinense*, do mesmo grupo, se tornasse um veículo de divulgação da programação da emissora televisiva. Os temas em discussão na televisão apareciam freqüentemente, a partir de 1979, nos jornais. O seriado “Malu Mulher” ampliou o debate sobre a “mulher descasada” (título de capa da revista *Veja*, em julho daquele ano, trazendo a foto da Regina Duarte interpretando a personagem Malu). O próprio jornal indicava o debate em outras mídias. Em 1980, o programa “TV Mulher”, também da Rede Globo, completava um ano no ar e anunciava que a sessão “O Direito da Mulher” se desdobraria em uma novela abordando os “problemas femininos depois dos 40 anos, um geriatra dará consultoria permanente ao programa.”⁵

Os desdobramentos das redes midiáticas contribuíram sobremaneira para dar visibilidade a temas até então pouco debatidos. Em pleno momento em que se discutia a abertura política, os direitos e a cidadania, neste rol a velhice encontra também um espaço de discussão.

⁵ *Diário Catarinense*, 10/05/1980.

II. 1 – A literatura gerontológica e os asilos: a emergência da “terceira idade”

A expressão “terceira idade” vai ganhar força nesta década de 1980. Entre os jornais pesquisados, encontrei-a pela primeira vez no *Diário Catarinense*, de 27 de setembro de 1987, quando a jornalista Bernadete Santos, escreveu uma matéria, sem foto, sobre o Dia do Idoso. Ela dizia que depois dos 60, 70 anos, os idosos são tratados como filhos pelos seus pais e que nos asilos os pais esperavam a visita dos filhos neste dia de festa, mas completa: “Não é isso que o idoso quer. Atenção em dia marcado. Amor em prestação. (...) Pensar que não existem atividades que os velhos possam desempenhar depois da aposentadoria é desconhecer toda a questão que envolve a terceira idade.” (grifo meu)

A jornalista, no afã de dar alguma explicação à “toda a questão que envolve a terceira idade”, referia-se ao crescimento da população idosa e das iniciativas de reintegração dos profissionais à empresa mesmo depois de aposentados, a exemplo da Volkswagen. Terminara sugerindo que as políticas governamentais não esquecessem os “velhos”, pois, dizia ela: “Ser velho e pobre, no nosso país, é ser marginalizado duas vezes”. Mesmo que essa fala não pareça nova, já aponta para uma discussão sobre direitos e sobre a inclusão da velhice nos projetos de cidadania. E, como já foi discutida no capítulo anterior, a palavra “velho” continua a aparecer sempre que associada a um modelo de exclusão (o asilo, a solidão) . A “terceira idade” já é anunciativa de um novo modelo de velhice.

Na literatura divulgada, através dos jornais, como na resenha de Lauro Junkes⁶, em *O Estado* de 08/06/1980, condenavam-se os estereótipos da velhice e se

⁶ COMFORT, Alex. **A Boa Idade**. São Paulo: DIFEL, 1980.

propunha uma “mentalidade positiva”. “A Boa Idade” era o título do livro de Alex Comfort, lançado pela Difel. Junkes referia-se a Comfort, autor nascido em 1921, como:

(...) um dos criadores da moderna disciplina de gerontologia e foi o primeiro a receber, em Londres, o grau de doutor em gerontologia. Dedicou-se sempre ao estudo da biologia humana e, nos últimos 25 anos, especialmente ao estudo do envelhecimento de homens e animais e as técnicas para seu controle. (...) A Boa Idade é, sobretudo um livro de mentalidade sadia e otimista, qualidade tão necessária para atingir e viver plenamente a boa idade.

A apresentação no jornal, que o Prof. Junkes faz do autor, Alex Comfort, não diz nada além do que já consta na orelha do livro que, depois de publicado em Londres em 1979, chegou ao Brasil. O livro deve ter feito grande sucesso em uma época de escassas referências bibliográficas sobre o tema do envelhecimento. Dr. Comfort tinha um currículo que lhe conferia significativo respeito: dedicou parte de sua vida à pesquisas sobre o envelhecimento biológico, primeiro (oficialmente) gerontólogo no mundo, londrino residente nos Estados Unidos, fundador e editor da revista “Experimental Gerontology”. Ele representava uma voz autorizada para postular sobre o envelhecimento. O livro “A Boa Idade” é composto por verbetes de várias palavras que se relacionam com a velhice, dentre estas, Comfort dedicou 17 páginas à palavra “gerontologia” ilustradas com exemplos de personagens que tiveram vida ativa (intelectual e política) na velhice. Ele parte do pressuposto que o envelhecimento não é uma fatalidade, mas uma eventualidade⁷.

A gerontologia estava despontando em Santa Catarina e no Brasil e, por que não dizer, pelo mundo inteiro. O antropólogo norte-americano Lawrence Cohen, conta a

⁷ COMFORT, Alex. **A Boa Idade**. São Paulo: DIFEL, 1980.

história do indiano Kapur (nome fictício), treinado como assistente social por estrangeiros norte-americanos, ele teria dito:

“(...) eu costumava arrumar com eles literatura sobre asilos e outras medidas de seguridade social para a velhice no exterior. Eu costumava também contatar embaixadas para conseguir essa literatura, e fui me interessando... Eu pensei: ‘este é um novo campo e uma área muito pertinente, trabalhar com os idosos, que não recebem cuidados em nosso país’.”⁸

No depoimento de Kapur vê-se que ele é fortemente influenciado por um discurso da gerontologia. Ele resolveu organizar, então, um primeiro asilo indiano, na cidade de Dehradun que se tornara destino para aposentados ricos, em especial que tinham dificuldades de convivência com familiares. O ideal de caridade aos pobres e carentes de Kapur, foi tão utópico quanto as coleções intituladas “Velhice na Índia”, pois, nas palavras de Cohen: “A demografia torna-se o índice da *problématique* da identidade, cuja relevância é marginal para muitas famílias indianas. As análises de gerontologia, estruturadas pela concepção de que o problema da velhice é um dado, raramente indagam qual informação demográfica é relevante e como deve ser interpretada.”⁹. Ironizando, Cohen diz que a gerontologia, esta “ciência internacionalista” que “vem de cima pra baixo” enviara “discípulos pelo mundo a fim de difundirem a Palavra”¹⁰.

Voltando à Santa Catarina, percebemos que há uma contemporaneidade nas preocupações com o envelhecimento e uma autoridade destinada apenas a alguns para falar sobre o assunto. A *Gazeta*, de 25/09/1980, colocou em manchete: “200 mil

⁸ Citado por COHEN, Lawrence. “Não há velhice na Índia: os usos da gerontologia”. In: DEBERT, Guita G. (org.) Antropologia e Velhice. Textos Didáticos. n.13. Campinas/SP: IFCH/UNICAMP, março de 1994. p. 100-101.

⁹ COHEN, L. Op. Cit. p. 91.

¹⁰ Idem. p. 86

miseráveis”. Era uma reportagem divulgando as palavras do professor e médico Tuffik Mattar¹¹, então presidente da Associação Paulista de Geriatria, em conferência à comissão de saúde da Assembléia Legislativa de Santa Catarina. Os 200 mil miseráveis eram “velhos”, só em São Paulo, segundo Mattar. Ele enfatizava: “o problema não se restringe apenas a fazer caridade” e “o extermínio dos asilos não resolve a situação dos idosos”. Profetizava a erradicação do câncer em dez anos e o aumento da perspectiva de vida, para 100 anos de idade, em quarenta anos. Pode ser que ele ainda acerte na segunda profecia, na primeira ele errou, pois, embora para muitos cânceres haja cura, para outros ainda não há e a cura também depende do diagnóstico e, de certa forma, da situação sócio-econômica do doente.

No jornal *O Estado* de 21/09/1980, a jornalista Silvia Fantinatti ouviu Zuleika Lenzi¹², então professora do Departamento de Sociologia da UFSC. Zuleika Lenzi dizia que o modelo econômico “alija o ancião” levando-o ao asilo por falta de condições da família para cuidar dele. Na opinião dela, o idoso que nunca teve hábito de leitura, de ir ao cinema, assistir à televisão e praticar atividades comunitárias, “não vai ser aos 70 anos que ele vai se adaptar a estas iniciativas”. A jornalista buscou no biólogo Paulo Roberto Hofmann, também da UFSC, uma explicação sobre o que é a velhice, e ele respondeu: “é quando as células começam a entrar em desgaste”. Silvia concluiu dizendo que as doenças dos “velhinhos da Serte” (instituição de confissão espírita que iniciou seu trabalho de atendimento em sistema de internato a velhos das camadas mais pobres, em 1956, no norte da ilha de Santa Catarina) são provenientes do

¹¹ Segundo sítio da farmácia de manipulação “A Farmacêutica”, Tuffik Mattar, junto com Efrain Olzewer, é reconhecido por introduzir o conceito de Medicina Ortomolecular no Brasil, a partir de 1983. A terapia ortomolecular, associada à oxidologia (estudo dos radicais livres), vem sendo desde então utilizada no tratamento de doenças degenerativas crônicas.

<http://www.apharmaceutica.com.br/ortomole.htm>, pesquisa feita em 10/10/2005.

¹² Zuleika Mussi Lenzi ainda é bastante atuante no cenário político de Santa Catarina, é uma das vice-presidentes do PMDB no Estado, fez história também como ativista feminista. Vale considerar que se vivia um momento em que o marxismo ganhava força nos ambientes acadêmicos, logo, eram recorrentes as críticas ao modelo econômico e à bipolaridade que este provocava, dividindo a sociedade entre aqueles que detêm o poder e os que são submetidos ou vencidos.

abandono. E esse “abandono” que faz com que os “velhinhos” precisem de instituições como esta, origina-se das condições sócio-econômicas que historicamente alijou os idosos dos processos produtivos e transformaram pessoas de camadas de baixa renda em dependentes de políticas públicas assistenciais, quando não, da filantropia e da caridade religiosa. Novamente, vemos a palavra “velho” associada aos processos de exclusão/reclusão/separação, e que deu lógica ao funcionamento das instituições asilares.

Com a discussão iniciada na década de 1970, tornou-se imperativo que as instituições voltadas para os idosos deveriam mudar, não só os nomes, de asilos para lares, por exemplo, mas seus estatutos e seus regimentos internos, mesmo no conflito de estruturas viciadas e sem recursos.

Na via das concepções emergentes do tratamento à(o) idoso/a, no natal de 1982, o jornal *O Estado* noticiou o bom andamento do Lar São Francisco. O Lar era então dirigido pela irmã franciscana Gabriela Herman e não se aceitavam lá pessoas acamadas ou doentes. A irmã confirmava ao jornal o clima de tranqüilidade lá existente, que, segundo ela: “faz com que as pessoas se sintam bem e não pensem em outra coisa. Muitas vezes elas têm parentes, mas não querem sair daqui”. Sem foto ou depoimento de internos.



No Asilo Dom Bosco, em Itajaí, um casamento aconteceu em 1980¹³. O fato foi noticiado pelo jornal *O Estado*, de 20 de março daquele ano, como sendo o único casamento em asilo registrado em Santa Catarina, até então. O casal era formado por Domingos Fumagalli, 75 anos, e Catarina Joana da Cunha, 60 anos de idade. Ele era natural de Nova Trento e estava no asilo há três anos por circunstância do falecimento de familiares, segundo o jornal, e ela era de Barra Velha, há um ano estava no asilo (não diz por que motivo). Teriam resolvido se casar porque “sentiram-se atraídos um pelo outro”. Com a autorização do diretor da casa, Haroldo Schneider, o casamento aconteceu no “dia do ancião”: 30 de setembro. O casal planejava deixar o asilo, embora

¹³ Pelo que pude saber contatando a instituição, o casal permaneceu morando lá. Os atuais funcionários não trabalhavam lá nesta época, a secretária confirmou (em tom de curiosidade, porque isto não é mais novidade para os dias de hoje) que embora o fato tenha realmente acontecido, atualmente muitos casamentos acontecem nos asilos e os casais permanecem na instituição, pois sempre se destina um quarto para eles.

a instituição tivesse cedido um quarto para os dois. O diretor disse, conforme o publicado, que o asilo não era uma prisão e que alguns até freqüentavam bares próximos. Referindo-se ao “abandono” e à “solidão” ele concluía: “Não proibimos, desde que não fiquem embriagados, porque seria injusto impedir seus desejos, na situação em que se encontram”. A foto do casal acompanhava a matéria. Seu Domingos, que parece utilizar a bengala como um substitutivo fálico, faz pose de quem se apossa, mesmo de forma simpática, da submissa Dona Catarina que sequer levanta o olhar ou estende a mão sobre seu companheiro, retrato de recato do que se esperava, à época dela, de uma “mulher direita”.

II. 2 – A explosão dos grupos de “terceira idade”

As mobilizações que se iniciaram na década anterior, fomentaram a criação de grupos que reuniam idosas/os (majoritariamente mulheres) e, eventualmente, eram noticiados nos jornais.

O “Amizade” era um “Grupo de Idosos” noticiado, em *A Gazeta*, de 25/09/1980, por ocasião das comemorações da Semana do Idoso. Para aquela semana este grupo do bairro Estreito, que completava seu terceiro ano de existência, programou atividades religiosas e recreativas, bem como exposição de trabalhos manuais confeccionados pelas participantes.

As comemorações da Semana do Idoso do ano de 1981 revelavam a participação massiva de mulheres. Setenta senhoras foram convidadas a reunirem-se no Colégio Governador Ivo Silveira, de Palhoça (município da região da Grande

Florianópolis). “O Estado”, do dia 27 de setembro deste ano, divulgava: “Elas reúnem todas às quintas-feiras sob a coordenação de Lair Hoeller, 58 anos, que diz: ‘em nossas reuniões ensinamos trabalhos manuais e fazemos passeios, pois muitas delas nunca tinham ido nem mesmo até o aeroporto de Florianópolis’”.

Essa reportagem trazia uma imagem positivada da velhice. Todas as idosas citadas deram depoimentos de bem viver a velhice e atribuíam ter encontrado esse sentido no grupo. Outra depoente era Olívia Emília Geddert Brum, então vereadora pelo PDS, “muito ativa em Palhoça”. O grupo, formado por mulheres, aparece como um espaço de ação e atuação política também. Segue a foto desta reunião e das depoentes. As expressões de seriedade contrastam com a afirmativa de que elas estariam “amando a velhice”. Elas são acionadas pelo mecanismo discursivo encorajador que as coloca de frente com interlocutoras que vivem a mesma experiência do envelhecimento, no entanto, com engajamento na comunidade e na vida política partidária.





O jornal *O Estado*, de 22/09/1984, dizia que o SESC¹⁴, naquele ano, mantinha quatro “grupos de trabalho”, que se encontravam semanalmente, sendo que “a maior parte das componentes são viúvas e se sentem em casa no convívio social que mantêm”. A Prefeitura de Florianópolis apareceu no jornal como uma entidade que “vem trabalhando no atendimento de pessoas idosas desde 1975, através das assistentes sociais”. A Associação Comunitária do bairro Santa Mônica promovia excursões, segundo o mesmo jornal, e teria como objetivo: “evitar que os velhos sofram com o pior problema que a idade traz: a solidão”. Uma participante dessa associação e também artesã, Jane Bassanessi, morou cinco anos no México, ela disse ao jornal que ensinava as outras idosas a fazer o macramê, bonecos e grinaldas de noivas, e completava: “O Governo deveria se interessar por esse tipo de iniciativa, pois a sensação de ser útil é extremamente valiosa na velhice. Eu gostaria de ensinar, pois percebo que as artesãs daqui não conhecem nada e nem são incentivadas a aprender novas técnicas. E não é falta de aptidão, coisa que muita gente tem, mal desenvolvida”. Jane parece considerar

¹⁴ “O SESC - Serviço Social do Comércio - é uma instituição de abrangência nacional, criada em 13 de setembro de 1946, na cidade do Rio de Janeiro. Seu principal objetivo é desenvolver trabalhos sócio-educativos para os comerciários através de suas cinco áreas de atuação: Saúde, Educação, Cultura, Lazer e Assistência. Implantado e mantido por iniciativa dos empresários do comércio de todo o Brasil, o SESC tem a finalidade de planejar e executar projetos, atividades e serviços que contribuam para o bem-estar social dos comerciários e de toda a comunidade. Em Santa Catarina, o SESC foi fundado em 29 de setembro de 1948, e atualmente realiza aproximadamente 11 milhões de atendimentos anuais através de 16 Centros de Atividades, duas Colônias de Férias e uma Pousada Rural.” Informações que constavam no sítio do SESC-SC, pesquisadas em 14/04/2004.

sua arte melhor ou superior à, por exemplo, confecção da renda de bilro, que tradicionalmente fazia parte das aptidões das moças prendadas da ilha – tradição da qual esta geração era herdeira.

Em 1984, organizou-se uma tarde artística no Centro Integrado de Cultura (CIC) com exposições dos trabalhos de idosos. O jornal *O Estado*, de 22/09/1984, avisara que nesta tarde artística da Semana do Idoso haveria também apresentação de teatro “pelos próprios idosos”. A assistente social, Maria da Graça Santos Dias, disse ao jornal que esta Semana “é uma forma de reintegrar ou ativar a participação dos idosos na comunidade”.

Os eventos comemorativos à Semana do Idoso na década de 1980 trouxeram de forma crescente o debate sobre a cidadania: “participação do idoso na comunidade” era um discurso anunciativo deste tipo de evento, que se propunha sempre mostrar a inserção dos idosos na sociedade, a força produtiva e as formas “alternativas” de dar sentido à velhice.

O SESC também realizou sua II Feira do Artesanato, em comemoração à Semana do Idoso de 1984. Segundo o jornal *O Estado*, de 02 de setembro daquele ano, a feira teria reunido as seguintes entidades: SERTE, Asilo Irmão Joaquim, Casa da Divina Providência da Trindade, IPESC, LBA, UFSC (NETI), Ação Social Evangelista, Prefeitura Municipal de Florianópolis, o próprio SESC e a Associação Comunitária Jardim Santa Mônica. Todas essas entidades expuseram na Feira trabalhos que vinham sendo realizados no cotidiano dessas instituições, resultados de um esforço conjunto que envolveu diferentes áreas do conhecimento, diferentes iniciativas sociais, incluindo o voluntariado e a filantropia religiosa. O mesmo jornal informava sobre cada instituição e dizia que na SERTE, talvez para aliviar a situação de “abandono” denunciada nos anos anteriores, “(...) velhinhos vivem em harmonia, assistidos pelas madrinhas,

voluntárias da comunidade. Segundo elas, os asilados adoram festas e todas as noites dançam muito ao som de um equipamento mecânico recém-adquirido”.

O apoio do SESC foi lembrado no jornal *O Estado*, de 14/09/1986, quando parabenizou a instituição pelos seus 40 anos de trabalho, acrescentando: “Os idosos também encontram a atenção do SESC, que mantém diversas atividades voltadas para este segmento nos Centros de Atividades de Florianópolis e do Estreito, beneficiando 250 pessoas”.

De todo o Estado de Santa Catarina vinham notícias das comemorações da Semana do Idoso, em geral com exposições de trabalhos manuais e bailes, feitos e organizados por idosos associados, em colaboração com instituições públicas. Por exemplo, Chapecó, segundo notícia do *Diário Catarinense*, de 24/09/1988, realizou sua I Feira do Idoso. A então coordenadora dos grupos de idosos no município, Civonei Menezes, deixou seu depoimento registrado no jornal, dizendo que o objetivo do evento era “(...) promover a valorização da pessoa idosa fazendo com que a comunidade tome conhecimento de que o idoso é um elemento ativo, que tem condições de participar de programas, apesar de suas limitações”.

Na visibilidade abstraída dos jornais, percebe-se que há uma positivação da imagem de idosos/as, sobretudo realçando o resultado do trabalho dos grupos de idosos/as e a integração que os mesmos eventualmente faziam com outras instituições, inclusive asilares, nas semanas comemorativas. Percebe-se aí uma rede discursiva que, através de representações governamentais ou comerciais, aciona e dita um modo de se envelhecer. Integrar o idoso à comunidade era a tônica discursiva de todos os representantes de associações e instituições voltadas à velhice. Esses discursos justificavam os investimentos financeiros nos anos seguintes em construções de centros de convivência e contratação de profissionais para trabalhar com esta população idosa.

O Centro Vivencial para Pessoa Idosa, citado já no capítulo anterior, teve sua pedra fundamental erigida em setembro de 1982. O jornal *O Estado*, de 25/09 daquele ano, dizia tratar-se de iniciativa “primeira do gênero no país pela sua filosofia de ação integrando o idoso à comunidade em articulação com as instituições públicas e privadas” e também entidades filantrópicas. O projeto de construir uma instituição, em regime de internato para idosos/as, reunia o empenho da UFSC, UDESC, igrejas e escolas. A inauguração aconteceu em novembro, anunciou *O Estado* do dia 12. O jornal dizia que esta obra era a realização das metas traçadas pelo Programa de Assistência ao Idoso, implantado em 1976. O fato foi noticiado também por *A Gazeta* de 29/09/1982 que enfatizou o trabalho do pastor metodista Willian Schissler Filho. O *Diário Catarinense*, de 05/05/1993, confirmava a importância do pastor, gaúcho de Uruguaiana, para fundação e efetivação desta obra. O projeto, no entanto, atenderia a um público proveniente das camadas médias e/ou altas, pois os custos de manutenção desta estrutura (composta por suítes individuais, grandes jardins e área externa para criação de animais, cultivo de hortas, plantas e flores, entre outras coisas) não seriam cobertos pelo poder público.

O *Diário Catarinense*, de 16/09/1988, colocou como título de reportagem: “Idosos de SC terão centros de convivência”. A matéria falava sobre 30 milhões de cruzados que seriam investidos em convênios com as prefeituras de Rio do Sul, Tubarão, Urubici, Ipumirim e Descanso para a construção de centros de convivência. A então presidente da Promover (entidade governamental do Estado), Marisa Campos, dizia que os “11 centros de convivência” que seriam construídos, colocariam Santa Catarina “numa situação privilegiada”, sendo que dos 9 milhões de idosos existentes no Brasil, 300 mil estavam no Estado catarinense. Ela informava que cada unidade construída teria, em média, 300 metros quadrados e abrigaria cerca de 80 a 150 idosos.

A ausência dos homens nestes espaços emergentes é sintomática. Os homens idosos, nos jornais, ocupam espaços públicos ainda tradicionalmente freqüentados por eles, como o “palco democrático” da Praça XV (localizada no centro de Florianópolis, também referida como a praça da figueira), assim descrito por Jorge Massardo, no jornal *O Estado*, de 14/09/1986:

A turma da velha guarda ou dos militares aposentados, prefere os bancos que ficam praticamente em frente ao calçadão da Felipe Schimidt. Nos bancos de madeira que circundam a figueira, sentados de frente para a Câmara Municipal, estão os aposentados que formam o grupo da Grande Florianópolis. São gerentes comerciais, oficiais de tabelionato e funcionários públicos, principalmente. Um pouco mais acima, praticamente fora do abrigo dos galhos da figueira, quase defronte à agência central do correio, está o denominado grupo dos aposentados do Sul do Estado e que contém praticamente o mesmo tipo de profissionais do grupo anterior. Estes grupos, indicados pelos próprios aposentados, vivem na Praça XV há muitos anos e admitem que a convivência diária com ela, é de extrema importância para o seu bem-estar psicológico. Velha guarda. Passos lentos, chapéu na cabeça, calça de tergal, uma blusa leve, e seu Romeu Policarpo Vieira, 78 anos, está pronto para cumprir a rotina diária que se repete há mais de 50 anos: encontrar a turma da velha guarda no banco dos militares, embaixo da figueira. (...) Wilson Destri, 65 anos, vem de Biguaçu “ver os amigos, saber das últimas novidades e apreciar as mulheres boas que passam”. Diz que ali não se discute política, isso fica para o Senadinho onde, segundo ele “quem frequenta é a classe mais alta, enquanto eles, pobreza, ficam na praça”.

Todos os entrevistados pelo jornalista eram homens. Esses aposentados não falavam de mulheres, segundo o depoimento citado, exceto das “boas” que passavam. As “prostitutas” também estavam lá, lembra Massardo: “Saia curta, meias pretas e um bom decote, elas permanecem sentadas no muro boa parte do dia”. Elas tinham idades que variavam dos 15 aos 50 anos e atendiam num local próximo, mesmo que o movimento da prostituição fosse maior à noite e nos dez primeiros dias de cada mês, quando saíam “as folhas de pagamento”, dizia o jornalista embasado no suposto depoimento destas mulheres anônimas.

A Praça XV ainda hoje é um espaço de referência para aposentados, especialmente homens, que, entre outras coisas, também vão lá jogar carteadado e dominó. Um espaço marcado pelo gênero, pelas referências à masculinidade. Eram eles, os homens, que ficavam mais tempo ali e transformavam a praça em “bem-estar psicológico”, enquanto as mulheres, as “boas”, seja pensando no sentido da escultura física ou a reputação moral, só passavam por ali, não faziam da praça seu espaço de lazer ou entretenimento.

Ao mesmo tempo em que os grupos de “terceira idade” emergiam, havia uma separação de espaços que logo se convencionavam como “de mulheres” e outros “de homens”. As mulheres mostram-se, de maneira cada vez mais recorrente, fazendo parte de um “movimento de libertação” da vida doméstica, enquanto os homens, nos espaços de exercício de masculinidade (associações de aposentados, praças públicas, por exemplo) resistem, não interagem muito com elas, em especial neste momento, e as observam, por vezes, sob rótulos (“assanhadas”, “festeiras”) que os protegem.

Peter Gay, ao dissertar sobre as defensivas discursivas dos homens para esconder seus medos das mulheres no século XIX, em especial para justificar a incapacidade delas para as carreiras acadêmicas, conta que a retórica utilizada por alguns mascarava “suas ansiedades mais primitivas”. Conclui: “Nesses debates angustiados e inconclusivos acerca do verdadeiro lugar que cabia à mulher, o medo da mulher e o medo diante das mudanças se encontram e se fundam numa coisa só”¹⁵.

Ainda atualmente a participação massiva de mulheres nos grupos de “terceira idade” é bastante significativa, apesar de atualmente serem atravessados por

¹⁵ GAY, Peter. **A experiência burguesa, da Rainha Vitória a Freud**: a educação dos sentidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 167.

discursos que falam sobre a importância de um diálogo intergeracional¹⁶. O discurso da velhice ativa tornou-se contundente. Andréa Moraes Alves, antropóloga que estudou o comportamento de mulheres idosas em bailes de dança da cidade do Rio de Janeiro, diz:

As mulheres que hoje freqüentam os espaços de terceira idade são unânimes em discursar contra a repressão de sua época de jovens e reproduzem discursos da “velhice ativa” como justificativa para a entrada nos grupos de terceira idade e sinônimo de libertação. “Ficar em casa” tornou-se um atestado de incapacidade.¹⁷

II. 3 – As iniciativas governamentais e acadêmicas

No mesmo ano de 1986, o jornal *O Estado*, do dia 29 de setembro, colocava a situação dos aposentados no Estado, citando dados do INPS (Instituto Nacional de Previdência Social): na Grande Florianópolis existiam 6.830 pessoas aposentadas por invalidez, 255 por acidente de trabalho, 3.395 por idade e 3.780 por tempo de serviço. Segundo o então coordenador regional da perícia médica do Instituto, Osmar Andrade Farias, “25% dos casos de aposentadoria por invalidez resultam de problemas de cardiopatia, depois disso, em ordem decrescente vem a artrose, as doenças de coluna, a hérnia de disco e a psicose”. Uma segunda matéria no mesmo jornal falava sobre os idosos:

¹⁶ Meu filho Francisco, quando cursava a quarta série há dois anos, fez parte de um projeto da escola (Colégio de Aplicação da Univali, em Tijucas) em convênio com grupos de “terceira idade” que objetivava fazer interagirem crianças com idosos. Uma vez por mês eles tinham atividades recreativas numa manhã de encontro na escola e, entre um encontro e outro, eles trocavam cartinhas, cartões e lembrancinhas entre padrinhos e apadrinhados. O casal participante do grupo, que apadrinhou Francisco, foi acometido pela falta do cônjuge varão que veio a falecer. Francisco chegou a visitá-los em casa, levava flauta para alegrar o “padrinho” acamado e tudo isto criou uma relação também afetiva – no mínimo interessante a um menino que não tem avós vivos, nem oportunidade em família de conviver com pessoas idosas.

¹⁷ ALVES, Andréa M. **A dama e o cavalheiro**: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 17.

Desde 1976, quando surgiram movimentos de conscientização do problema, eles têm se agrupado e denunciado a marginalização que sofrem. (...) Na capital, o NETI – Núcleo de Estudos da Terceira Idade da UFSC, única universidade do país que desenvolve trabalhos na área, vem promovendo há cinco anos encontros e seminários a fim de reuni-los e divulgar suas reivindicações. Hoje, são bastante difundidos os chamados grupos de convivência promovidos por órgãos como LBA, Ipesc, Prefeitura e a própria UFSC.

Ainda o mesmo jornal citado no parágrafo anterior trazia depoimentos da professora Neuza Guedes e a psicóloga Maria de Lourdes Freitas de Souza, que levantavam também o problema das discriminações sofridas pelos idosos, depois de aposentados, pela família que os transformava em peso por já não colaborarem com os afazeres domésticos, em referência às avós que cuidavam dos netos. Ressaltando o pioneirismo do NETI, a matéria finalizava informando:

Em março foi realizado o 1º Seminário de Política Social do Idoso em Santa Catarina do qual resultou um documento de reivindicações dos idosos nas questões de legislação, ação social, cultural, lazer, saúde e educação. O Governo Federal está interessado no trabalho do NETI e já o convidou para participar do Conselho Nacional da Condição do Idoso, que visa uma política social sobre os idosos, a fim de mantê-los úteis e produtivos à sociedade.

O NETI (Núcleo de Estudos da Terceira Idade) foi implantado junto à comunidade acadêmica em 1982, como um programa de extensão da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Segundo depoimento da Professora Neuza Guedes¹⁸, o NETI surgiu da necessidade premente percebida através de um questionário lançado a funcionários da universidade aposentados, sobre suas demandas, e com o passar dos anos se tornou uma referência em nível nacional para outras universidades que, por sua vez, adotaram programas similares. *O Estado* confirmava que a criação do

¹⁸ Neuza Mendes Guedes, em entrevista no dia 07/03/2003.

NETI era uma “iniciativa pioneira a nível universitário e partiu da coordenação das professoras Neusa Mendes, do Departamento de Serviço Social e Lúcia Takase Gonçalves, de Enfermagem”. Os encontros deste Núcleo aconteciam todas as quartas feiras à tarde, na antiga igreja da Trindade (que compõe o patrimônio da UFSC, atualmente é um espaço cultural: Teatro da Igreja). Completava o artigo do jornal:

(...) os debates são coordenados pelos próprios idosos, que sugerem o tema que querem abordar. Do núcleo participam duas professoras e quatro estagiárias do Serviço Social. As reuniões semanais do grupo de idosos (...) são abertas a todos que se interessam no debate e discussões sobre alternativas e participação comunitária do idoso.¹⁹

No entanto, o NETI enfrentou uma série de entraves para se estabelecer e ser reconhecido como algo importante. Foi o trabalho insistente destas “agentes sociais” que resultou nesta “participação comunitária”. A professora Neuza lembra²⁰ o que para ela foram “fatos pitorescos” no decorrer dos primeiros anos de instalação do núcleo, entre estes cita uma pesquisa realizada entre familiares e técnicos da comunidade universitária que se declararam contrários a uma “Escola para Idosos” e a negativa dos próprios funcionários e professores universitários de participar de reuniões cujo tema fossem as questões da aposentadoria. A velhice estava definitivamente sendo colocada como problema.

A antropóloga Andrea Lopes reforça o que pude perceber em Santa Catarina, que a gerontologia tomou força na década de 1980, quando a Geriatria assumiu mais autonomia e foi crescendo também a influência internacional, pois muitos sócios da SBGG (Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia) foram participar de

¹⁹ “O Estado”, de 28/09/1983.

²⁰ GUEDES, “A construção de um caminho (Resgate histórico: tropeços e passos a caminho de acertos)”. In: GRÜNEWALD, Virgínia (org.). **NETI: A Construção de um Caminho na Gerontologia**. Florianópolis: Editora Copyflo, 1997. p. 27-28.

eventos no exterior ou realizaram cursos de pós-graduação²¹. Em Santa Catarina, os envolvidos nas questões do envelhecimento não eram intelectuais provenientes de um debate direto com o exterior, mas as questões externas eram discutidas e compartilhadas com problemáticas semelhantes levantadas pelos profissionais, através dos eventos nacionais que discutiram a velhice.

A ANG (Associação Nacional de Gerontologia) foi criada em 1987, resultado da cisão dentro da SBGG, provocada pelo debate interno entre médicos geriatras e gerontólogos. Um grupo de gerontólogos estava “insatisfeito com a quantidade de poder e posição dispensada para sua presença dentro da entidade”²². Com a separação, a ANG passou a agregar não só profissionais e acadêmicos, mas associações de idosos e pessoas interessadas na questão da velhice.

No ano anterior, 1986, aconteceu em São Paulo o I Congresso Ibero Latino Americano de Geriatria e Gerontologia, com a participação de especialistas de Portugal, Espanha, México e Argentina – foi o que informou “A Gazeta”, de 05 de setembro. Segundo o jornal, a SBGG (Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia) estava realizando o seu maior evento até então. Dois dias antes, o mesmo jornal entrevistou Zally Queiroz, que era da Comissão Científica da SBGG, ela falava que a velhice deveria ser encarada como uma etapa “normal” da vida:

O preparo para a velhice deveria ter origem na infância, apresentada como um estágio normal da vida. Um primeiro passo para que não seja doloroso, deve ter início com a aceitação do idoso pela família. Motivar junto à comunidade a criação de centros de permanência não implicando na internação e isolamento. As atividades de lazer, esportes, culturais e de atendimento à saúde, devem ser oferecidas próximas às suas residências, facilitando sua locomoção.

²¹ LOPES, Andréa. **Os desafios da gerontologia no Brasil**. Campinas/SP: Editora Alínea, 2000. p. 192.

²² LOPES, A. Op. cit. p. 153.

A Gerontologia surgiu também como resultado da preocupação de alguns profissionais mais envolvidos com o processo social que alijou a velhice a um estágio inferior da existência, ao contrário do que deveria ser “normal”, como dizia a gerontóloga Zally Queiroz. As parcerias com diferentes instituições nacionais e internacionais, autoridades e órgãos públicos, foi dando credibilidade e fortalecendo, inicialmente, a Geriatria, como uma especialidade médica, e a Gerontologia, com outros profissionais. Talvez, concordando com um dos entrevistados por Andrea Lopes (ela não cita os nomes dos entrevistados, mas supus ser um dos diretores da SBBG), “quando a idade for um elemento irrelevante para a organização da sociedade, a Gerontologia não vai ter nenhum sentido de existir”²³. Em Santa Catarina, a emergência da Gerontologia ajudou a pensar e construir discursos e ações voltadas à população idosa. Apesar dos debates e das divergências que esta “área” multidisciplinar criou, por conta da sua não especificidade, foi muito rico este momento da década de 1980, e de fundamental importância no debate sobre as questões do envelhecimento. Os jornais evidenciaram e tornaram público este debate. Mostraram as mobilizações em torno do envelhecimento e os conflitos que deles mesmos emergiram.

²³ LOPES, A. Op. cit. p. 183.

II. 4 – O comércio do envelhecimento através da Revista Manchete

A pesquisa na revista *Manchete* teve o mesmo objetivo que a nos jornais: perceber como esses veículos de comunicação impressa, de grande expressividade no mercado catarinense e brasileiro, tratavam a velhice. Nas revistas, através dos sumários, eu perseguia as reportagens ou notícias que, de alguma maneira, traziam à tona alguma referência às preocupações com o envelhecimento.

A revista *Manchete* surgiu na década de 1950, sendo considerada a segunda maior revista brasileira desta época. Empregando uma concepção moderna, a revista tinha como fonte de inspiração a ilustrada parisiense “Paris Match” e utilizava, como principal forma de linguagem, o fotojornalismo. A *Manchete* atingiu rápido sucesso e, em poucas semanas, chegou a ser a revista semanal de circulação nacional mais vendida do país, destituindo a renomada e, até então, hegemônica *O Cruzeiro*. A *Manchete*, da Bloch Editores, circulou até o ano 2000.

Apesar de ter tido cinco décadas de circulação, ative-me à Revista *Manchete* da década de 1980. O acervo que pesquisei é composto por doação e, eventualmente, alguns exemplares foram extraviados. Ao iniciar pela composição das capas eu poderia concluir que velhos não “vendem” revista, no sentido de que, se a intenção era atrair o comprador com “imagens atraentes” (mulheres jovens e bonitas eram recorrentes, por exemplo), muito raramente uma pessoa idosa era capa de revista.



Revista manchete, n. 1634. 13 de agosto de 1983



Revista Manchete. n. 1891. 16 de julho de 1988

As duas imagens anteriores, colocadas lado a lado, servem para dar uma idéia do quanto a imagem da beleza feminina, o corpo escultural da mulher personificado na imagem da modelo Luiza Brunet, que foi capa de vários números da revista na década em questão, era valorizada. A velhice só se personificava e se tornava motivo de capa, quando algum personagem célebre morria – como na capa que mostra Abelardo Barbosa, o Chacrinha. Mesmo na revista que mostra o corpo jovem da modelo, recorre-se ao expediente das técnicas de “rejuvenescimento sem plástica”, onde havia, de maneira recorrente, um apelo comercial aos tratamentos pra evitar o envelhecimento.

A pesquisa de André Pires²⁴ sobre as revistas *Claudia* e *Playboy*, comparando os anos 80 com os 90, mostrou que a beleza da mulher sempre era mais cobrada e o envelhecimento tornou-se o mal a ser evitado às custas de muito esforço

²⁴ PIRES, André. **Velhos em revista**: envelhecimento e velhice nas páginas de Cláudia e Playboy (anos 80 e 90). Campinas, SP: Dissertação de Mestrado em Antropologia pela UNICAMP.

(dietas, exercícios, tratamento médico), enquanto os sinais da velhice nos homens, como rugas e cabelos brancos, eram apresentados como “charme”.

Núcia de Oliveira²⁵ buscou na pesquisa histórica com revistas (*O Cruzeiro, Claudia, Vogue, EleEla, Status e Playboy*) identificar as diferenças entre homens e mulheres expressas nessas mídias. Ela percebeu que foi só a partir da década de 1980 que o nu feminino passou a ser publicado nas revistas pesquisadas, pois antes era censurado. E a exposição do corpo masculino, que também passou a ser valorizada nessa época, estava mais voltada para a “boa forma” – um homem “distinto” era um homem bem cuidado, bem arrumado, bem humorado. Enquanto a beleza, para as mulheres, era sinônimo de feminilidade, delicadeza, cuidado e intervenção na estética do corpo.

Na minha pesquisa entendo, como Núcia, que as mídias interferem nos mecanismos de subjetividades. Sobretudo nas últimas décadas, quando passamos a experienciar esta profusão de mensagens e significados textuais e visuais que atravessam, marcam e produzem identidades. A leitura, assimilação, interpretação e produção das imagens, que são também discursos, tornam-se facilitadas, já que os veículos atingem todas as camadas sociais e acabam por imprimir, também, possibilidades de mudança, de escolha, de atitude das pessoas. Posicionamo-nos na perspectiva de Stuart Hall, no sentido de entender que as identidades são construídas nos discursos, nas práticas e posições que podem se cruzar ou não, mas que estão sujeitas a uma historização²⁶.

²⁵ OLIVEIRA, Núcia Alexandra Silva de. **Beleza: uma questão de Gênero**. Rupturas e continuidades na instituição de diferenças entre homens e mulheres. Uma leitura a partir da imprensa (1950-1990). Florianópolis: UFSC. Tese de doutorado em História. 2005.

²⁶ HALL, Stuart. “Quem precisa da identidade?” In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 108.

Depois de feita uma seleção de reportagens e imagens que faziam referência à velhice, mesmo quando a negavam, organizei uma tabela em ordem quantitativa decrescente, no sentido das ocorrências dos temas nas revistas pesquisadas.

Temas	Quantidade de vezes que aparece(m):
Comemoração de idade avançada de pessoas “célebres”	21
Ciência a serviço do rejuvenescimento (beleza, saúde, virilidade e fertilidade)	12
Falecimento de pessoas “célebres” em idade avançada	8
Comportamento sexual	4
Trabalho voluntário	1
Eventos internacionais que repercutem no Brasil	1
Reunião de idosos	1

As reportagens homenageando pessoas que ultrapassaram a média dos 65 anos para aquela década, destacavam algumas que se tornaram célebres - reconhecidas pela sua obra e/ou atuação social, geralmente do meio literário e/ou artístico, tanto nacional quanto internacional. Esse tipo de referência à velhice foi a mais recorrente, como se pode observar na sequência.

“Rose Kennedy chega aos 90 anos”. A revista²⁷ conta que a matriarca da família Kennedy tivera dois filhos assassinados, perdera um filho na guerra e uma filha em acidente de avião, outra “nasceu retardada” (o que teria feito Rose se dedicar a ajudar instituições de “crianças anormais”) e o filho Edward fora derrotado na campanha à presidência dos EUA. Ela declarou: “Fico muito feliz por ver minhas filhas

²⁷ Revista Manchete, n. 1477. Rio de Janeiro, 09 de setembro de 1980.

e noras engajadas nas campanhas políticas, fazendo discursos, como eu fiz. Fui a primeira mulher a fazer campanha política, a participar, numa época em que as mulheres nem tinham direito a voto. Mas, agora, *estou ficando velha*” (itálico da revista). A reportagem, terminada por este grifo, parece querer dizer que a personagem em destaque, apesar das agruras pelas quais passou, nem sente que envelheceu e mostra um certo regozijo de ter valido a pena viver muito.

Jean-Paul Sartre foi entrevistado por Hélio Carneiro, da sucursal de Paris, aos 75 anos de idade e segundo a matéria, ele apresentava “graves problemas de saúde”, embora a entrevista só dissesse que ele estava “quase cego”. Seu depoimento:

Todo mundo me trata como um velho. Eu fico sorrindo. Por quê? Porque um velho nunca se sente velho. Através dos outros, compreendo o que a velhice significa para quem a vê do exterior. Mas não sinto minha velhice. Portanto, minha velhice não é algo que, em si mesmo, possa me ensinar alguma coisa. O que me ensina alguma coisa é a atitude dos outros em relação a mim (...) A velhice é a minha realidade que os outros sentem. Elas me vêem e dizem: esse bom velhinho... E são amáveis porque vou morrer dentro em breve. E são também respeitosos, etc. Os outros é que são minha velhice.²⁸

Anthony Quinn²⁹ fora apresentado no vigor dos seus 66 anos de idade, em 1981, quando se dizia “em lua-de-mel com a vida”, sem pensar na velhice ou na morte. Dizia, segundo transcrição da revista³⁰: “Quando tudo acabar, acabou. E pronto. Não fico pensando neste tipo de problema, simplesmente porque ele, para mim, inexistente”. Em plena atividade cinematográfica, Quinn não parecia se preocupar com uma questão

²⁸ Revista Manchete, n. 1459. Rio de Janeiro, 05 de abril de 1980. Esta reportagem fora de fato anunciativa, no mesmo mês Sartre faleceu e a revista (Manchete, n.1463, de 03/05/1980) dedicou dez páginas a homenageá-lo. Fotos mostram vários momentos da vida dele e do seu funeral, quando Simone de Beauvoir aparecia, cabelos quase completamente brancos, “à beira do túmulo, no comovente adeus”.

²⁹ No penúltimo filme que protagonizou, *Oriundi*, lançado em 2000, produzido pela Warner Brasil e dirigido por Ricardo Bravo, Quinn, aos 84 anos de idade, interpreta um velho imigrante italiano de 93 anos de idade. No ano seguinte ao lançamento deste filme, ele faleceu.

³⁰ Revista Manchete. n. 1516. Rio de Janeiro, 09 de maio de 1981.

que estava posta pelos outros sobre o envelhecimento e suas conseqüências. Ele posava despojado, então, com seus filhos e sua nova esposa.

Henriqueta Brieba³¹ falava sobre seus 80 anos de idade no mesmo ano de 1981, quando então fazia sucesso no papel da “pornô-mãe” de Bô Francineide (personagem de Jô Soares). Ela não considerava sua idade, em si, um impedimento na vida profissional, pois dizia: “Só deixarei de trabalhar quando não conseguir memorizar minhas falas, quando ficar impossibilitada de andar ou ninguém mais me convidar.”³² Brieba exibia na imagem da revista uma estampa de positividade e alegria.



No mesmo ano, Benny Goodman completava 72 anos de idade e 60 de carreira musical como clarinetista. Em plena atividade profissional, a revista destacava um “segredo da boa forma”: “Ele se mantém em forma nadando regularmente na

³¹ Brieba foi ainda atuante como atriz durante toda a década de oitenta. Em 1995, ela faleceu aos 94 anos de idade.

³² Revista Manchete. n. 1532. Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1981.

piscina do Manhattan Excelsior Club”³³. Mesmo tendo falecido na mesma década, em 1986, não encontrei nenhuma notícia sobre este fato na *Manchete*.

Abelardo Barbosa completava, também em 1981, 65 anos de idade e 25 anos de televisão, no total dos 46 anos de carreira iniciada em rádio, segundo as contas da *Manchete* que coloca como título de reportagem: “Toda a lúcida loucura de um certo Abelardo”³⁴. No final da mesma década, a revista trazia como reportagem de capa³⁵ o anúncio da morte do “velho guerreiro”, acometido de câncer no pulmão, aos 70 anos de idade. A revista lembrava que uma semana antes de seu falecimento ele ainda gravava seu último programa da “Discoteca do Chacrinha”, que foi ao ar quando ele já havia falecido. Esta teria sido a última foto (reproduzida por mim) permitida para divulgação por Abelardo Barbosa – apesar do sorriso estampado e o apoio de sua esposa, ele estava convalescente do mal que fatalmente terminou com seus dias de vida uma semana depois.



Revista Manchete. n. 1891. 16 de julho de 1988

³³ Revista Manchete. n. 1538. Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1981.

³⁴ Revista Manchete. n. 1542. Rio de Janeiro, 07 de novembro de 1981.

³⁵ Revista Manchete. n. 1891. Rio de Janeiro, 16 de julho de 1988.

Betty Friedan³⁶, aos 60 anos de idade, em 1981, anunciava seu mais recente livro “The Second Stage”, que segundo ela, como mostra a *Manchete*, aborda a fragilidade provocada pelo movimento feminista da década de sessenta por ter causado uma antipatia “pelos valores do coração e do lar”, prejudicando a luta pela igualdade e colocando os homens como inimigos. Ela anunciava que, para a próxima década, desejava mais tempo para si: “para música, viagens, diversões e frivolidades – eu me reservo o direito de ser frívola”. E sobre casamento, ela que estava divorciada desde 1969, teria dito: “Não me incomodaria. Toda esta questão da dependência/independência é alarmante. Mas, se tentarmos viver livres de dependência emocional, perdemos algo da vida. É melhor se pudermos nos envolver a partir de uma posição economicamente independente. Estou contente por poder fazer isso”.³⁷ De certa maneira, podemos perceber que o movimento feminista permitiu uma nova configuração da vida “independente” para as mulheres que já alcançavam o envelhecimento.

Eleazar de Carvalho³⁸, reconhecido maestro brasileiro, questionado sobre seu sentimento com relação à idade de 70 anos que completava em 1982, respondera: “Sabe que não tenho a menor idéia? Esqueci completamente a minha idade. Isso não é

³⁶ “A militância feminista de Betty Friedan a marcou para a vida inteira e influenciou os estudos sobre gênero e mulheres nas universidades americanas. Outros escritos importantes vieram, mas nenhum alcançou a mesma repercussão de *Mística feminina*, alçado à condição de clássico (...) *The Fountain of Age (A fonte da idade)*, 1993 (...) animou as discussões sobre o envelhecimento, tema de palestras proferidas por ela até pouco tempo atrás em seu país. Se de uns anos para cá, Betty Friedan se afastou da temática feminista, sendo acusada inclusive de traidora da causa por feministas radicais, as marcas de seu livro mais importante permanecem entre nós e nos fazem questionar se a “mística feminina”, objeto de preocupação daquela dona de casa inquieta e questionadora, realmente acabou ou apenas transformou-se, tomando formas menos aparentes na sociedade atual.” Ana Rita Fonteles Duarte. Betty Friedan: morre a feminista que estremeceu a América. In: Revista de Estudos Feministas. v.14 n.1 Florianópolis, abr. 2006.

³⁷ Revista Manchete. n. 1548. Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 1981.

³⁸ O maestro assumiu a batuta da Orquestra Sinfônica de São Paulo durante 24 anos, desde 1971, quando voltou de consagrada carreira pelos Estados Unidos. Morreu em 1996, aos 84 anos de idade.

assunto para reportagem”³⁹. Este questionamento para saber sobre um suposto sentimento de “ser velho” era sempre levantado nestes tipos de entrevistas.

Ainda com 52 anos de idade, em 1982, Grace Kelly, a princesa de Mônaco, em reportagem na qual falava da educação das filhas, do casamento de 26 anos com o Príncipe Rainier e de suas produções artísticas, foi questionada sobre seu sentimento em relação à velhice, e respondeu: “Ninguém gosta da idéia de envelhecer. É uma questão de enfrentar o inevitável e não se deixar ficar perplexo com isso. Ninguém se sente velho até começar a sentir dores e ser obrigado a adaptar suas atividades. Isto não aconteceu ainda. Estou feliz e em busca do que virá a seguir. Quando eu for avó, será uma experiência maravilhosa”⁴⁰. Mas naquele mesmo ano a princesa morreu num acidente de carro. Nos anos subseqüentes eram freqüentes as notícias (de capa inclusive) sobre o comportamento “rebelde” das princesas herdeiras (Stéphanie e Caroline). Embora a idade de 52 anos não fosse ainda parâmetro de referência para identificá-la como velha, era a velhice um elemento que poderia abalar o que tanto admiravam na princesa: a beleza.

“MANCHETE entrevista o maior poeta do Brasil à véspera dos seus 80 anos e ouve suas opiniões sobre a vida e a poesia”: Carlos Drummond de Andrade. A revista perguntava ao poeta como encarava a vida aos 80. Ele teria respondido: “Sou um conservador. Procuro ver a vida com liberdade de julgamento, com consciência, e, se vejo coisas erradas, na medida em que posso, escrevo no jornal, contestando, dando minha opinião. Apenas não desejo influir como político, não desejo influir como ativista. Eu sou apenas um escritor que procura dar sua opinião com lealdade, mas sem a pretensão de corrigir ou de melhorar o mundo. Mesmo porque, isso não depende de

³⁹ Revista Manchete. n. 1574. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1982.

⁴⁰ Revista Manchete. n. 1565. Rio de Janeiro, 17 de abril de 1982.

um indivíduo. Depende de uma evolução muito lenta e muito penosa.”⁴¹ Na entrevista, falava apenas de sua produção intelectual que, por sua vez, indicava sua percepção sobre a vida. Sua morte, cinco anos depois, revelou, de certa maneira, forte ligação à vida familiar. Ele faleceu 12 dias após a morte de sua única filha, Maria Julieta.

Orlando Teruz: 80 anos de vida, 62 de pintura. Artista plástico, “continua fiel à sua técnica e à sua estética”, anunciava a *Manchete*, de 1983⁴², no ano seguinte ele faleceu, sem nota na revista. Enquanto Célio Borja, advogado; Jorginho Guinle, “homem da sociedade”: Fernando Torres, ator; Tom Jobim, músico – depõem sobre suas experiências bem sucedidas de cinquentões. A revista anunciava que “A idade limite do vigor humano muda. Antes se achava que a vida acabava após os 40. O prazo foi inflacionado por mais uma década.”⁴³ Orlando, então, parece desfrutar do lucro da vida (com vigor) que, na fala da revista, terminaria aos cinquenta.

A decadência de Salvador Dalí foi acentuada pelas fotos e descrições narrativas: “O Dalí de agora, aos 80 anos. Doente, os agressivos bigodes caídos, o passo titubeante – uma sombra do mestre que renovou a pintura, deu ênfase ao surrealismo e agressividade exibicionista às suas palavras. O mal de Parkinson roubou-lhe os pincéis da mão.”⁴⁴

⁴¹ Revista Manchete. n. 1594. Rio de Janeiro, 06 de novembro de 1982.

⁴² Revista Manchete. n. 1616. Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 1983.

⁴³ Revista Manchete. n. 1618. Rio de Janeiro, 23 de abril de 1983.

⁴⁴ Revista Manchete. n. 1621. Rio de Janeiro, 14 de maio de 1983.



Revista Manchete. n. 1621. 14 de maio de 1983.

E o “último monstro sagrado” resistiu à vida até 23 de janeiro de 1989⁴⁵. A *Manchete* trouxe uma seleção de fotos irreverentes dele, de algumas de suas obras, com a esposa Gala com quem viveu até sua morte em 1982 (ela era dez anos mais velha que ele) e a derradeira foto, no hospital, recebendo a visita de Rei Juan Carlos II, a quem ofereceu o livro de poemas “Ode à Monarquia” com sua última ilustração. O que poderia parecer um último ato de rebeldia e afronta, parece na foto ser uma indulgência do monarca ao decrépito.

⁴⁵ Revista Manchete. n. 1920. Rio de Janeiro, 04 de fevereiro de 1989.

Também a atriz hollywoodiana⁴⁶ não escapou das imagens comparativas dos anos áureos de sucesso e os de decadência física, pela *Manchete*⁴⁷:

Greta Louise Gustafson [sic], 82 anos, caminha com dificuldade e segurando o braço da enfermeira que a acompanha. Poderia percorrer a Suíça inteira sem despertar atenção, mas há um detalhe: ela não é uma anciã qualquer, trata-se do maior mito vivo do cinema – Greta Garbo. Trêmula, os cabelos embranquecidos e o rosto marcado, nada em sua figura faz lembrar a Divina, a mulher que na década de 30 fugiu da glória e da fortuna com a frase antológica: I want to be alone!.



Revista Manchete. n. 1621. Rio de Janeiro, 14 de maio de 1983.

⁴⁶ “Greta não voltou às telas depois de *Duas vezes meu*, de 1941, parou de filmar aos 36 anos, no auge de sua beleza e seu sucesso. Durante a sua carreira, ela teve quatro indicações para Oscar de melhor atriz, por *Romance* (1930), *Anna Christie* (1930), *A dama das camélias* (1936) e *Ninotchka* (1939). Mas acabou ganhando só um Oscar honorário, em 1955. Deixou Hollywood para viver num grande apartamento na Rua 52, em Nova York, com vista para o East River. Só posou para fotos em mais três ocasiões, para Cecil Beaton, Anthony Beauchamp e George Hoyningen-Huene. Depois disso, centenas de paparazzi tentaram capturar o que o envelhecimento estaria fazendo com seu rosto magnífico. Tudo o que conseguiram foram uma imagem granulada de uma esfinge sueca, sempre escondida por chapéus, óculos escuros e lenços.” (Tonica Chagas para o Estado de São Paulo – 30 de outubro de 2005 – Caderno 2) Greta Garbo faleceu no dia 15 de abril de 1990, aos 84 anos de idade.

⁴⁷ Revista Manchete. n. 1621. Rio de Janeiro, 14 de maio de 1983.

As imagens anteriores mostram dois momentos da vida da atriz. A juventude com altivez e a velhice cabisbaixa. A matéria da *Manchete* continua explicando que ela desmentira mais tarde que quisesse se referir a um exílio quando disse aquela frase célebre, pois era apenas um pedido que a deixassem em paz. Diz ainda a revista que ela fugira de um casamento milionário, não teve filhos e sua biografia, então recentemente publicada pela Editora Doubleday, revelara que ela teria vivido o “grande drama” de nunca ter assumido a homossexualidade.

Orígenes Lessa, homenageado com encarte especial, também foi lembrado pela revista⁴⁸ nos seus 80 anos de vida, completados em 1983, quando consagrado pela adaptação televisiva de sua obra “O feijão e o sonho”. Em resposta à pergunta fatal, ele diz não temer a morte e ser esse um tema recorrente nas coisas que escreve. Como quem quisesse dizer: quem quer saber, que leia meus livros. Três anos depois, ele faleceu e também não foi noticiado pela revista.

Reportagem⁴⁹ mostra a rotina de trabalho, em 1986, do “operário do coração”, Dr. Zerbini, que há quase cinquenta anos “inspirou, construiu e dirigiu” o Instituto do Coração, em São Paulo. Ele “chega aos 75 neste sete de maio, não se permite à licença poética do ócio”. Dedicava-se ao tênis nas horas vagas. Atribuía sua longevidade, segundo a matéria, à herança hereditária⁵⁰.

⁴⁸ Revista Manchete. n. 1633. Rio de Janeiro, 06 de agosto de 1983.

⁴⁹ Revista Manchete. n. 1830. Rio de Janeiro, 16 de maio de 1986.

⁵⁰ “Euryclides de Jesus Zerbini morreu em 23 de outubro de 1993, aos 81 anos, em plena atividade.” <http://www.terra.com.br/istoe/biblioteca/brasileiro/ciencia>. Esta pesquisa feita pela Revista Isto É, para eleger “O brasileiro do século”, colocou Dr. Zerbini em 8º lugar, entre 20, na categoria “Ciência, Tecnologia & Educação”.



Revista Manchete. n. 1842. 04 de agosto de 1987

Dercy Gonçalves estava “inteira aos 80”⁵¹, anunciava a *Manchete*. O editor da revista⁵² também comemorava no mesmo ano a mesma idade, ele escrevera uma crônica para agradecer a festa oferecida pelo empresário Mário Amato, em homenagem aos seus 80 anos de idade. Na crônica memorialística⁵³, ele lembrava de quando chegou ao Brasil e, como judeu, logo foi buscar conselho com o rabino Rafalóvitch, depois contava momentos marcantes de sua vida, como a viagem à União Soviética de Gorbachev. Mostrava-se otimista com o crescimento do Brasil e das empresas Bloch, que sucumbiram na década posterior.

⁵¹ Revista Manchete. n. 1842. Rio de Janeiro, 04 de agosto de 1987.

⁵² Adolpho Bloch, fundador da Bloch Editores, inaugurou também, em 1983, a rede de televisão Manchete. Em 1995, ele foi internado no hospital da Beneficência Portuguesa, em São Paulo, para tratar dois problemas: embolia pulmonar e disfunção da prótese da válvula mitral do coração. No dia 19, seu quadro agravou-se, precisou ser operado, mas não resistiu e faleceu, aos 87 anos. Não teve filhos, com isso, as empresas de seu grupo passaram para o controle do sobrinho de Bloch, Pedro Jack Kapeller, que ficou no comando destas até o ano 2000, quando o Conglomerado Bloch deixou de existir.

⁵³ Revista Manchete. n. 1914. Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1988.

Em 1987, às vésperas de completar 80 anos, Katharine Hepburn⁵⁴, dava dicas de como se manter “em forma”: dormir até 12 horas por noite, dormir e acordar cedo, cuidar do jardim e assistir à televisão. A reportagem conclui: “Com quatro oscars, ela é um dos últimos mitos vivos do cinema”⁵⁵.

“Karajan: o último imperador da música” comemorava seus 80 anos de idade lançando sua auto-biografia “Histoire de ma vie”, com a colaboração do seu ex-discípulo Franz Endler, segundo quem assina a matéria sobre o maestro – Eduardo Francisco Alves. Erbert Von Karajan estava na batuta da Filarmônica de Berlin há 34 anos, até aquele momento, quando o redator conclui “(...) quando ele não puder mais reger uma orquestra, toda uma era, a mais inflamada na história da criação musical no Ocidente, estará chegando ao fim”⁵⁶. Ele posara de imperador.



Revista Manchete. n. 1888. Rio de Janeiro, 07 de maio de 1988

⁵⁴ Pouco provável que a atriz pudesse ter tido uma rotina assim durante sua carreira nas décadas anteriores. Neste momento, ou seja, no final da década de 1980, Katharine Hepburn atuava apenas em tele-dramas. Em 1991, ela publicou sua biografia e em 1994 teve suas últimas aparições em filmes. Morreu em julho de 2001, aos 96 anos de idade, considerada uma das atrizes que mais recebeu indicações de oscars e quem mais recebeu estatuetas (4 de melhor atriz).

<http://www.cinemaemcena.com.br/variedades>. Pesquisado em 11/10/2006.

⁵⁵ Revista Manchete. n. 1873. Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1987.

⁵⁶ Revista Manchete. n. 1888. Rio de Janeiro, 07 de maio de 1988.

Um ano depois Karajan faleceu, poucos meses depois de deixar a orquestra – que continua⁵⁷.

Também Dom Hélder Câmara comemorava seus 80 anos de idade, em 1989. “Aposentado de suas funções de arcebispo de Olinda e Recife. Desde o Concílio Vaticano II, ele abraçou a causa da ‘igreja dos pobres’”⁵⁸. Ele teve significativa atuação como representante da chamada “teologia da libertação”, que, de dentro da Igreja Católica, engrossou as fileiras dos movimentos sociais de cunho esquerdo-marxista. Dom Hélder faleceu 10 anos depois.

Com exceção dos já citados, quando elenquei os que foram reportagem por conquistar a vitória de ultrapassar os sessenta, setenta e, sobretudo, os oitenta anos de idade, foram lembrados pelo episódio de seus respectivos falecimentos: Alfred

⁵⁷ “O sucessor de Karajan foi o italiano Claudio Abbado que expandiu o repertório da orquestra na música contemporânea. Simon Rattle, o atual diretor, fez dessa expansão uma condição para a assinatura de seu contrato com a Filarmônica de Berlim, assumindo o cargo em 2002. Desde que assumiu o cargo, a orquestra é uma instituição pública com poderes de decisão artística e financeira próprios, feito esse conseguido com uma alteração das leis em 2001.”

http://pt.wikipedia.org/wiki/Orquestra_Filarmonica_de_Berlim. Pesquisado em 10/10/2006.

⁵⁸ Revista Manchete. n. 1924. Rio de Janeiro, 04 de março de 1989.

Hitchcock⁵⁹, Cartola⁶⁰, Simone de Beauvoir⁶¹, Jorge Luis Borges⁶², John Huston⁶³ e Volpi⁶⁴: destaque em seguida, dois desses.

Não é possível saber pela reportagem se a foto de Simone de Beauvoir é recente a seu falecimento. A comparar pelos cabelos, eu diria que a foto é anterior à morte de Sartre, pois no réquiem ela aparece com os cabelos bem branquinhos e até um pouco calva. Todavia, a foto que fica registrada, parece falar mais sobre a imagem que se quer deixar na lembrança: a intelectual dedicada aos livros, à leitura e à escritura. Já que Beauvoir tem muito a ver com as reflexões sobre o envelhecimento, nada mais pertinente do que mostrar ela mesma na sua velhice.

⁵⁹ “(...) o simpático e genial velhinho”: 50 anos de carreira, 53 filmes. Morreu aos 80 anos. Ele teria dito no ano anterior: “Nosso passatempo preferido deve ser nossa profissão”, segundo a Revista Manchete, n. 1465. Rio de Janeiro, 17 de maio de 1980.

⁶⁰ “(...) só depois de Velho, Agenor de Oliveira viu suas músicas consumidas e conheceu o sucesso, tornando-se um mito da música popular brasileira”. A reportagem sobre o funeral de Cartola falava de seus 72 anos de vida. Revista Manchete, n. 1495. Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1980.

⁶¹ A Revista Manchete, n. 1780, de 31 de maio de 1986, não diz a idade que ela tinha ao falecer aos 14 de abril, mas lembra que ela viveu quase 50 anos ao lado de Sartre, falecido em 1980.

⁶² A Revista Manchete, n. 1784, de 28 de junho de 1986, anunciou a morte do escritor argentino Borges, vitimado pelo câncer no fígado, em Genebra, 14 de junho, aos 87 anos de idade. No entanto a polêmica maior trazida pela revista em número anterior e posterior era sobre os interesses e porquês de seu casamento com Maria Komona, 41 anos mais nova que o escritor à beira da morte.

⁶³ A Revista Manchete, n. 1848, 19 de setembro de 1987, anunciava que o ator e diretor americano morrera às vésperas de completar 81 anos – era um “monstro sagrado”.

⁶⁴ “Vivia com pouco. Contentava-se com *pasta e vino*, além de muito alho – ao qual atribuía sua longevidade – e um punhado de amigos desinteressados. (...) Suas bandeirinhas são uma festa para os olhos e para o espírito, o traço infantil de um artista de complexa maturidade.” Alfredo Volpi, italiano de nascimento, vivera 88 anos no bairro paulistano de Cambuci, faleceu aos 92 anos de idade, notícia Revista Manchete, n. 1886, de 11 de junho de 1988.

Quando completou 84 anos de idade, e fora homenageado, o artista plástico teria dito: “Faço o que gosto, tenho boa saúde. Para mim, trabalho é vida. Se trabalho, estou vivo, como se tivesse 20 anos”. Revista Manchete, n.1471. Rio de Janeiro, 28 de junho de 1980.



Revista Manchete, 1775. Rio de Janeiro, 26/04/1986

Um número anterior ao que anunciou a morte do escritor argentino Borges e outro número posterior da Manchete que anunciou seu falecimento polemizaram o fato de ele ter se casado à beira da morte e o pior parecia ser o fato de a noiva, Maria Komona, ter menos da metade de sua idade, pois era questionado a ambos, que se negavam a dar explicações, quais os interesses que envolviam o casamento. As frases de chamada mostram bem o que a revista quis polemizar.



Revista Manchete, 1780. Rio de Janeiro, 31/05/1986

Estas pessoas sobre as quais acabei por investigar uma breve biografia, fizeram-me entrar e pensar num campo, relativamente recente e polêmico, da história cultural. A viagem pelos percursos de vida é empolgante e fascinante. O trabalho biográfico permite não só conhecer a pessoa biografada, mas suas relações parentais, de época e do próprio pesquisador que (re)compõe suas próprias memórias⁶⁵.

Na categoria que chamei aqui de “ciência a serviço do rejuvenescimento”, incluindo a idéia de padrão de beleza, virilidade e fertilidade, identifiquei onze reportagens durante a década de oitenta, na revista *Manchete*. Uma boa parte traz como conteúdos, experiências que prometiam vida longa na perspectiva de continuar jovem (ativo/a profissional, afetivo/a e sexualmente, bonito/a e fértil). Em geral, reproduziam o

⁶⁵ Um pouco deste sentimento foi que experimentou Vavy Pacheco Borges, quando escreveu sobre Gabrielle Brune-Sieler. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas/SP: Ed. da UNICAMP, 2001.

que vinha dos Estados Unidos, da França e, com menos incidência, de outros lugares (da Europa ou Brasil).

Os suplementos alimentares do casal Durk Pearson e Sandy Shaw, já proclamados como promessa de longevidade na bem sucedida publicação “Life Extension”, do final da década de setenta, eram lembrados pela revista, que trazia também um debate com o Dr. Leonard Hayflick, da Universidade da Flórida, apontando para o perigo das pessoas se orientarem por um livro, enquanto os autores, ambos com 39 anos, são as próprias cobaias: “O par ingere aproximadamente 30 substâncias por dia, entre vitaminas, hormônios, minerais e aminoácidos”⁶⁶. Outro casal: Zion Yu e Yu Hsiao Ping, médicos chineses que tinham clínica de rejuvenescimento em Los Angeles, usavam acupuntura e raios laser “restaurando a juventude no rosto de homens e mulheres mais velhos”⁶⁷. Ainda de Los Angeles, Universidade da Califórnia, o cientista Roy Waldorf, “cuja reputação é aclamada nos quatro cantos do mundo”, apregoara: “A regra áurea para se viver mais e conservar a juventude está na ingestão diária de uma ração alimentar, compreendida entre 1500 e 1800 calorias. Mas isso não é tudo. Deve-se abolir totalmente da alimentação as gorduras cozidas, os alimentos gordos, todas as carnes (exceto aves), os alimentos industrializados, os molhos e diminuir o máximo possível a ingestão de bebidas alcoólicas.” Em casos especiais, ele recomendava a utilização de procaína e antioxidantes, além de exercícios físicos. O médico se dizia, na matéria, cobaia de seus conselhos há três anos e que, desde então, tornara-se sexualmente mais ativo. Concluiu: “Quando se sabe que se vai viver longamente, o mundo não tem mais fronteiras, todos os desejos podem ser realizados e há um crescente interesse em começar algo novo. E, convenhamos, que melhor coisa pode

⁶⁶ Revista Manchete, n. 1596. Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1982.

⁶⁷ Revista Manchete, n. 1598. Rio de Janeiro, 04 de dezembro de 1982.

haver que a experiência da maturidade a serviço do corpo ágil, sadio e jovem?”⁶⁸
Novamente aparece a noção de corpo ativo ligada à sexualidade, especialmente para os homens, como se enfatiza também na seqüência.

Da França vem o anúncio da publicação do ginecologista Dr. David Elia, que publica um *best-seller*, “Les hommes”, no qual propunha um novo ramo da medicina: a andrologia. O doutor, segundo matéria da revista, considerava problemático que os homens, quando necessitam de acompanhamento médico para “problemas deles”, procuram urologistas, dermatologistas e até ginecologistas. Ele defendia, também, que “os homens não têm que temer a velhice, pois são sexualmente ativos até o último dia de vida”⁶⁹. Outra da França: uma “Associação para a Luta contra a Velhice”, em Quiberon. Entrevista com os seus membros revelara algumas dicas para se “viver 100 anos sempre jovem”: evitar sapatos altos, considerar o patrimônio genético e a higiene da vida, cuidados com problemas arteriais (“ver a idade das artérias”) e procurar meios terapêuticos (implantes placentários, procainoterapia, endocrinoterapia e a vitaminoterapia) e ainda apontava a gerontologia como “a nova especialidade do rejuvenescimento”⁷⁰.

Imbuída também destas influências externas, a matéria do jornalista Durval Ferreira sobre profissões do futuro, destacou a “Geriatrics – a ciência da terceira idade”, pois existia uma expectativa de 13,8 milhões de sexagenários em 2000. Ele falava de uma “geriatrics preventiva e recuperativa”, através de pílulas artesanais e algumas importadas (como o ginseng). Na confusão entre geriatrics e gerontologia, que ainda se faz, ele concluiu como se já fosse ponto pacífico: “Como se sabe, geriatrics não é a especialidade para tratamento da senectude como doença, particularmente reservada à

⁶⁸ Revista Manchete, n. 1702. Rio de Janeiro, 01 de dezembro de 1984.

⁶⁹ Revista Manchete, n.1606. Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 1983.

⁷⁰ Revista Manchete, n. 1632. Rio de Janeiro, 30 de julho de 1983.

gerontologia, mas sim método de tratamento, rejuvenescimento do vigor físico e mental das pessoas próximas ou em plena terceira idade”. Há que se considerar também, que àquela época o termo “terceira idade” era confuso em seus significados. Ele apontava, ainda, para os “novos e rendosos mercados de trabalho, exclusivos da terceira idade – filão de ouro”: fisioterapeutas, preparadores físicos, indústria de equipamentos especializados e de cosméticos, são citados como exemplos⁷¹. “Retin A” fora anunciado como solução para o fim das rugas. Seu princípio ativo: tretinoína (vitamina A ácida) ou ácido retinóico. O tratamento, no entanto, não era apresentado como eficaz para rugas profundas, pois revelara alergia nas cobaias. A melhor alternativa sugerida, era a cirurgia plástica⁷². Mas no início da década, as alternativas cosméticas e aplicativas eram recorrentes, como o colágeno, por exemplo, que aparece na mesma revista que estampa Luiza Brunet semi-nua na capa. A ciência a serviço do rejuvenescimento estaria associada a um ideal de beleza (jovem) a se atingir.



Revista Manchete, 1634. 13/08/1983

⁷¹ Revista Manchete, n. 1733. Rio de Janeiro, 06 de julho de 1985.

⁷² Revista Manchete, n.1873. Rio de Janeiro, 12 de março de 1988.

Na linha dos conselhos, seis páginas davam dicas de “como passar dos 40 sem envelhecer”. Resumidamente: 1. ter cuidados com o sol (usar filtro protetor e evitar horários de sol a pino); 2. não fumar; 3. fazer três refeições diárias (carnes brancas, evitar álcool e ingerir clara de ovo, considerado um alimento completo); 4. ter vida sexual ativa; 5. praticar esportes e exercícios físicos sem excessos; 6. manter o cérebro em exercício para evitar a perda da memória; 7. implantes placentários na região pubiana para reativar a circulação sanguínea e rejuvenescer a pele; 8. procainoterapia – injeções venosas despertariam a libido, melhorariam a visão e o paladar, bem como promoveriam regeneração dos tecidos. A matéria ressalta que as duas últimas dicas não tinham respaldo científico sobre seus efeitos, mas que eram defendidas por gerontologistas⁷³.

Da Inglaterra veio a notícia⁷⁴ de que Toni Del Renzio, aos 70 anos de idade, entrara para o livro dos recordes “como o pai de quádruplos mais idoso do mundo e o primeiro ancião a se tornar pai de proveta”. Havia “empecilhos de ordem técnica que impediam Toni de realizar seu sonho” (de ser pai). Os “especialistas em fertilidade resolveram ajudar a natureza enfraquecida de Toni”. A mãe, Doris, tinha 38 anos de idade.

As novas tecnologias reprodutivas, as pílulas revitalizantes, as dietas e prescrições de regras de bem viver passam a participar de uma certa “dietética”, “econômica” e “erótica” – regras de controle, mesmo que diferentes daquelas dos gregos, analisadas por Foucault⁷⁵.

⁷³ Revista Manchete, n. 1832. Rio de Janeiro, 30 de maio de 1987.

⁷⁴ Revista Manchete, n.1750. Rio de Janeiro, 02 de novembro de 1985.

⁷⁵ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 9.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

A beleza de Tônia Carrero também fora destacada pela *Manchete*⁷⁶ (em outros vários números da revista). A “eternamente jovem” fora escolhida, naquele 1986, como uma entre as 10 mulheres do ano pela sua carreira e por seu livro auto-biográfico, “O Monstro de Olhos Azuis”. Entre as dez, Tônia e Carmem Prudente (então eleita pela sua luta frente à Fundação Antônio Prudente) foram destacadas pela sua idade avançada e Rita Camata (eleita a deputada mais jovem) pela (considerada) pouca idade.

O processo histórico impôs a exposição da beleza do corpo da mulher jovem. Aquelas que atingem a fase convecionada da velhice e se mantêm belas “apesar da idade” são colocadas como ícones, exemplos a serem seguidos, uma referência de ideal. As intervenções médicas ou mesmo a produção performática para “vender” uma imagem de juventude permanente envolvem uma série de custos sobre os quais não se fala. A exposição do corpo “civilizado e fotogênico”⁷⁷ tornou-se um dever.

Classifiquei quatro reportagens dentro daquilo que vou chamar de “comportamento sexual”. Duas delas estão relacionadas às mulheres e duas aos homens. Todas, no entanto, refletem o preconceito com relação à sexualidade entre os idosos/as, como se a eles/as não mais fosse permitido falar sobre sexo ou como sequer houvesse sexualidade para esta população.

Uma reportagem⁷⁸ fala da ausência, pois ao tratar sobre o “comportamento sexual da mulher brasileira”, numa pesquisa feita pela LPM/Burke/Manchete em 1981, considerava três faixas etárias (de 18 a 24, 25 a 34 e 35 a 49 anos), a última faixa revelava maiores porcentagens de satisfação nas relações sexuais (no que dizia respeito

⁷⁶ Revista Manchete, n 1811. Rio de Janeiro, 03 de janeiro de 1987. Em 1980, a revista (Manchete, n.1468, de 07/06) dissera que Tônia tinha 58 anos de idade e dava seus segredos de beleza, comparando-se a Ingrid Berman – “bela e talentosa”.

⁷⁷ SANT’ANNA, Denise B. **Corpos de passagem**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 69.

⁷⁸ Revista Manchete, n. 1527. Rio de Janeiro, 25 de julho de 1981.

à frequência, vontade e orgasmo), no entanto, nenhum dado fora apresentado sobre as mulheres acima dos 49 anos, já que na lógica crescente, elas deveriam apresentar índices de “satisfação”, mesmo em idade avançada.

Outra reportagem⁷⁹ mostra o depoimento de Dercy Gonçalves, então com 75 anos de idade (ela repetira, com menos ênfase esta memória aos 80, quando a *Manchete* fez a reportagem comemorativa ao seu octagésimo aniversário). Dizia ter sido estuprada por um “homem muito influente” da região de Londrina, quem, depois de levar as outras atrizes de companhia de teatro para jantar, entregou-as no hotel e convidou Dercy para mais um “papinho”, levou-a para um motel, onde a teria jogado na cama e dado “tapas na cara”, completava a depoente: “Reclamar? (...) A culpada seria sempre eu. ‘Abusar de uma velhinha como ela?!’ iria exclamar, se eu fizesse algum escândalo. Calei, e voltei para o sofá do meu psicanalista. (...) Hoje, se quiser sexo, procuro, escolho, verifico se o animal está em forma, pago e jogo a casca fora, definitivamente. Com sexo, não me agrido nunca mais.” Mesmo considerando a carga de irreverência que marca a personalidade de Dercy Gonçalves⁸⁰, pode-se inferir na sua fala a marca do estigma de atriz que, durante muito tempo e talvez ainda mais para sua geração, não era reconhecida como profissão e sim como sinônimo de prostituta. Há que se considerar o peso que a idade e o envelhecimento conferiram à Dercy, no sentido de darem-lhe respeitabilidade e valor, pois ela não se curvou aos padrões colocados às mulheres de sua época. Ela foi e ficou sendo a “desbocada” (por falar o que pensa e sem medir palavras polidas) e “irreverente” – adjetivos que a colocam no patamar das “mulheres libertárias”.

⁷⁹ Revista Manchete, n. 1575. Rio de Janeiro, 26 de junho de 1982.

⁸⁰ Dercy Gonçalves completou em junho de 2006, 99 anos de idade, 81 de carreira, e lançou dez filmes estrelados (entre mais de outros dez, mais participações em novelas televisivas) em DVD. <http://www.folha.uol.com.br, de19/06/2006 - 16h24>.



Essas imagens acima ilustram a reportagem citada anteriormente. Há um jogo com espelho, com outras fotos de Dercy na juventude. O local (banheiro) intimista reforça a imagem de quem não quer esconder sobre sua vida. Dercy depõe sobre o preconceito existente da sexualidade a partir de três elementos intercambiantes: o lugar social, uma questão de classe (ela como atriz), o gênero (ela como mulher) e, sobretudo, a geração (ela enquanto pertencente a uma geração e vivendo uma época da vida com configurações próprias da idade). “Abusar de uma velhinha” seria motivo de graça, pois quem acreditaria, se ela dissesse, que era atraente e desejável sexualmente? No próprio entendimento da depoente, que revela um senso comum, não haveria alguém.

A sexualidade na velhice há muito é encoberta, negada, controlada – quando admitida, muitas vezes é relevada como atitude de “coitados” (como se quisessem dizer: deixem que se divirtam e que pensem que podem). Todavia, mesmo em instituições

asilares⁸¹, onde os espaços são separados para homens e mulheres, os idosos mostram que existe uma sexualidade, um desejo sexual que algumas vezes pode se traduzir em beijos, gestos de carinho, palavras até implicantes, olhares e/ou querer o/a outro/a por perto. É o cotidiano das instituições, até mesmo familiares, (as regras e a disciplina, mesmo que à custa de medicação) que acabam por acomodar os comportamentos, tornando-os mais “dóceis” e “fáceis”. Estas condutas marcadas pelo gênero e geração são também fruto daquilo que Freud chamou, lá na década de 1930, de “renúncia ao instinto”, pela opressão e repressão de instintos poderosos, que a civilização moderna construiu⁸².

A sexualidade para os homens envelhecidos aparecia problematizada na impotência. As alternativas anunciadas como solução eram: injeção de prostaglandina⁸³ e uma droga com um nome nada comercial (LY 163502)⁸⁴. As injeções no pênis eram consideradas revolucionárias se comparadas às próteses. Elas estavam no caminho entre as soluções aparentes e as inconfessáveis (pílulas ingeridas via oral, das quais o Viagra seria pioneira na década posterior).

Só no início da década de oitenta, a revista destacou pela idade e valorizou o trabalho voluntário de uma mulher como Carmem Anes Dias Prudente, prima do escritor Érico Veríssimo e viúva, desde 1965, do médico Antônio Prudente, com quem trabalhou para construir um hospital que recebeu seu nome. A reportagem⁸⁵ colocava a instituição, inaugurada em 1946, como modelo no tratamento do câncer, em São Paulo. Após a morte do seu cônjuge, Carmem Prudente teria dado continuidade à obra com o

⁸¹ Ver: SCHMITT, Jaqueline Aparecida Zarbato. **O Lar de Velhinhos Irmão Erasto**: muitas histórias para contar (O Cotidiano da entidade espírita/ Florianópolis – 1956-2000). Tese de doutorado em História. Florianópolis: UFSC, 2005.

⁸² FREUD, Sigmund. **O mal-estar da civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p.52.

⁸³ Revista Manchete, n. 1937. Rio de Janeiro, 03 de junho de 1989.

⁸⁴ Revista Manchete, n. 1877. Rio de Janeiro, 09 de abril de 1988.

⁸⁵ Revista Manchete, n. 1499. Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1981.

objetivo de proporcionar melhores condições às vítimas do câncer: “Vestiu-se de rosa para dar mais alegria às suas pacientes” e seu trabalho era “levar diariamente conforto e esperança aos doentes de seu e de outros hospitais de cancerosos”. Aos 68 anos de idade ela teria criado o “primeiro serviço telefônico da América Latina, especialmente feito para prestar informações úteis sobre o câncer”. Ela escrevera até então 14 livros cujos direitos autorais haviam sido destinados ao hospital. O tapete vermelho que o Papa João Paulo II pisou em visita à Aparecida do Norte, ela estava retalhando para vender pedaços como relíquias e o dinheiro seria revertido para “suas obras caridosas”. Tudo isso lhe valeu o título de “a Mulher do Mundo 80” – Prêmio Internacional Saint-Vicent – eleita por embaixatrizes credenciadas junto ao governo italiano. O prêmio foi entregue no salão da Prefeitura de Roma, aos 16 de novembro de 1980. O fato não teve muita repercussão nos jornais locais, e dentre as pessoas que entrevistei, apesar de ligadas aos trabalhos filantrópicos, Carmem Prudente não fora citada. Ela, no entanto, representava uma fatia das mulheres de classe média e alta que dedicavam seu tempo livre à filantropia e caridade e eram, por sua vez, muito importantes, pois exerciam uma ligação estratégica entre os poderes governamentais, marcadamente exercidos por homens (maridos, parentes ou maridos e/ou parentes das amigas) .

Entre os eventos internacionais de grande repercussão no Brasil, vale destacar a Assembléia Mundial da ONU (Organização das Nações Unidas), em Viena, que elegeu o ano de 1982 como Ano Internacional do Idoso. A *Manchete*⁸⁶ dizia: “A ONU promoveu o encontro à procura de uma resposta e, se não faltaram representantes das nações industrializadas, ainda mais ativa está sendo a participação das delegações dos países do Terceiro Mundo: a inquietação parece ser geral, e uma das vozes que estão falando alto é a do Brasil”. Estiveram nesta assembléia: o então embaixador do

⁸⁶ Revista Manchete, n. 1567. Rio de Janeiro, 01 de maio de 1982.

Brasil em Viena, Geraldo Eulálio Nascimento e Silva, “um membro da Assembléia Nacional da Velhice, realizada em Brasília”, Euclides de Oliveira e “membros do Ministério da Saúde e da SBGG” (sem nomes citados). Ainda a mesma reportagem dizia que o Brasil não apresentou relatórios de programas assistenciais, por não possuir recursos para aplicação de métodos sofisticados como os utilizados pelas nações ricas. Havia também a informação de que o Professor Herberto Miranda, reitor da Universidade Internacional da Terceira Idade, sediada em Lisboa, visitaria o Brasil no final daquele ano para inaugurar uma espécie de filial da universidade no Rio de Janeiro e em São Paulo.

A experiência pioneira de Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI), no Brasil, esteve ligada à UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) e partiu da iniciativa de médicos que acreditavam que uma universidade pública deveria criar e manter um centro de referência para “as necessidades específicas da terceira idade”, com apoio “adequado” tanto para idosos quanto para os que deles cuidam⁸⁷.

A discussão nacional sobre envelhecimento no Brasil, parece ter se interessado pelas impressões de “meninos e adolescentes” sobre a “terceira idade”. A coluna de Pedro Bloch⁸⁸, intitulada “Velhice não é pecado”, que tratava de uma “pesquisa” entre este público, concluía dizendo: “Neste ano do idoso, não chamem idoso de idoso. Chamem de velho, mesmo. Não olhem o que foi somente, mas, sobretudo o que ainda é e será, num mundo melhor e mais justo”. De maneira superficial, o colunista revelava as inquietações do debate discursivo em torno de como se referir à população envelhecida e as perspectivas de futuro.

⁸⁷ VERAS, Renato; CAMARGO Jr., Kenneth R. “Idosos e universidade: parceria para a qualidade de vida”. In: VERAS, Renato (org.). **Terceira Idade**: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/UnATI-UERJ, 1995. p. 24.

⁸⁸ Revista Manchete, n. 1567. Rio de Janeiro, 01 de maio de 1982.

Parecia haver interesse, naquele ano de 1982, em dizer o que pensavam esses ou aqueles sobre envelhecimento e o que se fazia para ou com idosos. Nos anos seguintes da mesma década, não encontrei nenhuma notícia na *Manchete* de algum tipo do que classifiquei de reuniões de idosos. Apenas uma pequena matéria⁸⁹, escrita por Renato Savarrese, na sessão “esta semana”, que ficava no final da revista, contava que o Ilha Porchat Club servia de local de encontro há um ano, para homens e mulheres entre 60 e 105 anos de idade. Diz o anúncio que no começo “os animados velhinhos eram apenas 77, todos do Lar Vicentino, em São Vicente [Baixada Santista, Estado de São Paulo]. Gostaram da experiência, a idéia pegou, várias entidades aderiram e hoje mais de 1.600 pessoas comparecem”. O então presidente do clube, Odárcio Oliveira Ducci, que teria tomado a iniciativa de organizar os encontros, dizia ter um projeto de construir uma “Cidade dos Idosos”, onde “haveria assistência médico-hospitalar e social para todos, além de espaço destinado a horticultura e jardinagem, infra-estrutura com a finalidade de amparar o idoso e ajudá-lo a sentir-se útil, integrado e feliz”. Completava dizendo que enquanto este projeto não se tornava concreto, “os nossos velhos vão organizando seus concursos de danças, os festivais de doces finos, as rodadas de tômbola...”. De certa maneira, era recorrente a idéia de que alguém ou algumas pessoas mais influentes deveriam se sensibilizar com uma população idosa carente e fazer alguma coisa por eles ou oferecer condições para que eles fizessem algo para si. A distração, a festa, o encontro serviriam como consolo às amarguras. A caridade servia à benevolência e escamoteava uma certa invisibilidade que sobretudo as populações mais pobres viviam, ao envelhecer.

O mercado de consumo que se cria e que movimenta este comércio paradoxal de velhice (porque se nega a própria), está colocado nos vários discursos

⁸⁹ Revista Manchete, n. 1590. Rio de Janeiro, 09 de outubro de 1982.

produzidos e datados. Através das revistas é possível perceber uma imposição subliminar de consumos de bens específicos que indicam como aqueles que não se sentem velhos devem proceder e os que se sentem velhos, como escamotear ou esquecer.

Mesmo que as revistas não tratem diretamente do tema do envelhecimento, o apelo para uma maneira mais adequada de envelhecer estava colocado, nos textos, nos anúncios publicitários, nas imagens. Grandes nomes do universo cinematográfico hollywoodiano passaram a compor o imaginário de beleza de uma geração que tomou personagens e pessoas como modelo. O despojamento, a disposição, a beleza, mesmo que performáticas, estavam colocadas a todos/as que tinham acesso à revista, como ideais a serem alcançados ou buscados, ou não. Não foi noticiada a morte de muitos dos atores citados nesta minha pesquisa. De alguma maneira, eles foram imortalizados nos imaginários de uma geração.

A assimilação e interferência nas vidas de muitas pessoas que viveram a velhice nesta mesma década, dependiam das questões de classe que são, inegavelmente, determinantes dos acessos e condições econômicas de consumo, mesmo que o sonho esteja para todos/as. Todavia, nas performances de gênero e geração é possível ser muitas coisas que, sob o aspecto frio da classe, não seriam concebíveis. Nesta “coalizão aberta”, utilizando as palavras de Judith Butler, é possível afirmar identidades instituídas e abandonadas, conforme as propostas em curso⁹⁰.

⁹⁰ BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 37.

Analisando comparativamente as fontes trabalhadas neste capítulo, percebe-se que existem temáticas circulares nas diferentes mídias (tanto nos jornais locais, quanto nas revistas de circulação nacional), especialmente no que tange à temática geral da velhice ativa, movimentando o comércio dos tratamentos estéticos, dos cuidados de si e das questões de gênero que aparecem sempre colocadas. No entanto, a abordagem das mídias difere no sentido de que os jornais trazem elementos localizados, informações mais próximas de uma realidade com seus vieses culturais específicos, enquanto as revistas propiciam uma viagem num mundo distante, por vezes ilusório e inatingível.

CAPÍTULO III – Envelhecimento – uma preocupação acadêmica na última década do século XX

Enquanto em 1970 a população com mais de 65 anos correspondia a 7,5% da população total brasileira, em 1991 este índice subira para 13,8 %¹, sendo que a Região Sul concentrara o maior índice médio: 15,55%².

GRUPOS DE IDADE	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	1970		1980		1991	
TOTAL	2 295 991	2 420 217	3 413 468	3 802 549	4 931 425	5 791 280
60 a 64 anos	903 253	887 874	1 187 862	1 257 723	1 715 601	1 921 257
65 a 69 anos	604 750	611 760	982 474	1 046 452	1 308 343	1 467 717
70 anos e mais	787 988	920 583	1 243 132	1 498 374	1 907 481	2 402 306
Percentual das pessoas de 60 anos e mais	4,95	5,17	5,77	6,35	6,80	7,79
Distribuição percentual das pessoas de 60 anos e mais	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
60 a 64 anos	39,34	36,68	34,80	33,08	34,79	33,17
65 a 69 anos	26,34	25,28	28,78	27,52	26,53	25,34
70 anos e mais	34,32	38,04	36,42	39,40	38,68	41,49

FONTE - IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de População e Indicadores Sociais, Censo Demográfico. Anuário Estatístico do Brasil – 1996. In: Estatísticas do século XX. CD-Rom, 2003.

Em números absolutos e percentuais podemos considerar que as mulheres tiveram sua expectativa de vida acrescida, gradativamente, em comparação aos homens, nas últimas três décadas do século XX. A “feminização do envelhecimento”³ chama a atenção não só

¹ IBGE. “Indicadores demográficos-Índice de envelhecimento da população residente, por situação do domicílio — 1960-1991”. In: Estatísticas do século XX (publicação em CD-ROM), 2003.

² Cf. Tabela 2.25 — Índice de envelhecimento da população residente, por situação do domicílio, segundo as Grandes Regiões e Unidades da Federação — 1980/1991. In: Estatísticas do século XX (publicação em CD-ROM), 2003.

³ Expressão utilizada por Elza Berquó. “Considerações sobre o envelhecimento da população no Brasil”. In: Neri, Anita Liberalesso; Debert, Guita Grin (orgs.). **Velhice e Sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 1999. p. 21.

pela quantidade mas pelo quadro de “chefias idosas” em muitos domicílios onde a manutenção provém da renda da aposentadoria dessas mulheres. Ana Amélia Camarano, comparando dados do IBGE de 1980 e 2000, conclui que ao final do século XX, as mulheres idosas, com 60 anos de idade e mais, chefiam metade das famílias nas quais estão inseridas, mesmo que apenas ¼ delas tivessem estado no mercado de trabalho entre seus 40 e 59 anos de idade – o que se deve à extensão dos benefícios de Seguridade Social (que incluem: aposentadorias, pensões por viuvez e benefícios assistenciais): em 1980 atingia 39,2% das mulheres idosas e em 2000 subiu para 76,6%. E Camarano diz mais:

(...) o que parece estar acontecendo é que as mulheres, quando envelhecem, passam do seu papel de dependentes para o de provedoras. Esta, dentre outras mudanças, tais como o aumento das famílias de três gerações, tem levado a que os idosos, de uma maneira geral, estejam liderando uma mudança social de grande porte.⁴

As pessoas idosas na década de 1990 viveram uma dinâmica visivelmente diferente de décadas anteriores. As camadas mais pobres, com o incremento dos benefícios sociais, puderam experimentar certa distribuição de renda que as atingiu, dando-lhes mais mobilidade e autonomia econômica.

No final do século passado e início deste, era esta população acima dos 60 anos que mais se separava, proporcionalmente. A Revista *Veja*⁵, ao colocar em destaque que “A vida começa aos 60”, trouxe a seguinte matéria sobre comportamento:

Cada vez mais brasileiros se divorciam e refazem a vida na terceira idade
Os brasileiros com 60 anos ou mais são os que mais aderem ao clube dos descasados. Em cinco anos, o número de pessoas nessa faixa de idade que se divorciam ou se separam judicialmente de seus parceiros subiu 51%. No total da população, o aumento foi de apenas 13%. Ou seja, em nenhum outro grupo os índices de separação crescem tanto. Os especialistas são unânimes em apontar como principal motivo para esse fenômeno a elevação

⁴ CAMARANO, Maria Amélia. “Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança?”. Revista Estudos Avançados. 17 (49). 2003. p.57.

⁵ 26/11/2003.

na expectativa de vida, que hoje é 35% mais alta do que há 50 anos. Naquela época, não era comum alguém mudar radicalmente de vida ou fazer planos para o futuro. Isso mudou. Voltar a estudar, fazer esportes e até namorar são atividades plenamente aceitáveis para quem está na terceira idade.

De certa forma, noticiar que a vida começa na velhice parece um tanto paradoxal. Ainda vivemos, mesmo que estejamos questionando isso, o paradigma da vida em fases. O fato de colocar a vida em limites de idade revela que não “naturalizamos” a velhice ou as questões de geração. A matéria acima citada segue com alguns exemplos e traz dados do IBGE: a cada 4 pessoas que se casam acima dos 60 anos de idade, apenas uma é mulher e dentro deste percentual de mulheres, apenas 18 % casam-se com homem mais jovem, enquanto 70% dos homens casam com mulheres mais novas. As mulheres, pelos dados oferecidos, embora viúvas ou depois de uma separação, não se casam novamente com a mesma “facilidade” ou “rapidez” dos homens. Na disputa pela busca de parceiros/as, a beleza física tão valorizada especialmente nas mulheres, pode colocá-las em desvantagem, mas isto não interfere nos seus mecanismos de autonomia e relacionamentos afetivos, pois pelo que podemos comprovar, as mulheres são significativamente representativas como chefes de família e nos movimentos associativos comunitários, seja pela via filantrópica, religiosa ou formando redes de solidariedade e ajuda mútua.

III. 1 - Movimento na academia – Brasil e Santa Catarina

Com o objetivo de analisar estas mudanças de comportamento e certos contextos que as cercam, em especial algumas mobilizações do âmbito acadêmico-científico, neste capítulo selecionei vinte monografias como parte do universo empírico. Essas compõem uma amostragem entre as monografias defendidas durante a década de noventa (mais precisamente entre 1993 e 1999), dentro do programa de especialização em Gerontologia da UFSC. Utilizei como critérios para esta amostragem: exclusão das monografias voltadas para áreas específicas da saúde, existência da monografia na biblioteca do NETI (visto que algumas que estão no catálogo não se encontram lá) e ser produção da década de 1990.

O NETI (Núcleo de Estudos da Terceira Idade) foi o primeiro programa universitário voltado ao atendimento do idoso e formação de recursos humanos no campo gerontológico, no Brasil⁶. Esse existe desde 1982, mas o Curso de Especialização em Gerontologia, um desdobramento do trabalho do Núcleo, iniciou em 1992. Segundo apresentação do catálogo das monografias⁷, os objetivos do curso são:

1) propiciar aquisição de conhecimentos fundamentais da gerontologia e sua aplicação nos diferentes campos profissionais; 2) fornecer subsídios para facilitar o desenvolvimento de visão crítica sobre a velhice e o envelhecimento no Brasil; 3) oportunizar troca de experiência no campo gerontológico; 4) possibilitar o conhecimento e análise das políticas públicas sociais voltadas à terceira idade; 5) capacitar profissionais de diversas áreas para atuação gerontológica; 6) capacitar profissionais para lecionar disciplinas básicas de sua formação com enfoque gerontológico.

Por esses objetivos, pode-se supor a inserção desse programa no contexto da construção discursiva sobre velhice e envelhecimento. No Estado de Santa Catarina este

⁶ PRADO, Shirley Donizete; SAYD, Jane Dutra. A pesquisa sobre envelhecimento humano no Brasil: grupos e linhas de pesquisa. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 9(1), 2004. p.63.

⁷ VAHL, Eloá Aparecida Caliarri et alli. *Catálogo de Monografias de Especialização em Gerontologia, 1993-2001*. Florianópolis: UFSC/NETI, 2002. p. 9

programa de especialização tornou-se referência para outros, bem como esteve sempre engendrado junto a outras redes discursivas nacionais, visto que muitos dos profissionais que ali atuam são (co)participantes da Associação Nacional de Gerontologia (ANG)⁸ e estão ou estiveram em contato com produções e autores estrangeiros. Todavia, na tabela⁹ citada a seguir, de distribuição de grupos que contam com linhas de pesquisa referentes ao envelhecimento humano, a UFSC aparece modestamente apenas com um grupo registrado no CNPq, desde então. E os maiores índices concentram-se em universidades de São Paulo (USP e Unicamp) e Rio Grande do Sul (PUC-RS).

Destaque para a Universidade de São Paulo, que aparece no topo da relação. Em 1996, ela oferecia vagas em 20 cursos para “alunos da terceira idade” e tinha cerca de 300 alunos matriculados¹⁰. Esta proposta de Universidade Aberta à Terceira Idade, seguida por várias universidades brasileiras e internacionais, é um desdobramento das *Universités du Troisième Age*, que iniciou na França, na década de setenta, que consistia em oferecer vagas aos envelhecidos para ingressarem na universidade e darem continuidade aos estudos abandonados em fases anteriores da vida. Diz Jean-Pierre Guitton: “Les universités du troisième âge, dont la première fut fondée à Toulouse en 1973 par le professeur Vellas, sont devenues les universités ‘tous âges’ pour mieux marquer leur volonté de faire sortir les vieillards d’un ghetto”¹¹.

⁸ Como é o caso de Marília Felício Fragoso, na presidência da ANG e professora no Curso de Especialização em Gerontologia da UFSC.

⁹ Tabela citada por PRADO & SAYD. Op. cit. p.66.

¹⁰ Ver nota de DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2004. p.146.

¹¹ GUITTON, Jean-Pierre. **Naissance du vieillard**: essai sur l’histoire des rapports entre vieillards et la société em France. Aubier, 1988. p. 250 : “As universidades para a terceira idade, cuja primeira foi fundada em Toulouse em 1973 pelo professor Vellas, passaram a ser universidades ‘para todas as idades’ para marcarem melhor a vontade de fazer os velhos saírem de um gueto.”

Distribuição dos grupos que contam com linhas de pesquisa referentes ao envelhecimento humano, segundo instituição. Brasil, 2000.

Instituição	Grupos com linha de pesquisa referente ao envelhecimento humano					
	Específicos		Não específicos		Total	
	n	%	n	%	n	%
Universidade de São Paulo	5	11,6	10	9,9	15	10,4
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	7	16,3	5	4,9	12	8,3
Universidade Estadual de Campinas	4	9,3	8	7,9	12	8,3
Universidade do Estado do Rio de Janeiro	2	4,6	5	4,9	7	4,9
Universidade Federal de Minas Gerais	0	0,0	7	6,9	7	4,9
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2	4,6	5	4,9	7	4,9
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	2	4,6	5	4,9	7	4,9
Universidade Federal da Bahia	1	2,3	4	4,0	5	3,5
Universidade Federal Fluminense	0	0,0	5	4,9	5	3,5
Universidade Federal de São Paulo	0	0,0	5	4,9	5	3,5
Universidade Federal de Pernambuco	2	4,6	2	2,0	4	2,8
Universidade de Brasília	0	0,0	4	4,0	4	2,8
Fundação Oswaldo Cruz	0	0,0	3	3,0	3	2,1
Universidade Federal da Paraíba	1	2,3	2	2,0	3	2,1
Universidade Federal do Rio de Janeiro	0	0,0	3	3,0	3	2,1
Universidade Federal de São Carlos	1	2,3	2	2,0	3	2,1
Universidade Camilo Castelo Branco	1	2,3	2	2,0	3	2,1
Universidade de Taubaté	2	4,6	1	1,0	3	2,1
Faculdade de Ciências Médicas da Sta. Casa de São Paulo	1	2,3	1	1,0	2	1,4
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2	4,6	0	0,0	2	1,4
Universidade Católica de Brasília	1	2,3	1	1,0	2	1,4
Universidade Estadual de Santa Cruz	1	2,3	1	1,0	2	1,4
Universidade Federal do Ceará	0	0,0	2	2,0	2	1,4
Universidade Metodista de Piracicaba	0	0,0	2	2,0	2	1,4
Universidade de Passo Fundo	1	2,3	1	1,0	2	1,4
Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto	0	0,0	1	1,0	1	0,7
Pontifícia Universidade Católica de Campinas	0	0,0	1	1,0	1	0,7
Pontifícia Universidade Católica do Paraná	0	0,0	1	1,0	1	0,7
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	0	0,0	1	1,0	1	0,7
Universidade Católica de Goiás	0	0,0	1	1,0	1	0,7
Universidade de Caxias do Sul	1	2,3	0	0,0	1	0,7
Universidade Estadual de Maringá	0	0,0	1	1,0	1	0,7
Universidade Estadual da Paraíba	0	0,0	1	1,0	1	0,7
Universidade Federal do Espírito Santo	1	2,3	0	0,0	1	0,7
Universidade Federal de Goiás	0	0,0	1	1,0	1	0,7
Universidade Federal do Rio Grande do Norte	0	0,0	1	1,0	1	0,7
Universidade Federal de Santa Catarina	1	2,3	0	0,0	1	0,7
Universidade Federal do Sergipe	0	0,0	1	1,0	1	0,7
Universidade Federal de Uberlândia	1	2,3	0	0,0	1	0,7
Universidade Metodista de São Paulo	0	0,0	1	1,0	1	0,7
Universidade de Ribeirão Preto	0	0,0	1	1,0	1	0,7
Universidade de Cruz Alta	0	0,0	1	1,0	1	0,7
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul	0	0,0	1	1,0	1	0,7
Universidade de Santa Cruz do Sul	1	2,3	0	0,0	1	0,7
Universidade do Vale do Rio dos Sinos	0	0,0	1	1,0	1	0,7
Universidade Salgado de Oliveira	1	2,3	0	0,0	1	0,7
Universidade de Pernambuco	1	2,3	0	0,0	1	0,7
Total	43	100,0	101	100,0	144	100,0

Fonte: CNPq – *Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil*, versão 4.1, 2000

No conjunto do Diretório do CNPq, até 2000, as ciências biológicas e da saúde concentravam cerca de 80% dos grupos específicos voltados para o envelhecimento humano. Todavia, a gerontologia ainda não está considerada como área de conhecimento – não neste âmbito – apesar de todas as discussões desde a década de 1980.

Outra universidade que adotou uma proposta considerada modelar ou referência à outras universidades no Brasil, foi a UERJ (Universidade de Estado do Rio de Janeiro), que em agosto de 1993, inaugurou, numa área de aproximadamente 700 m², um centro de convivência para pessoas idosas congregando ensino, pesquisa e extensão: a UnATI (Universidade Aberta à Terceira Idade) – uma “micro universidade temática” – “um campo de experimentação e assistência integralmente voltado para os desafios da terceira idade”. Em defesa desse modelo, o doutor em Saúde Pública e diretor da UnATI/UERJ, Renato Veras, considera que, iniciativas como essa “têm se mostrado alternativas com melhor relação custo/benefício e resultados mais encorajadores.”¹².

O antropólogo Marcelo Alves Lima, com a afirmativa abaixo que corrobora o assunto deste capítulo, faz-nos pensar as relações de poderes e saberes:

Nos anos 90, o surgimento de cursos e instituições universitárias demonstra não só o aumento do interesse pela questão da velhice e do envelhecimento, mas uma significativa passagem do “controle” da formação dos *experts*, da área “prática” do SESC para a área mais “acadêmica”. Além de cursos formais (especialização, mestrado e doutorado), começam a surgir cursos de Gerontologia e Geriatria, de curta duração, que se destinam a profissionais interessados na “terceira idade”. Estes cursos evidenciam um mercado emergente de idosos enquanto consumidores potenciais de serviços e, de outro lado, de um “metamercado”, disputado pelos *experts* oriundos da academia e por aqueles com formação “prática” cuja incumbência é qualificar/legitimar a atuação junto aos idosos.¹³

¹² VERAS, Renato. “Idoso e universidade: parceria para a qualidade de vida”. In: VERAS, Renato (org.). Terceira Idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/UnATI/UERJ, 1995. p.26.

¹³ LIMA, Marcelo Alves. A Gestão da Experiência de Envelhecer em um Programa para a Terceira Idade. In: VERAS, Renato (org.). **Velhice numa perspectiva de futuro saudável**. Rio de Janeiro: UERJ/UnATI, 2001. p.41.

Conforme já foi dito, a Associação Nacional de Gerontologia foi criada em 1987, resultado da cisão dentro da SBGG provocada pelo debate interno entre médicos geriatras e gerontólogos. Um grupo de gerontólogos estava “insatisfeito com a quantidade de poder e posição dispensada para sua presença dentro da entidade”¹⁴. Foi ressaltado igualmente que, com a separação, a ANG passou a agregar não só profissionais e acadêmicos, mas associações de idosos e pessoas interessadas nas questões do envelhecimento.

Nas décadas anteriores o envelhecimento já havia sido posto em questão e, nesta década de 1990, as fileiras no campo acadêmico estavam engrossadas com a adesão de várias áreas do conhecimento. A tônica das preocupações era dada pela justificativa do crescimento populacional. O envelhecimento tornou-se, então, uma “categoria estatística”, citando Patrice Bourdelais. Afinal, como diz ele: “Le vieillissement de la population, phénomène démographique qui se développe dès le début du XIXe siècle, est une construction intellectuelle plus récente.”¹⁵

Nesta perspectiva de trabalhar com uma construção intelectual, foi que selecionei as monografias do Programa de Especialização em Gerontologia da UFSC. Sete dessas foram defendidas em 1993 – todas referentes à primeira turma. Duas delas tiveram uma autora cada. As demais foram produzidas em grupos de dois, três, quatro e cinco alunos. Só pelo título, já se pode perceber que todas trazem à tona questões relacionadas à cidadania e mudanças comportamentais do idoso. Neste primeiro bloco de monografia, correspondente à primeira turma que se formou no curso de gerontologia da UFSC, os títulos estão relacionados a letras para facilitar posteriores referências às monografias, as notas são explicativas sobre autoria, orientação e área de atuação profissional, de acordo com o que pude subtrair das informações

¹⁴ LOPES, A. Op. cit. p. 153.

¹⁵ BOURDELAIS, Patrice. **L'Âge de la vieillesse**: histoire du vieillissement de la population. Paris: Éditions Odile Jacob, 1997. p. 9: “O envelhecimento da população, fenômeno demográfico que se desenvolve desde o início do século XIX, é uma construção intelectual mais recente.”

constantes nas próprias monografias. Optei por dar destaque só aos títulos, pois entendo que eles são enunciativos das preocupações de época:

- A. “Uma geração capaz de virar a mesa”¹⁶
- B. “Grupos de crescimento, mudanças e saúde em pessoas de 50 anos ou mais”¹⁷
- C. “Valorização das instituições asilares enquanto agentes de transformação da qualidade de vida do idoso”¹⁸
- D. “A contribuição da prática da dança sênior na qualidade de vida do idoso”¹⁹
- E. “Reconquistando a vida: a participação do idoso na conquista de sua cidadania”²⁰
- F. “Qualidade de vida do idoso que reside em apartamento”²¹
- G. “Grupo Interno de Gerontologia”²²

Se não no título, todas fazem referência à “qualidade de vida” e à “cidadania”.

A monografia A trata sobre “a trajetória dos idosos na busca de seus direitos da cidadania” tomando como objeto empírico a experiência de Santa Maria (no Rio Grande do Sul) desde os primeiros encontros da Associação dos Diabéticos (em 1985), passando por todos os Encontros de Idosos organizados anualmente (de 1986 a 1992) e que fortaleceram a criação do Conselho de Idosos lá.

¹⁶ Autoria de Alice do Carmo Jahn (nutricionista) e Diane Tasca Ectchpare (enfermeira).

¹⁷ Orientada pela Prof. Emiliana Maria Simas Cardoso (Departamento de Psicologia) e de autoria de Carlos Alberto D’Ávila (médico desde 1971), Maria Zita Koerich D’Ávila (professora do Departamento de Psicologia da UFSC, pedagoga, socióloga e gerontóloga – esposa, há 21 anos, de Carlos Alberto D’Ávila), Maria de Lourdes Freitas (também do Departamento de Psicologia da UFSC) e Janice Maria Moreira Coutinho (psicóloga desde 1983, clínica em consultório particular).

¹⁸ Orientada pela Pro. Eloá C. Vahl (Departamento de Pedagogia), tem como autores: Carlos da S. Bello (médico), Fernando M. de M. Miranda (médico), Jaqueline Herondina de Souza (enfermeira), Kátia Regina da C. Lazzarin (psicóloga), Márcia Pontes Caselli (“terapeuta ocupacional”) e Maria Cecília A Gostsfriedt (assistente social).

¹⁹ Autoria de Matilde Lourdes Lovatel Moreira (assistente social).

²⁰ Por Elivete Cecília de Andrade, orientada por Maria da Graça Coelho.

²¹ Orientada por J. Erno Taglieber, teve como autores: Maria da Graça Lago da Silva, Maria Tereza de Araújo Waltrick e Solange Iraci Hermes Passig.

²² Maria da Graça Winckler Balen, Maria do Rosário Ribeiro Santos e Rosilda Machado da Silva foram orientadas por Leony Lourdes Claudino dos Santos.

A monografia B defende a importância do “grupo de crescimento” para ajudar os “sujeitos em estudo” (na faixa etária dos 50 aos 63 anos) a atravessarem a “etapa de crise” para chegar à velhice. Os autores sustentam-se em experiências norte-americanas baseadas nas teorias de William Schutz e Carl Rogers.

A monografia C toma o SEOVE (Sociedade Espírita dos Obreiros da Vida Eterna, localizada no Campeche, fundada em 1972, para atender idosos carentes e excepcionais que não encontravam vaga para internação no Hospital Psiquiátrico Colônia de Santana) como objeto de estudo. Os autores fizeram um diagnóstico das condições físicas e recomendaram: treinamento de pessoal, assessoria técnica, criação de grupos operativos (para tarefas rotineiras e de lazer) e “espaço a estudantes de áreas afins, através de convênios com a universidade, no sentido de despertar o interesse pela terceira idade”(p.66).

A monografia D traz dados numéricos sobre a participação dos idosos nos Encontros da Dança Sênior em Santa Catarina. Joinville aparecia como a cidade que mais possuía grupos desse tipo. A grande maioria dos participantes (236 entre 240) dançavam durante os últimos 4 anos, grande parte eram mulheres viúvas. A autora destacou o crescimento da Dança Sênior, que teria começado com a alemã Chrisrel Weber em 1978, através do Movimento Pró-Idoso de São Paulo. Este movimento teria ganhado a simpatia da Igreja Luterana de São Leopoldo (no Rio Grande do Sul) para organização de um primeiro curso de Dança Sênior. Depois os grupos se multiplicaram e outros municípios solicitaram apoio para implantar esta atividade em seus grupos de idosos, segundo a autora (p.26-27).

Quando entrevistei Marília Fragoso, ela confirmou esse pioneirismo da dança sênior de Joinville e contou sua experiência de trazer essa modalidade para os idosos agregados por ela a partir do trabalho iniciado com aposentados (a empresa para a qual ela trabalhava como assistente social, a CELESC, de Capoeiras-Florianópolis, na época teria pedido que ela se dedicasse a um trabalho voltado para aquilo que fosse mais preocupante na

comunidade (hoje em dia fala-se em “responsabilidade social”). Marília conta sua experiência de ter trazido a dança sênior para Florianópolis e seu engajamento com as entidades emergentes:

Fiz uma visita à Joinville enquanto presidente do Conselho Estadual do Idoso, e conheci a dança sênior. Quem me apresentou foi a Matilde, que era uma assistente social. Vim pra Florianópolis e resolvi organizar um grupo de dança sênior. Através da ANG trouxemos a Matilde como professora, algumas colegas minhas da Secretaria da Saúde e professores de Educação Física. Resgatei pessoal conhecido que se interessou e fizemos o primeiro grupo de dança sênior. Dalí eu comecei a trabalhar a dança sênior com as esposas dos aposentados. Não foi simples inicialmente, porque eu só tinha a fita de vídeo, o livrinho e um curso. Foi assim, com muito sacrifício. Eu tentando dar os passos em casa, porque no dia seguinte ia aplicar. Mas consegui trabalhar a dança sênior com eles. Aí resolvi fazer um segundo curso. Mais algumas colegas fizeram e eu já levei o grupo dessas senhoras que estava aplicando. Aí eu filmei. Sendo filmado ficou mais fácil. A dança sênior trabalha um monte de coisas: o afeto, o toque, o carinho, a auto-estima, questão da saúde. Tínhamos esposas de aposentados que diziam: Marília, estou parando de tomar remédio, me sinto tão bem e espero segunda-feira com ansiedade. Porque era uma dança alegre e todas as segundas-feiras a gente dançava. Tentei levar os homens também para participarem, mas não aceitavam. Blumenau, Joinville, os homens dançam com mais naturalidade.²³

Sobre a “naturalidade” de aderirem à dança entre os teuto-brasileiros, podemos inferir que incide aí o fator cultural que diferencia teutos de luso-brasileiros. Não que um seja mais afeito à música que o outro, mas o tipo de música e os estilos é que diferem os gostos e as práticas. Na entrevista que realizei com Olga Schmitt, ela contara sua experiência como participante de um grupo de idosos marcado pela cultura teuto-brasileira de Panambi, no Rio Grande do Sul:

Nós formamos um grupo partindo de uma sociedade que tem lá. Nós temos ali umas oitenta a cem. Mas não são só idosos, tem gente de sessenta, menos até algumas, principalmente que estão sozinhas: viúvas, separadas ou solteiras. Tem mais ou menos uns vinte casais que participam do nosso grupo. Nós somos um grupo fechado, pagamos nossa anuidade e fazemos nossos programas: passeios, viagens, excursões, jantar, essas coisas. Temos reuniões de quinze em quinze dias, às vezes também temos convite pra outros lugares. O principal, o que todo mundo quer, é baile, dançar, dançar

²³ Marília Felício Fragosa, por mim entrevistada aos 17/05/2005.

mesmo, e como não tem muito homem, é mulher com mulher, não tem problema nenhum, dançam, conversam, brincam. Eu gosto muito de dançar. Meu marido não era muito dançarino, mas eu de casa sou de família que gostava, meu pai dançava muito bem. Meu marido era forçado que ele fazia. Nesse ponto eu recupero. Tem um que outro senhor que é amigo de infância, que às vezes vem dançar com a gente, mas tudo assim na melhor brincadeira, não representa que há nenhuma traição entre os casais ou nenhuma malícia. No nosso grupo não tem solteiro, nem viúvo. Na nossa cidade, uma cidade pequena ainda, se conhece quase tudo, me lembro assim, dois, três viúvos, quando tem. Não tem. E solteirão, também, difícil.²⁴

A experiência de Dona Olga confirma os dados do crescimento demográfico que aumenta a proporção de mulheres envelhecidas em relação aos homens. A questão do gênero é preocupante no sentido quantitativo, mas também o fator comportamental que, presente na mesma fala, revelam o recato, o cuidado e as limitações que atingiram a vida conjugal de mulheres desta geração. Dona Olga pode ser vista também como representante de uma cultura de ascendência alemã²⁵ e confirma o gosto pelas danças de salão.

A monografia E não utiliza o termo “terceira idade”. Analisa os anais do XII Congresso Nacional dos Aposentados e Pensionistas, em novembro de 1991, em Duque de Caxias e o Plano de Mobilização que resultou do congresso recomendando “a participação de aposentados e pensionistas nos movimentos sindicais de cada categoria profissional” (p.44). A autora diz que “as idosas entrevistadas [de grupos de convivência em Tubarão] trazem enraizadas, em sua história, valores e conceitos que reprimem seu agir político” (p.65). Essa conclusão está diretamente ligada às relações de gênero que, nos processos de inclusão, reforçam a exclusão das mulheres da participação política e criam um dualismo: os grupos de convivência, mais femininos; e as associações de aposentados e pensionistas, mais

²⁴ Entrevista com a Sra. Olga Schmitt, aos 21/08/2003, quando ela tinha 83 anos de idade. Dona Olga é avó materna de Cristina Scheibe Wolff, eu a entrevistei porque consideramos interessante a experiência dela como elemento neste entorno cultural e contextual que a pesquisa aborda.

²⁵ Ela é herdeira de especial erudição, pois seu pai fora escrivão e oficial de justiça, tivera uma prole de oito filhos, dos quais só um homem. O pai, então, teve a preocupação que ela estudasse, até mesmo para ajudá-lo no tabelionato. Dona Olga, assim, diferente da maioria das moças de sua época, teve oportunidade de estudar, frequentou colégio evangélico e grupo escolar, onde pudera se aperfeiçoar no conhecimento da língua alemã e portuguesa.

masculinos. Historicamente, as categorias profissionais mais organizadas iniciaram com operários homens. A participação política das mulheres deu-se em outros âmbitos ou ambientes, muitas vezes não entendidos, pelos homens, como política. No entanto é interessante inferir, como diz Guita Debert, que:

Apesar dessas diferenças, é preciso considerar, por um lado, que dificilmente poderíamos compreender o interesse político alcançado pela questão dos aposentados nos anos 90 – e até então inédita na história brasileira – sem levar em conta a visibilidade que a terceira idade ganhou ao longo dos anos 80, redefinindo a sensibilidade da sociedade brasileira em relação ao avanço da idade e à sua população de mais velhos.²⁶

A “questão dos aposentados” citada pela autora, diz respeito à mobilização em torno dos 147% que era reivindicado como correção de perdas nas aposentadorias, devido aos critérios adotados pelo INPS, no período de 1974 a 1984. Júlio Simões coloca:

A “mobilização pelos 147%”, como ficou conhecida, torna-se ainda mais interessante se considerarmos que, em princípio, se tratava de uma demanda pontual, à qual teriam direito apenas os segurados da Previdência cujos benefícios fossem superiores a um salário mínimo, contingente que correspondia a cerca de ¼ do total de segurados. O atendimento dessa reivindicação favoreceria, pois, apenas uma parcela minoritária dos aposentados, não incluindo os que estavam em pior situação, em termos do valor de seus benefícios. Apesar disso, a mobilização alcançou uma ampla repercussão popular e se tornou manchete nacional.²⁷

Em geral na época da ditadura militar os movimentos sociais não eram interpretados pelo governo como reivindicatórios e sim como afronta ao poder estabelecido, as mobilizações, portanto, custavam a ganhar visibilidade. Este movimento pelo reajuste das aposentadorias só obteve resultados diretos nos anos noventa. Foi a partir da promulgação da Constituição de 1988 que se materializaram as principais reivindicações do “movimento dos aposentados”, com o alargamento do conceito de seguridade social (art.194), a garantia de reajuste dos benefícios (art. 201) e do salário mínimo (art. 203). Assim, aposentados e

²⁶ DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2004. p.181.

²⁷ SIMÕES, Júlio Assis. Solidariedade intergeracional e reforma da previdência. In: *Revista de Estudos Feministas*. Vol. 5. n.1. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1997. p. 174.

pensionistas tiveram amparo legal para acionar a justiça contra a previdência social. Mas o que considero importante destacar é que um movimento (político), como o dos aposentados, não é mais importante que outro, dos grupos de idosos, ambos se interconectam e se ajudam, em especial, no campo discursivo.

As autoras da monografia F realizaram entrevistas estruturadas com 30 idosos, na faixa etária dos 65 aos 87 anos, residentes em apartamentos urbanos (Centro, Av. Beira Mar e Trindade) de Florianópolis: 8 homens e 22 mulheres. Dos homens, todos moravam com companhia. Entre as mulheres, 12 moravam sós. Como profissão elas foram: “do lar”(10); professoras (4), funcionárias públicas (5), florista (1), cabeleireira (1) e costureira(1). As autoras não explicam como chegaram a essa amostra. Aliás, da introdução à conclusão, são apenas 17 páginas. Dizem concordar com Barret Meguru, embora não a tenham colocado na relação bibliográfica, no sentido de pensar que “a forma bem sucedida de chegar à velhice é nunca se deixar envelhecer”. Afirmam:

(...) o idoso residindo em apartamento tem vida restrita, estática. Com poucas opções para expandir, caminhar, comunicar-se com outras pessoas, porque a sua frente há sempre uma porta fechada, jardins minúsculos, escadas íngremes, elevadores frios onde se transita sem calor humano (p.02).

Difícil é saber até que ponto esta conclusão foi tecida pela evidência das entrevistas ou se pelo próprio sentimento das autoras sobre o quê é para um/a idoso/a viver em apartamento, pois a minha experiência de contato com pessoas idosas em ambientes urbanos faz pensar que há uma compensação e comodidade: ficam mais perto dos comércios e hospitais e o trabalho doméstico fica facilitado por dispensar cuidado com animais e quintal – o que dá mais possibilidade de mobilidade e interação com ambientes fora de casa.

O GIG (Grupo Interno de Gerontologia), analisado na monografia G, era um grupo que funcionava dentro do Hospital Universitário desde 1988, inspirado na experiência

do GAMIA (Grupo de Assistência Multidisciplinar ao Idoso Ambulatorial), do Hospital das Clínicas de São Paulo. Em 1993, o GIG (constituído de um médico, duas enfermeiras, uma assistente social, duas bolsistas do curso de Enfermagem, e mais uma assistente social e uma psicóloga voluntárias) se reunia duas vezes por semana para “aprofundamento e atualização na área geriátrica e gerontológica” e para atendimento ambulatorial (às pessoas acima dos 50 anos de idade). As três autoras parecem se contradizer em suas inferências sobre a velhice. Em uma página (18) dizem que “O velho é responsável por sua situação (...) pois quando jovem não pensa que a velhice vai chegar. (...) Cada sociedade terá a velhice que merecer.” Em outra página (21) já dizem que “para ter uma velhice saudável é necessário uma política social não apenas para o idoso, mas para a infância, a idade adulta, e também a velhice. Numa afirmativa os velhos são responsáveis por si, pela sua condição, em outra, é a ação política (não individual) que transformaria a velhice em etapa “saudável”. Os resultados da pesquisa são favoráveis ao trabalho do GIG, pois mostra ter havido uma diminuição no índice de internação e controle das patologias, depois do tratamento interdisciplinar que o grupo possibilita.

Esse primeiro conjunto de monografias revela, de certa forma, como os discursos sobre o envelhecimento estão sendo produzidos e como as próprias pessoas que estão envelhecendo, sejam elas autoras ou co-autoras, produzem seus entendimentos sobre a velhice. É possível constatar que há um diálogo de experiências trazidas de outros Estados, bem como de conhecimentos, pois os autores constroem suas produções debatendo com áreas diferentes. A produção acadêmica revela um fazer-se dos próprios agentes que atuam com idosos/as, seja no âmbito profissional, familiar ou das relações de convivência e entretenimento que constroem enquanto envelhecem.

Há neste momento certa fragilidade acadêmica. Muitas monografias resultam da experiência empírica de profissionais que estão tateando no aparato teórico escasso e novo, por isso as reflexões teóricas são deficientes e, quando não, inexistentes.

O segundo grupo de monografias é composto por sete monografias correspondentes à segunda turma formada pelo mesmo Programa de Especialização em Gerontologia da UFSC, ano de 1995. Com exceção de duas monografias que foram redigidas por três alunas cada, as demais foram defendidas individualmente. Para cada monografia deste grupo, vou relacionar uma letra grega ao título:

α. “A depressão na terceira idade: uma visão contextualizada e epistemológica”²⁸

β. “Programa de preparação para a aposentadoria sob um novo enfoque”²⁹

χ. “Para uma pastoral da terceira idade: fundamentos teóricos”³⁰

δ. “A solidão na terceira idade: um desafio à pessoa idosa”³¹

ε. “Resgate bio-psico-ecológico-socio-cultural do idoso”³²

φ. “Uma velhice quase perfeita”³³

γ. “Buscando a percepção dos idosos sobre as alterações na sexualidade com a chegada da terceira idade”³⁴

Na monografia α as autoras sugerem que para combater o isolamento, “fato freqüente na terceira idade devido à diminuição ou mesmo perda dos vínculos sociais formais estabelecidos nas relações sociais”(p.17), o cidadão deveria entender que: (...) a aposentadoria não seria um tempo de “descanso”, caso a pessoa não o queira, mas a

²⁸ Orientada por Silvia Maria Azevedo dos Santos. As autoras são: Adelar Maria de Oliveira (assistente social), Ana Luiza Junqueira Bertoni (médica) e Onete Ramos Santiago (psicóloga).

²⁹ Autoria de Ana Maria Gomez de Souza, Márcia Elisa Braggio e Maria Bernadete Vieira. Orientadas pela Prof. Eloá Cagliari Vahl.

³⁰ Padre Manoel João Francisco é o autor, orientado pela Prof. Maria Celina da Silva Crema.

³¹ Orientada pela Prof. Eloá C. Vahl, autoria de Enara Martins Schimitz.

³² Rutinique Fonseca Quadros é a autora, não cita o(a) orientador(a).

³³ Maria Aparecida Mallmann Gomes é autora, orientada pela Prf. Maria Celina da Silva Crema.

³⁴ Luciene Silva de Souza é autora orientada por Olga R.Z. Garcia e co-orientada por Ademar de Souza.

prestação de serviços à comunidade, como forma de continuar gerando expectativa de vida, cultivando a alegria de viver e a liberdade, criando e se desenvolvendo nos campos bio-psico-socio-culturais e espirituais. (p. 32-33)

A monografia β fala como funcionava o PPA (Programa de Preparação à Aposentadoria) da ELETROSUL (Centrais Elétricas do Sul do Brasil S.A.), em vigor desde 1991 até a data da elaboração desse trabalho acadêmico pelas autoras. O PPA contava com o apoio técnico do NETI para organização de seminários direcionados para funcionários próximos a se aposentar e seus cônjuges. Nesses seminários, segundo as autoras, eram abordados temas relacionados aos aspectos psicossociais, previdenciários, de saúde, lazer e outros.

A monografia γ tem um padre como autor. Ele, no primeiro capítulo, cita grandes literatos que teriam descrito a velhice “com cores muito vivas” (p.25), como Hemingway, Borges, García Marquez e Beckett. Condena a solidão dizendo: “A solidão quase sempre está acompanhada de outros fenômenos negativos tais como a melancolia, a depressão e o stress” (p.26). Esses “fenômenos negativos”, apontados como um problema do envelhecimento, são possíveis de ser solucionados, para tanto o autor sugere: “reencontrar os valores da fé que foram abandonados pela sociedade moderna” (p.30). Diz que a Bíblia mostra anciãos-exemplos de vida: Eleazar, Tobias e Berzelai; embora mostre os velhos amargos, como Jacó. Na perspectiva cristã, reforça o autor, a dor é um valor que colabora para a obra redentora de Cristo (p.54). No último capítulo ele sugere três dimensões para a “pastoral da 3ª idade”: a comunitária - integrada à Pastoral da família, da juventude e catequese, e investindo em agentes que trabalham ou queiram trabalhar com idosos; a solidária – tendo a Igreja como proclamadora de certezas à velhice e à família, para que esses não caiam no alcoolismo, drogas e suicídio; e a dimensão política – que deve estar empenhada na luta por uma

aposentadoria que permita vida digna e, neste sentido, a Igreja pode interferir com propostas e ações contra as agressões às pessoas idosas.

A monografia do Padre Francisco mostra que a Igreja foi também co-participante, no enredamento discursivo que constituiu um ideal de velhice e que concilia o discurso religioso bíblico com uma ação interventiva da Igreja através do trabalho pastoral.

A monografia δ também condena a solidão e a ociosidade como geradores de “sentimentos de vacuidade e frustração que podem deprimir a pessoa idosa” (p.41). A autora sugere o antídoto: “o trabalho de grupo com a terceira idade deve restabelecer as relações da pessoa idosa, resgatar seu valor, enquanto pessoa, estabelecer novas amizades, inserido na sociedade da qual faz parte” (p.44).

A monografia ε resultou de uma pesquisa sobre a região do extremo-sul catarinense (envolvendo os municípios de Araranguá, Jacinto Machado, Maracajá, Morro Grande, Passo de Torres, Praia Grande, São José do Sul, Santa Rosa do Sul, Sombrio, Turvo e Timbé do Sul), integrando “técnicos” (médica, assistente social, enfermeiro, professores de educação física, artes e dança) e profissionais do “Projeto Viva Bem com a 3ª Idade”, o qual a própria autora coordenava. Ela faz um histórico de conquistas relacionadas à promoção do idoso, destacando a regulamentação da aposentadoria para homens a partir dos 65 e para mulheres a partir dos 60 anos de idade, e a implementação da garantia legal de recebimento de um salário mínimo às pessoas acima dos 70 anos de idade. Nesse histórico, a autora cita a importância dos vários seminários que aconteceram no Brasil, desde 1976 até a oficialização da ANG (Associação Nacional de Gerontologia) em 1987 (quando até então, os gerontólogos faziam seus congressos nacionais junto com os geriatras). Ou seja, ela destaca a importância da autonomia da gerontologia.

A monografia ϕ toma como objeto de pesquisa uma pessoa idosa, que recebe o nome fictício de Rachel. A autora não deixa claro qual sua ligação com a personagem principal da sua obra. Ela destaca a etapa final da vida de Rachel, entre os 76 e 87 anos, sem esclarecer sobre as “etapas” anteriores. Só diz que ela era “filha de mãe de origem germânica”, teve cinco filhos e ficou “viúva precoce” (mas não diz com ou há quantos anos) e que adquiriu “hábitos de uma boa postura” quando estudou no Colégio Coração de Jesus (dirigido pelas irmãs da Divina Providência, em Florianópolis, tem a tradição de formar uma elite local e, durante muito tempo, foi um colégio de moças, enquanto o Colégio Catarinense, de rapazes), incluindo não fumar e não beber bebida alcoólica - havia um padrão de mulher ideal para aqueles tempos³⁵. Rachel, mesmo sofrendo de arteriosclerose, é um retrato dos encaminhamentos que a gerontologia estava a indicar para uma velhice com “qualidade”. Segundo a autora, a doença impediu Rachel de ter uma “velhice bem sucedida”, pois, para esta, seria preciso ter três requisitos: bem estar psicológico, competência em adaptação e requisito físico. Rachel, ao desenvolver a doença, passou a ser acompanhada por um “cuidador”, uma espécie de “ego auxiliar”³⁶, alguém que era “extensão de sua própria pessoa, ajudando-a a executar tarefas que ela, por si só, não tinha condições de fazer” (p.33). Na conclusão, diz que Rachel “já pertencente ao mundo dos mortos (...) pode agradecer a Deus (...) as condições que vivera seus anos de esclerosada: amada, muito respeitada e, em condições tal que lhe permitiu uma velhice quase perfeita” (p. 49).

A velhice perfeita, como se pode inferir seria se Rachel pudesse ter gozado de todos os requisitos à “velhice bem sucedida”. Este perfil de velhice, no entanto, não incluía o fato de que os idosos, especialmente septuagenários ou octagenários, dificilmente o

³⁵ Maria Teresa Santos Cunha (no livro *Armadilhas da Sedução*) mostra sua investigação com leitoras dos romances de M. Delly, num universo amostral composto por mulheres desta mesma geração e contexto, e como este tipo de literatura contribuiu para promover “um tipo ideal a ser alcançado”: encantadoras, submissas, dependentes e dedicadas ao lar, a espera de seus príncipes encantados.

³⁶ A autora diz que toma essa expressão de: MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1984.

alcançariam, haja vista as diversas doenças que atingem esta faixa etária. A autora parece estar inserida na problemática que, especialmente, a gerontologia criou, ao valorizar uma certa juventude (saúde física, bem-estar, etc.), nas suas propostas de combate à deteriorização e a demência, um risco, como foi apontado por Guita Debert³⁷ :

A nova imagem do idoso não oferece instrumentos capazes de enfrentar a decadência de habilidades cognitivas e controles físicos e emocionais que são fundamentais, na nossa sociedade, para que o indivíduo seja reconhecido como um ser autônomo, capaz de um exercício pleno dos direitos de cidadania. A dissolução desses problemas nas representações gratificantes da terceira idade é um elemento ativo na reprivatização do envelhecimento, na medida em que a visibilidade conquistada pelas experiências inovadoras e bem-sucedidas fecha o espaço para as situações de abandono e dependência.

A última monografia deste bloco, a γ , toma uma amostra de 37 pessoas idosas (de 60 anos de idade para mais), 17 homens e 20 mulheres que viviam em Florianópolis. Investiga as “alterações na sexualidade com a chegada da terceira idade”. Os resultados obtidos revelam que 55% das mulheres desejavam ter relações sexuais diariamente, porcentagem próxima a dos homens: 58% sobre este item. Sobre a masturbação, 80 %, tanto homens quanto mulheres, diziam não praticar. As mulheres acusavam a queda na frequência das “práticas sexuais” à falta de privacidade doméstica e ao constrangimento por não se sentirem atraentes. 80% dos homens atribuíam à “estimulação tátil” a obtenção de prazer, enquanto que para isto as mulheres se dividiam entre “estímulos sensoriais” e “fantasias eróticas”. Sobre a excitação: os homens a associaram à ereção e 40 % dizia que era menos intensa que na idade adulta (quando era 100%, segundo eles), já as mulheres, embora 60% dissesse que era difícil se excitar, em comparação com o nível de excitação da fase adulta, elas disseram que era 60% - o que revela uma queda relativamente baixa neste item de

³⁷ DEBERT, Guita G. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2004. p.15.

excitação, índices semelhantes quando a pergunta era sobre orgasmo. A autora fala de uma certa expressão da sexualidade nos bailes, diferenciando homens de mulheres, na p.34:

Existem casais, nos bailes de idosos, que desejam apenas namorar, limitam-se a ficar de mãos dadas e dançar de rosto colado, sem maiores apelos sexuais, curtem discretamente o prazer de estarem juntos. É um relacionamento meigo, respeitoso, caloroso. Os homens, embora adotem um proceder galante e cultivem práticas já esquecidas, como beijar as mãos das mulheres; na hora da dança, no meio do salão, apertam as parceiras de um jeito vigoroso, peito com peito, coxa com coxa.

Luciene de Souza ao falar sobre a sexualidade nessa amostra populacional, revela algumas contradições de seus entrevistados. Praticamente a metade deles diz ter desejo sexual diariamente, mas a maioria não pratica o ato sexual por falta de excitação, por exemplo. Esta é uma questão que não deveria ser atribuída à idade propriamente. Nesse trabalho o relato do comportamento dos casais no baile é a própria vivência reveladora das relações de gênero, nas quais as mulheres assumem uma posição submissa e mais passiva, enquanto os homens são mais “vigorosos”. Todavia, trata-se de uma *performance*, pois na ausência de parceiros, as próprias mulheres fazem “papel de homem” ou, em alguns casos, pagam, de maneira sutil, para rapazes mais novos fazerem o “papel de cavalheiro”³⁸.

A fragilidade acadêmica persiste neste bloco de monografias. Existe um discurso recorrente e padronizado de comportamentos desejáveis a idosos(as) para que sejam considerados com qualidade de vida. Para depressão, solidão, esclerose e aposentadoria há remédio: atividade e produtividade. Caso houvesse impossibilidade de se engajar nesses moldes, não haveria problema, pois “cuidadores” (um novo filão profissional) estavam sendo formados para dar suporte a uma vida com mais dignidade na velhice – daqueles mais abastados, seguramente.

³⁸ Nos “bailes-ficha” da zona sul do Rio de Janeiro, mulheres idosas contratam rapazes para serem “cavalheiros de aluguel”. Deles elas esperam que sejam corteses, gentis e bons dançarinos – não namorados em potencial. Este universo foi pesquisado por Andréa Moraes Alves, no livro *A dama e o cavalheiro*.

Para o terceiro grupo de monografias, todas defendidas através do Programa de Especialização em Gerontologia da UFSC em 1997, foram selecionadas cinco e a cada uma relacionada um numeral romano:

I – “A dança na terceira idade: um estudo no município de Florianópolis-SC”³⁹

II – “Programa de preparação para aposentadoria: nova proposta de ação”⁴⁰

III - “Características que perpassam os programas para a terceira idade da Universidade Federal de Santa Catarina que promovem qualidade de vida”⁴¹

IV – “Envelhecimento, doenças sexualmente transmissíveis e AIDS: contribuição para a educação e prevenção em saúde”⁴²

V – “Pastoral da terceira idade: uma contribuição para o crescimento humano, cristão e espiritual”⁴³

A monografia I analisa uma amostra populacional que incluía cinco “grupos de dança da terceira idade”, com idade superior a 65 anos de idade e que praticavam dança há mais de dois anos. Eram estes: “Grupo de Dança Folclórica da 3ª Idade” da UFSC, com 35 participantes, dentre os quais só 2 homens; o “Grupo Alegria” do Ribeirão da Ilha, com 26 participantes, 1 homem apenas; o “Grupo de Idosos Sempre Unidos da Tapera”, com 49 participantes: 12 homens e 37 mulheres; o “Grupo Esperança” dos Ingleses, com 26 participantes, todas mulheres; e o “Grupo da Associação dos Aposentados e Pensionistas da CELESC, com 30 participantes, só mulheres também. Dentre os dados apurados entre 50 mulheres entrevistadas, distribuídas nesses grupos de dança: 30% não perceberam alterações

³⁹ Foi orientada por Marize Amorim Lopes (do Departamento de Educação Física). As autoras foram: Luciana Gomes Alves, Margot Lago Philippi e Simone Sá Betsk.

⁴⁰ Esta monografia foi orientada pelas professoras: Maria Bernadete Vieira e Márcia Elisa Braggio. Autoria: Eliézer Luiza da Silveira Inácio, Natércia Maia Vasconcelos e Sonia Regina Cardoso Rodrigues.

⁴¹ Orientada pelo Prof. José Erno Tagleber. Autores: Kátia Simone Ploner, Donavo Lafaiete S. de Souza e Gislane Pessoa Alcântara.

⁴² As autoras Ana Paula Guarnieri e Beatriz Macali de Souza, foram orientadas pela Prof. Maria Helena Bittencourt Wastrupp.

⁴³ Autora: Adelir de Silva Raupp, sob orientação do Pe. Dr. Manoel João Francisco.

na percepção corporal, mas 32% notaram “maior possibilidade corporal”, 22% perceberam emagrecimento, 10% apontam “maior entusiasmo”, 4% falaram de “ganho de peso” e apenas 2% sinalizaram “melhora da saúde”. Quando a pergunta foi sobre “interação social”, 46% disseram que antes da dança se sentiam só, enquanto 27% já diziam que não se sentiam só, mas que depois da dança 96 % não se sentiam mais solitárias. 56% delas, no entanto, disseram que a prática da dança não mudou o relacionamento com familiares.

Essa monografia traz bem presente o componente do gênero nesse tipo de prática tão atraente às mulheres idosas. Embora os grupos de dança revelem uma mudança comportamental, seus integrantes não percebem esta mudança significativamente relacionada à saúde física ou aos relacionamentos familiares. Pelo menos, não nessa amostragem. Nos depoimentos sobre o programa de atividades físicas do NETI, são recorrentes depoimentos deste tipo: “foi um trabalho excelente que nos tirou a tristeza da idade e da casa”⁴⁴. Na tabela de participantes dos cursos do NETI, em 1997, a dança aparece como a atividade mais participativa entre as demais⁴⁵.

A monografia II elabora um histórico sobre o sistema de aposentadorias. Diz que a aposentadoria, como intervenção do Estado na garantia dos rendimentos básicos à subsistência do trabalhador frente a sua incapacidade, velhice e/ou declínio de produtividade, iniciou na Alemanha em 1889, seguida pela Bélgica, Áustria e países nórdicos, em 1925 na Inglaterra, e em 1928, na França (p. 24). No Brasil, os autores citam a Lei Eloy Chaves, de 1923, que regulamentou as Caixas de Aposentadoria e Pensões (CAP's) que, em 1933, foram transformadas em Institutos de Aposentadorias e Pensões (IAP's). Lembram a criação do FUNRURAL, a criação do Instituto de Previdência Social, e do INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social), em 1990. Os autores concordam que o crescimento da população idosa

⁴⁴ GUEDES, Neusa Mendes. **A Ação Multiplicadora de monitores habilitados em Curso de formação de monitores da Ação Gerontológica**. NETI/UFSC. Florianópolis, 1997. p. 22.

⁴⁵ GUEDES, N. M. Op. cit. p. 28.

no Brasil, nos últimos 20 anos, teria sido a grande alavanca para as preocupações com a velhice. E para que os aposentados vençam o estigma da improdutividade da velhice, eles levantam os três benefícios do Programa de Preparação para a Aposentadoria: para a empresa, que assim resgata a experiência profissional do empregado; para o empregado, que enfatiza a valorização das experiências de vida; e para a sociedade, que integra o aposentado como membro produtivo, previne maiores problemas, como doenças psicossomáticas, alcoolismo, desajustes familiares e marginalização (p.51-52).

O Programa apresentado recorre a uma política de socialização e reintegração do sujeito aposentado como alguém que pode produzir e que, por esse motivo, é útil à sociedade. Dessa forma, ainda podemos perceber o paradigma da sociedade moderna que associa idade/produtividade. O que se quer, pelo que parece, é uma ampliação desta “idade produtiva”.

A monografia III cita os programas da UFSC, desdobramentos dos trabalhos do NETI: Curso de Monitores da Ação Gerontológica, Curso de avós, Grupo de Convivência 5 de maio, Curso de informática, Atividade física, Yoga, Contadores de história e Grupo de crescimento pessoal.

Kátia Ploner, uma das autoras desta monografia, psicóloga e professora atuante na Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), esteve envolvida (e ainda está), enquanto fazia sua especialização em Gerontologia na UFSC, com o projeto UNIVIDA da UNIVALI. Em 1994, o embrião do UNIVIDA era um programa de extensão universitária que oferecia algumas disciplinas (Conhecimentos Gerais, Educação Física, Educação Artística, Autoconhecimento e Integração Grupal) à população, preferencialmente acima dos 60 anos de idade. Alguns anos depois, o Programa Institucional para a Maior Idade (PIMI) da UNIVALI incluiu cursos (Atualização, Teatro, Crescimento pessoal, Saúde Integral e Ioga), um Clube de viagens e um Curso de Aperfeiçoamento para a Maior Idade, criado em 1996. O

PIMI foi se desdobrando até oferecer, primeiramente em 1999, o curso superior de extensão Universidade da Vida (UNIVIDA). Em abril de 2000, este curso tinha 39 matriculados, sendo que 71,78% pertencia à faixa etária entre 41 e 60 anos, outros 7,69% tinham menos de 40 anos de idade e apenas 20,05% estavam acima dos 60 anos. Embora a mensalidade cobrada fosse de R\$15,00 (quinze reais), isto correspondia a 11,19 % do valor do salário mínimo de então⁴⁶, o que, por motivos econômicos poderia ser uma explicação do afastamento dos idosos dos programas desta universidade. Contudo, na divulgação do UNIVIDA foi enfatizado que:

O curso está estruturado para atender pessoas maduras, que desejam conhecer mais sobre temas variados, que pretendem desenvolver um trabalho voluntário, que se interessem pelo relacionamento com outras pessoas, que queiram compartilhar e construir conhecimentos. Este é o público esperado, independente da idade.⁴⁷

A monografia IV partiu da experiência das autoras, Ana Paula e Beatriz, junto a “envelhecidas” com doenças sexualmente transmissíveis (DST), durante estágio de enfermagem no Hospital São Paulo. Elas buscam subsídios para compor uma proposta à Secretaria Municipal de Saúde de Joinville, a partir de um estudo de caso realizado com participantes do “Grupo Gente Feliz” do bairro Bom Retiro, onde elas moravam. As autoras lançaram questionários a esta população amostral e depois realizaram oficinas informativas com trocas de experiências e esclarecimentos sobre DSTs. Segundo Ana Paula e Beatriz, os homens mantiveram-se não participantes durante todo o trabalho (p.18).

Algumas reportagens de jornais denunciaram o aumento das DSTs, e especialmente da AIDS na população idosa, atribuídas tanto às mudanças de comportamento das mulheres, que saem mais e têm oportunidades de novos relacionamentos, quanto dos

⁴⁶ PLONER, Kátia & SAIS, Almir. Universidade com mais idade. **Revista Alcance (psicologia)**. Itajaí, Ano VII, n.2. jul./2000. p. 40.

⁴⁷ PLONER, Kátia (org.) et al. Curso Superior de Extensão Universidade da Vida- UNIVIDA. **Revista Alcance (CCS –Extensão)**.Itajaí, Ano VIII, n.2, maio2001, p.25.

homens, que tiveram nas pílulas para ereção um vislumbamento de retomada de um potencial sexual já esquecido ou acomodado. Em Santa Catarina, em 1990, foram notificados 70 casos de AIDS entre homens e 7 entre mulheres; dez anos depois eram 329 casos entre homens e 124 entre mulheres. Entre a população de mais de 60 anos de idade, em 2001, 8,11% eram homens, enquanto 4,12% eram mulheres⁴⁸. Ou seja, se há 15 anos a incidência da doença entre as mulheres, idosas ou não, era dez vezes menor do que entre homens, atualmente chega perto da metade. Todavia, é bom lembrar que a taxa de maior incidência de casos de AIDS atinge a faixa etária dos 20 aos 40 anos⁴⁹ e que se o Sul (Rio Grande do Sul e Santa Catarina) aparece com significativos números de registros, alardeando uma epidemia, não é por conta só da maior incidência, mas por conta dos mecanismos de diagnóstico, ou seja, só sabemos dos casos que são notificados.

A monografia V foi já um desdobramento da monografia χ . A primeira foi orientada pelo autor da segunda, que como orientador já aparece como doutor, além de padre. Propõe “uma pastoral com a terceira idade que contribua para o crescimento humano: cristão e espiritual do idoso catarinense” (p.11).

Essa última não apresenta nada significativamente novo. No entanto é representativa para o entendimento das articulações da produção discursiva. O padre (representando a Igreja Católica) apoia-se no aval científico que a universidade pode oferecer, bem como ele próprio reproduz ou influencia, na produção de discursos acadêmicos inspirados nas orientações religiosas.

⁴⁸ Dados do Sistema Nacional de Mortalidade do IBGE, citados por Heloísa Peixoto, mestre em Saúde Pública e responsável pelo Serviço de Tratamento de Dados da Secretaria da Saúde do Estado de Santa Catarina. In “AIDS : O Sistema de Informação sobre Mortalidade e o padrão de mortalidade por Aids em Santa Catarina: limites e possibilidades de análise”. Trabalho disponibilizado na Biblioteca Virtual de Saúde: www.bireme.br

⁴⁹ OLIVEIRA, O. V. Situação epidemiológica da aids em Santa Catarina. Boletim Epidemiológico DST/AIDS, Florianópolis, Nº 1, Jan-out, 2001.

A dança, a preparação para a aposentadoria, a participação comunitária através da Igreja e a prevenção de doenças são colocadas como alternativas para os/as idosos/as se manterem ativos e com qualidade de vida – os temas estudados nas monografias insistem neste discurso.

Percebi nas monografias de 1999, para fechar a década de 1990, a presença marcante da Psicologia, incluindo referenciais teóricos da Psicanálise⁵⁰ e do existencialismo⁵¹. A produção ainda oscilava bastante entre a utilização dos termos terceira idade e idoso/idosa, mesmo que em algum momento se propusesse a interação entre gerações⁵² - o que mostra certo amadurecimento ou ganho no campo teórico, até mesmo com a inserção de novos profissionais ao curso. Vou comentar apenas três monografias que trazem questões ainda não abordadas pelas outras: o turismo, as terapias e o currículo escolar como instrumento de mudanças comportamentais.

A monografia que fala sobre o turismo para idosos⁵³ mostra o potencial de Santa Catarina e Rio Grande do Sul em oferecer divertimento e favorecer a saúde dessa população. Como exemplo destes lugares, cita a região serrana: São Joaquim, Fraiburgo, Lages e Gramado, com seus hotéis fazenda que proporcionam contato com a natureza, promovem a paz interior e agem como preventivo do estresse (p.12). O trabalho destaca ainda o atendimento à “população da melhor idade” nas principais estâncias hidrominerais de Santa Catarina (Piratuba, Treze Tílias, Gravatal e Santo Amaro da Imperatriz). E conclui dizendo que “A recreação contribui para a felicidade humana”, e, portanto “Deve-se aceitar a

⁵⁰ D’AQUINO, Nora. **Gaia, residência de idosos – vida ainda**. Orientada por Maria Celina da S. Crema.

⁵¹ TOSCAN, Ignes. **A velhice do existencialista Jean-Paul Sartre, pela ótica da interdisciplinaridade**. Orientada por Raquel Quadros Seiffert.

⁵² PETERS, Joice; LAZARINI, Kátia Regina; ASSIS, Marilene A de. **Desobstruindo conceitos de velhice e de juventude presentes na concepção de jovens e velhos**. Orientado por Maria Celina da S. Crema.

⁵³ MARTINS, Eliseu Camargo; AGUILHARI, Maria Neusa M.; CORRÊA, Suzana Marilda; WEBER, Terezinha W. **O Turismo na melhor idade**. Orientada por: Marize Amorim Lopes.

responsabilidade [dos órgãos governamentais] de desenvolver e estimular programas recreativos que preencham as necessidades da população idosa”(p.32).

Embora a associação entre turismo e lazer não seja nova, a partir da década de 1980, especialmente, esta “indústria da alegria” cresceu de forma globalizante. O turismo tornou-se a terceira economia mundial. Esses “édens da alegria saudável”, “megaparaísos de consumo” onde é preciso ter mais coragem para parar de consumir do que para comprar, transformaram e domesticaram a natureza criando resorts e hotéis fazenda. Estes podem ser indicativos, como lembra Denise Sant’Anna, do estreito vínculo construído contemporaneamente entre cultura, lazer e consumo que transformou a história em pastiche. Talvez, angustia-se ela, seja preciso reivindicar uma “política do espírito”⁵⁴.

A monografia intitulada “Educação para o envelhecimento”⁵⁵ é uma proposta educacional, uma espécie de “kit educativo” com sugestões de estudos sobre envelhecimento, reflexões e exemplos de atividades que poderiam ser desenvolvidas por alunos, como tema transversal no currículo de ensino. Entre as autoras, cada uma tem formação em áreas relacionadas à educação, e referente a esta ordem são citadas na nota: Artes plásticas, Artes Cênicas, Educação Física e Pedagogia.

A proposta de trabalhar com temas transversais no Ensino Fundamental foi divulgada pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura) a partir de 1997. A idéia seria trabalhar alguns temas emergentes, não como disciplinas isoladas, mas como assunto que perpassa várias disciplinas. A publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais⁵⁶ propõe alguns temas como transversais (Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde e

⁵⁴ Todas as expressões colocadas entre aspas neste parágrafo foram utilizadas pela historiadora Denise B. Sant’Anna, no ensaio intitulado “Um *zapping* na indústria da alegria”. In: **Corpos de passagem**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

⁵⁵ Albertina Prates, Gilza Maria dos Santos, João Woehl e Zélia Rohden, foram orientados pela Prf. Elizabete Nunes Anderle (da UDESC), sob consultoria das Profs. Eloá A C. Vahl e Maria Celina da S. Crema.

⁵⁶ BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais. 2. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

Orientação Sexual) e sugere que a eleição de outros temas possa ser feita de acordo com a realidade local e contextos de época. Nesse caso, o envelhecimento, como um tema transversal, proposto pelas autoras da monografia anteriormente citada, justificar-se-ia pela emergência e importância.

A monografia de Yara Paraná Sanches⁵⁷ é também um relato da sua própria experiência como psicóloga e como idosa (ela estava, então, com 62 anos de idade). Ela fala da importância dos Grupos de Crescimento Pessoal, os quais ela mesma coordenava, atendendo mulheres entre os 35 e 50 anos de idade, como uma preparação para o envelhecimento.

Podemos colocar as monografias analisadas, e outras não selecionadas, embora dentro deste contexto, como co-participantes deste grande fórum acadêmico sobre o envelhecimento. Os autores construíram propostas, sugestões, mapearam situações-problemas, enfim, construíram seus discursos sobre a base também de suas experiências, tanto como idosos quanto como agentes de transformação. Muitos trouxeram experiências de outros Estados do Brasil, outras cidades de Santa Catarina, dialogaram no ambiente acadêmico e levaram para as suas localidades essas discussões reelaboradas. Construíram seus entendimentos sobre velhice, tornaram-se outros/as, talvez, nesta rede intrincada dos discursos.

A Gerontologia em Santa Catarina ajudou a pensar e construir discursos e ações voltadas à população idosa, foi e tem sido um elemento, um caminho para abordar questões sobre o envelhecimento. Apesar dos debates e das divergências que esta “área” multidisciplinar criou, por conta da sua não especificidade, foi muito rico este momento.

⁵⁷ “Envelhecimento feminino patológico: prevenção a partir da meia-idade – uma abordagem psicológica”. Orientada por Silvia Maria Azevedo dos Santos.

III. 2 – As políticas públicas

O documento originado de um seminário nacional realizado em 1989, elaborado pela Associação Nacional de Gerontologia, lançava as “Políticas para a terceira idade nos anos 90”⁵⁸, que trazia dez recomendações para administrações públicas, profissionais da comunicação, organizações civis e religiosas, universidades, mídia, programas educacionais e Poder Judiciário. O documento propunha investimento na “nova imagem das pessoas idosas” que “caracterize testemunho positivo” por meio do “desenvolvimento de pessoal para trabalhar na área do idoso”, com a cooperação de instituições, Conselhos e Secretarias educacionais, órgãos financiadores de pesquisa, empresariado e voluntariado. Recomendava que fossem “identificadas formas urgentes de motivação para a maior presença e participação masculina nos seminários, encontros e cursos que proporcionam informações e orientação para o envelhecimento sadio, diante da constatação de que o homem é personagem de reduzido comparecimento aos programas educativos e preventivos voltados para a 3ª idade”. Recomendava também: horários, locais e ambientes apropriados; conscientização do valor positivo do lazer e do tempo livre. Ainda sobre o tempo livre, sugeria: “Preparação para a aposentadoria” com esclarecimento do uso que se pode fazer do tempo livre e estudando possibilidades de criação de “bolsas ocupacionais” e/ou ocupações capazes de conferir sentido à vida, seja através de atividades profissionais ou não (físicas, de lazer).

As “políticas” recomendadas dão continuidade a um projeto estabelecido já na década anterior, com exceção da preocupação que aponta para a pouca participação de homens nos grupos de idosos. Procurou-se orientar os grupos para que as atividades não estivessem só ligadas a “coisas de mulher” (bordados, pinturas, trabalhos com agulhas e

⁵⁸ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE GERONTOLOGIA. Políticas para a 3ª idade nos anos 90. Seminário Nacional “O idoso na sociedade atual”. Brasília, 1989.

outros artesanais), mas que pudessem atrair os homens com “coisas que eles gostam” (carteados, jogos de mesa, por exemplo). Não que as mulheres não pudessem gostar de jogar ou os homens de fazer trabalhos manuais, mas no estereótipo que marca as feminilidades e masculinidades, especialmente dessa geração, as divisões de tarefa ainda estão assim marcadas.

A Política Nacional do Idoso (Lei 8.842/94) foi uma conquista legal que marcou esta década. Colocava como objetivo, no primeiro artigo: “assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade”. Essas políticas de promoção da autonomia descarregam, em parte, o Estado e responsabilizam, por sua vez, os sujeitos. Maria Cláudia Moura Borges, coloca essas políticas dentro do que ela chama de “ajuste neoliberal”, que tende à “uma crescente contenção de gastos com políticas sociais, mantendo, como papel do Estado, somente a garantia dos mínimos aos que não podem pagar, deixando aberto um espaço para o setor privado, que domina a outra fatia do mercado”⁵⁹.

A LOAS, Lei Orgânica da Assistência Social (Lei 8.742/93), estabelece que cabe ao governo federal a prerrogativa de elaboração de normas gerais da política de assistência social, garantindo seu financiamento e a execução de programas, projetos e serviços de enfrentamento à pobreza. A lei prevê formas de articulação Estado-sociedade civil através dos Conselhos.

O Sr. Marcos Wandresen, que já foi membro do Conselho Estadual do Idoso, em Santa Catarina, contou do papel destes Conselhos:

O Conselho deve formular as políticas, deve acolher e fazer o registro das instituições legalmente constituídas para atender o idoso e dirimir as dúvidas neste processo todo, pois não é apenas um conselho consultivo, mas

⁵⁹ BORGES, Maria Cláudia M. O idoso e as políticas públicas e sociais no Brasil. In: VON SIMSON, Olga R. de M.; NERI, Anita L; CACHIONI, Meire (orgs.). **As Múltiplas Faces da Velhice no Brasil**. Campinas/SP: Alínea, 2003. p. 90.

é um conselho formador das políticas e é o que vai ajudar e apoiar todo o desenvolvimento da organização de programas, segundo o regime de atendimento. Veja que o registro da entidade é uma condição para o seu funcionamento. Hoje se tem um princípio de municipalização do atendimento e uma política de coordenação estadual e tem a coordenação nacional, através do Conselho Nacional.⁶⁰

Os Conselhos, nos diferentes níveis (municipal, estadual e nacional) funcionam como representantes desta sociedade civil que pode encontrar neles um apoio à efetivação do que está colocado no texto da lei. Nos grupos, nas associações, as pessoas escutam os ecos do quê elas têm direito, descobrem que têm direitos, por vezes, ou são envolvidas numa rede discursiva que as coloca neste entorno reivindicatório. As leis, ao mesmo tempo em que garantem a integração dos sujeitos no grande projeto de cidadania que inclui “todos”, revelam os dilemas de uma sociedade de desigualdades constituída pelas exclusões de gênero, classe e geração.

As políticas, com seus aparatos legais, e a gerontologia com toda a produção acadêmica que mobiliza a formação de profissões (novas, inclusive), trazem à tona uma rede discursiva que cria a noção de sujeito autônomo – aquele que não precisa (ou só em casos extremos precisará) das instituições asilares (fechadas). A rede discursiva que constitui os sujeitos coloca o poder no plural. Como diz Foucault:

As relações de poder se enraízam no conjunto da rede social. Isto não significa, contudo, que haja um princípio de poder, primeiro e fundamental, que domina o menor elemento da sociedade; mas que há, a partir desta possibilidade de ação sobre a ação dos outros (que é co-extensiva a toda relação social), múltiplas formas de disparidade individual, de objetivos, de determinada aplicação de poder sobre nós mesmos e sobre os outros (...). As formas e os lugares de “governo” dos homens uns pelos outros são múltiplos numa sociedade: superpõem-se, entrecruzam-se, limitam-se e anulam-se, em certos casos, e reforçam-se em outros.⁶¹

⁶⁰ Entrevista com Marcos Wandresen, dia 10 de maio de 2005.

⁶¹ FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 247.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A três últimas décadas do século XX forjaram um devir velho/a, mesmo que não fosse para assim ser reconhecido/a. Procurou-se derrubar o estereótipo pejorativo da velhice. Não são mais os filhos responsáveis pelos pais quando envelhecidos, pois ter filhos com a preocupação de na velhice ter quem cuide de sua velhice, deixou de ser um projeto de vida. O cuidado de si tornou-se tarefa e responsabilidade individual, quem não se convencer disso pode correr o risco do abandono e de ser considerado ultrapassado. A sociedade pós-moderna dissolveu a confiança e a fé no futuro que tinha a sociedade moderna, que por sua vez era conquistadora e crente na ciência e na técnica, “doravante o que se quer viver é já, aqui e agora, ser-se jovem em vez de forjar o homem novo”, diz Gilles Lipovetsky¹. No entanto, as ciências e as técnicas do cuidado de si estiveram presentes nos processos de subjetivação que instauraram um devir “envelhecete”, pois não existe mais um Ser (ontológico) e sim os processos que criam a maneira de ser, parafraseando Felix Guattari².

Estou considerando este devir, inspirada em Suely Rolnik, no diálogo com Guattari, quando diz que a idéia de “devir” está ligada ou não a um processo de singularizar e é isto que dá sentido ao movimento das minorias. Ela explica que junto à idéia de reconhecimento de identidade, existem “processos transversais, de devires subjetivos que se instauram através dos indivíduos e dos grupos sociais”, e “eles não podem existir em si, e sim num movimento processual; é isso que lhe dá potência de

¹ LIPOVETSKI, Gilles. **A Era do Vazio**. Lisboa: Antropos, 1989. p.13.

² GUATTARI, Félix. **O novo paradigma estético**. Novos paradigmas: cultura e identidade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p.128.

travessia em todas as estratificações – estratificações materiais, de sentido, de sistemas maquínicos e assim por diante”³.

O desenvolvimento tecnológico, articulado às artimanhas de mercado, reinventou a velhice. Essa derradeira etapa da vida foi transformada em *grand finale*, pois se constituiu como momento de retomar os sonhos de juventude e/ou fazer da juventude o próprio devir do envelhecimento. Não importa tanto se o corpo apresenta sinais de desgaste – tudo é possível remediar, desde que se tenham recursos econômicos para tal. A velhice decrépita não está para todos/as. O envelhecimento sim, foi naturalizado: todo/s podem envelhecer se seguirem uma dietética e contar com a sorte de que nenhum mal oportuno os atinja (um acidente ou doença mortal). As jornadas de trabalho fatigantes, a servidão e a escravidão foram abolidas como destinos que comprometiam a expectativa de vida. Todo o aparato jurídico, conquistado por gerações, garantiu mais chances de prolongamento etário. Se pessoas ainda vivem e morrem em condições de escravidão e trabalho forçado isto é, no mínimo, injusto. Conquistou-se o direito a ter direitos. A democracia, segundo Claude Lefort, estabeleceu a legitimidade de um debate sobre o legítimo e o ilegítimo, o critério de juízo passou a se constituir no debate público que favorece uma saída jurídica. Lefort explica:

A legitimidade do debate sobre o legítimo e o ilegítimo supõe, reafirmemos, que ninguém ocupe o lugar de grande juiz. Deixemos claro: ninguém, isto é, nenhum homem, investido de autoridade suprema, nenhum grupo, ainda que fosse a maioria. Ora, a negação é operante: suprime o juiz, mas reporta a justiça à existência de um espaço público – um espaço tal que cada um é suscitado a falar, a ouvir, sem estar sujeito à autoridade de um outro; o poder que lhe é dado, é induzido a querê-lo. Constitui a virtude desse espaço – sempre indeterminado, pois não é propriedade de ninguém, apenas correspondendo aos que nele se reconhecem e lhe dotam sentido – deixar que se propague o questionamento do direito.⁴

³ ROLNIK, Suely; GUATARRI, Félix. **Micropolítica**. Cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 74.

⁴ LEFORT, Claude. **Pensando o político**: ensaios sobre democracia, revolução e liberdade. Ri de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p.59.

Os espaços dos grupos de “terceira idade” muito contribuíram para questionar os próprios espaços convencionados às pessoas envelhecidas. Mulheres romperam o estereótipo da “vovó” – aquela que continuaria sua responsabilidade doméstica na função de cuidar dos netos. Elas foram para os grupos de idosos/as, lugares de encorajamento também, e de lá para os bailes, as viagens, os estudos, os cuidados com a aparência física, etc. Homens se inquietaram – os espaços públicos deixaram de ser deles por excelência.

Esse estereótipo do homem - do público, viril e que detém o poder – vem sendo desconstruído. “(...) não se acredita mais que exista *o masculino* como único conceito norteador e gerador de referências para o comportamento dos indivíduos”⁵. Sócrates Nolasco acrescenta:

As exigências viris, de posse e poder, bem como ser assertivo e competitivo sexualmente, mantêm os homens presos à questão do desempenho. Os padrões de comportamento que os qualificam como homens se aproximam dos exigidos para máquinas. Enquanto identificados como *homem máquina*, estes indivíduos ficam impossibilitados de problematizar a maneira como socialmente tornaram-se homens.⁶

Os homens envelhecidos foram confrontados com este estereótipo. É difícil para eles, na maquinária que os produziu, dar-se conta de que a idade pode abalar a virilidade e que o poder, advindo em parte da força produtiva do trabalho, está enfraquecido, muitos já não são mais provedores. Esse é o momento de problematizar sua masculinidade, e é na relação com o feminino que as reações em defesa do homem estereotipado emergem. Não querer participar dos grupos de “terceira idade”, concordar que as mulheres que freqüentam estes grupos são “velhas assanhadas” são formas de defesa e de conformação ao padrão estereotipado do macho. Raquel Soihet já dissera

⁵ NOLASCO, Sócrates. A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. In: NOLASCO, Sócrates. **A desconstrução do masculino** (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p. 19.

⁶ NOLASCO. Op. Cit. p. 21.

que a zombaria, o deboche, a ridicularização de movimentos em prol de mudanças com relação aos papéis de gênero, configuram-se como representações com vistas à conservação do *status quo*⁷. Mas, a partir do momento em que as esposas ou mulheres de seu convívio saem do espaço doméstico, mesmo com as resistências, e voltam transformadas pelo efeito que o baile e a convivência no grupo estimulam, também modificam outros comportamento e modos de pensar. Se não são seduzidos, são induzidos a assumir posturas, dividir tarefas domésticas ou do próprio cuidado de si, pois as mulheres estão, geralmente à frente, operando mudanças.

Essa “liberdade geracional” foi muito bem questionada por Alda Motta, no sentido da importância de estarmos atentos para a ambigüidade do sentido dessa liberação. Ela diz: “Essa libertação vem, surpreendentemente, entusiasmando as mulheres idosas, a ponto de, por vezes, obscurecer-lhes a percepção de toda uma gama de preconceitos sociais ainda vigentes em relação aos velhos e às mulheres”⁸. De um lado as mulheres tornam-se livres na velhice porque estão desresponsabilizadas do cuidado da prole, e por outro lado estão liberadas porque as convenções que lhes atribuíram um “lugar da mulher” (eminentemente o espaço doméstico) foram criadas levando em consideração a vida reprodutiva. De certa forma, as mulheres envelhecidas podem sair de casa porque estão fora do “mercado” competitivo das relações amorosas heterossexuais, que colocou o comportamento da mulher como depositário da honra do homem. Levando em conta o pressuposto apresentado por Miguel Vale de Almeida, que considera a masculinidade como continuamente construída, enquanto a feminilidade é essencializada e “naturalmente” reafirmada nas gravidezes e partos, podemos inferir que exista um entendimento de que na velhice aconteça uma perda de feminilidade. Talvez

⁷ SOIHET, Raquel. Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários. In: **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis: UFSC. Vol 13. n. 3, 2005. p. 609.

⁸ MOTTA, Alda Britto da. Gênero e geração: de articulação fundante a “mistura indigesta”. Trabalho apresentado no VI Simpósio Baiano de Pesquisadoras sobre Mulheres e Relações de Gênero. 2000.

nas relações sociais, as mulheres idosas tenham essa liberação das obrigações colocadas às mulheres mais jovens: o recato que protege a si, a prole e a família lhes confere uma reputação, diferente dos homens, que na contrapartida têm sua fama fortemente marcada no público. Numa concepção de “masculinidade hegemônica”⁹, os homens podem sair mais e podem se relacionar sexualmente com mais mulheres, porque isto é uma marca da referência à virilidade, por exemplo. Esta concepção é, no entanto, também opressora, pois não admite que homens possam ser sensíveis e afetuosos sem serem afeminados, e cobra um perfil de garanhões prontos para o ato sexual como se fosse algo meramente instintivo ao homem (animal macho).

É provável que em mais alguns anos tenhamos pesquisas que possam discutir melhor as mudanças no comportamento sexual de idosos/as, a partir da “pílula do prazer” que entrou no mercado brasileiro em 1998. Moacir Costa, médico psiquiatra e sexólogo, que desde então tem orientado pacientes de diferentes idades na prescrição do medicamento que promete acabar com o problema da impotência sexual, diz que “esses clubes de terceira idade permitem ao idoso ter uma vida saudável, onde pode se expressar afetivamente e ter direito a uma vida sexual, como todo ser humano”¹⁰. Ele não esquece também que infelizmente esses idosos foram adultos numa época em que a camisinha não fazia parte do contexto sexual, como ocorre hoje – o que os deixa mais vulneráveis a contrair doenças sexualmente transmissíveis, das quais a AIDS é o maior medo. A referência que Costa faz aos grupos de “terceira idade” é no sentido de serem ambientes encorajadores, que estimulam a mudança de comportamento, despertam

⁹ Almeida assim conceitua: “a masculinidade hegemônica é um modelo cultural ideal que, não sendo atingível por praticamente nenhum homem, exerce sobre todos os homens um efeito controlador, através da incorporação, da ritualização das práticas da sociabilidade quotidiana e de uma discursividade que exclui todo um campo emotivo considerado feminino; e que a masculinidade não é simétrica da feminilidade, na medida em que as duas se relacionam de forma assimétrica, por vezes hierárquica e desigual. A masculinidade é um processo construído, frágil, vigiado, como forma de ascendência social que pretende ser.” In: ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Ed Fim de Século, 1995. p. 17.

¹⁰ COSTA, Moacir. **A pílula do prazer**. Como o Viagra está revolucionando o comportamento e as relações entre casais. São Paulo: Ed. Gente, 1999. p. 228.

prazeres colocados culturalmente como não apropriados a idosos e modificam as relações dos sujeitos com seus corpos.

Uma história dos corpos velhos talvez possa nos dar outras respostas. O trabalho da professora Rosemary Rauchbach, graduada e mestre em Educação Física, que pelo seu trabalho direcionado aos grupos de idosos tornou-se também gerontóloga, reúne, entre outras coisas, uma série de fotos que ela mesma fez de corpos de idosos e, uma grande maioria, idosas. Fotos que mostram a postura e analisam os porquês das curvaturas desta ou daquela forma. A partir do diagnóstico dos corpos, ela realizou um trabalho com esse público. Em uma de suas publicações¹¹ ela cita, por exemplo, as dificuldades quanto à mobilidade da cintura pélvica, que está associada à vivência da sexualidade reprimida na juventude. Ela diz que os idosos têm medo de deixar o movimento tomar conta do corpo, mas que a confiança depositada no professor, faz com que eles soltem a musculatura e percebam “quanto medo e raiva depositavam na região”. Lembro-me de assistir a um depoimento de Rauchbach contando de várias atividades que envolviam expressão corporal, incluindo o contato entre os corpos de mães idosas e filhas adultas. Surpreendeu-me quando ela contava que algumas filhas pareciam nunca ter tocado em suas mães, algumas imprimiam uma força no toque que pareciam querer se vingar de traumas de infância. Outras choravam nos momentos de abraçar e beijar. Longe de querer fazer uma análise psicanalítica aqui, só quero exemplificar que os corpos falam, têm histórias e que muitas dessas histórias estão ainda por ser escritas. Roy Poter¹² já dissera que “a história do corpo tem sido, em geral, negligenciada” ou por conta de “componentes clássicos” que priorizaram a razão em descuido do corpo, numa “visão dualista do homem”, ou por culpa da nossa herança

¹¹ RAUCHBACH, Rosemary. **A atividade física para a 3ª idade**. Envelhecimento ativo: uma proposta para a vida. 2.ed. Londrina: Midiograf, 2001.

¹² POTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992. p. 292.

judaico-cristã, que denegriu o corpo. O corpo envelhecido foi, durante muito tempo, e ainda é, mesmo que estejamos nos processos de desconstrução, considerado abjeto, o avesso do “como deve ser” num sentido ontológico. É preciso, então, entender os domínios instituídos discursivamente para se compreender a noção de abjeto, como formula Judith Butler: “o abjeto para mim não se restringe de modo algum a sexo e heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como ‘não importante’”¹³.

Os debates acadêmicos que tematizam o corpo são diversos e controversos. Há quem¹⁴ considere que se o corpo ganhou visibilidade e importância foi porque o discurso da liberação sexual culpabilizou o amor, essa “fantasmagoria religiosa”, e colocou no desejo uma sede de vingança traduzida nos corpos. Pascal Bruckner defende a idéia de que o homem moderno ocidental tornou-se escravo de um projeto de felicidade como ideal de vida e criou, conseqüentemente, um paradoxo: a angústia de nunca atingir esta felicidade, tão efêmera, tão frívola e presa à materialidades, à vida em si mesma. Ele considera que essa “prisão” moderna, não permitiu aos indivíduos a visão de outras coisas importantes, como a liberdade. Acrescenta: “talvez seja tempo de dizer que o ‘segredo’ de uma vida boa é não levar a sério a felicidade”¹⁵. Ou seja, aquilo que em várias formas discursivas fora entendido como liberdade, por outro viés pode ser interpretado como aprisionamento.

A pesquisa empírica antropológica de Andréa Alves mostra que mulheres idosas, ao saírem para os bailes, “afirmam a possibilidade de exercício da sedução e da visibilidade do corpo mesmo que tenham passado da idade socialmente legítima para

¹³ BUTLER, Judith. In; “Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler”. **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis: UFSC. Vol 10. n. 1, 2002. p. 161.

¹⁴ BRUCKNER, Pascal; FINKIELKRAUT, Alain. **A nova desordem amorosa**. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 104.

¹⁵ BRUCKNER, Pascal. **A euforia perpétua**: ensaio sobre o dever da felicidade. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002. p. 240.

tal”¹⁶. Ela se referia aos “bailes-ficha” cariocas, uma modalidade que permite à dama (idosa) “comprar” um cavalheiro que sirva de par dançante. Em boa parte dos bailes organizados nos espaços de reunião de grupos de “terceira idade”, as mulheres dançam entre si e a sedução não é a tônica dessa atividade e sim a alegria, o reviver os tempos de juventude, que obviamente, também remetem às expressões do corpo. Se existia uma idade para a sedução e para expressão da sexualidade, essa geração de homens e mulheres idosos/as das últimas décadas a questionaram e provaram nos seus comportamentos que não, mesmo que estejamos ainda sob um suposto paradigma de comportamentos de gênero e geração. Há que se considerar que essas gerações viveram ou foram atingidas pelo “aporte feminino/nista”¹⁷ diferenciador, emancipador, energizante e libertário que rompeu com o enquadramento normativo. A negação dos homens idosos a aderir aos bailes e até mesmo a uma vida sexual ativa, ao contrário da disposição das mulheres, pode ser uma fuga. A antropóloga Maria Regina Azevedo Lisboa, ao questionar os impasses da masculinidade, diz:

(...) a fuga de um contato mais íntimo com as mulheres seria também a fuga do sentimento de fragilidade que estas representam aos olhos deles, o que ameaça toda fortaleza que ainda precisam ter para corresponder ao ideal de masculinidade que, embora negado, implica em inúmeras dificuldades para ser transposto. A maior delas me parece ser o sentimento de superioridade ao que classifica como diferente.¹⁸

¹⁶ ALVES, Andréa M. **A dama e o cavalheiro**: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 140.

¹⁷ RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana; Grossi, Miriam P. (orgs.). **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998. p. 31.

¹⁸ LISBÔA, Maria Regina A. Masculinidade: as críticas ao modelo dominante e seus impasses. In: PEDRO, Joana; Grossi, Miriam P. (orgs.). **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998. p. 133.

O historiador norte-americano, Christopher Lasch¹⁹ culpabiliza a sociedade por ter tirado o poder da família e criado novas formas, mais constrangedoras que as antigas e ainda mais devastadoras em seu impacto sobre a liberdade individual e política. Como vemos, o debate sobre a “liberdade” é sempre subjetivo.

Em 2003, na esteira destes acontecimentos que deram visibilidade e problematizaram a velhice, a Rede Globo de Televisão polemizou o debate sobre o tratamento às pessoas idosas através dos personagens Leopoldo (Oswaldo Louzada, então com 91 anos) e Flora (Carmen Silva, com 87 anos de idade) de “Mulheres Apaixonadas”, novela exibida em horário nobre (pelas oito da noite), quando a emissora, freqüentemente, atinge picos de audiência. O casal da telenovela escrita por Manoel Carlos enfrentava as agruras de uma neta (a Dóris, interpretada por Regiane Alves) que os maltratava. No último capítulo, depois de muito castigo e de apanhar, a Dóris se redimiou e até ajudou simpaticamente uma idosa em pleno calçadão da Zona Sul carioca. Para a ficção os espectadores pediam uma mudança de comportamento da “malvada” neta, pois, mesmo sabendo que existem muitas Dóris por aí, não era mais admissível que alguém pudesse passar impune aos maus-tratos e humilhações provocadas aos idosos, sobretudo sendo pessoas da família. Os atores envolvidos na trama, na época foram convidados a falar sobre o tema em palestras e até em debate público no Senado Federal – eles representavam uma mudança de comportamento social. Carmem Silva reforça com exemplos: “Uma vez um garotinho de sete ou oito anos soltou a mão da mãe e veio correndo: ‘Posso dar um abraço na senhora?’ Ele me abraçou e disse que gostava muito do meu trabalho. Um time de futebol estava hospedado esta semana aqui no hotel, o Cruzeiro. Tu precisas ver. Os jogadores vieram

¹⁹ LASCH, Christopher. **Refúgio num mundo sem coração**. A família: santuário ou instituição sitiada? Rio de Janeiro: Paz e terra, 1991.

pedir autógrafa. Os jovens estão gostando de mim, logicamente gostam dos velhos também.”²⁰

Parece fato que as novas gerações repudiam menos os idosos/as. À medida que essa população conquistou visibilidade, aceitabilidade e foi além do *status* de cidadania adquirido com a aposentadoria a partir da década de 1960, incorporou-se a noção de respeito e, a velhice, antes um peso, ganhou leveza. A aposentadoria não é mais privilégio de algumas categorias profissionais – tornou-se um direito universal, e até uma imposição (como servidores e funcionários públicos). A remuneração de idosos/as garantiu participação ativa e decisiva desses milhares, que se tornaram protagonistas de um tempo cujos destinos incertos discutem a fragilidade da idade e fortaleza dos poderes adquiridos.

Entendo, a partir de Foucault, que as redes de poder se formam no nível mais elementar do cotidiano e são elas que criam e mantêm identidades. Por isso, para ele, as lideranças, as instituições envolvidas, os meios de comunicação, o mercado consumidor, são elementos a serem analisados. Foucault diz também que existem ‘trabalhadores sociais’, a partir de uma matriz confusa com a filantropia, que formam um conjunto complexo, sutil em sua distribuição, em seus mecanismos, seus controles recíprocos, seus ajustamentos²¹. Por isso, procurei analisar esses agentes sociais enredados na trama que envolveu a gerontologia, mídias, lideranças, representações de grupos, entidades, instituições e pessoas. As produções resultantes desses agenciamentos: imagens, monografias, leis e textos - constituíram objetos de minha pesquisa.

²⁰ *Diário Catarinense* de 20/05/2003, matéria assinada por Larissa Roso.

²¹ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1995. p. 151-152.

É importante considerar as implicações políticas do crescimento populacional que ora preocupa com o aumento da natalidade²², especialmente na América Latina, e ora cria o “problema” do envelhecimento. As aposentadorias, resultantes da política do Estado-Providência, construídas nas décadas de 1960 a 1980, tornaram-se o ponto nevrálgico da crise²³. Os discursos promotores da “autonomia” descarregam, em parte, a responsabilidade e os custos do Estado e, para os idosos num país marcado pela negligência às camadas mais pobres, pode contribuir para a abertura de um fosso ainda maior na perspectiva que separa a vida em fases.

O crescimento demográfico de idosos/as no Ocidente, todavia, também começa a preocupar historiadores/as do envelhecimento e da velhice e, sobretudo as historiadoras feministas, como disse a canadense Aline Charles:

Depuis cette époque, portée par l'intérêt général (et les inquiétudes) que soulève l'accroissement du poids démographique des personnes âgées en Occident, l'histoire du vieillissement et de la vieillesse s'est développée à un rythme accéléré. Dans cette histoire toutefois, les femmes âgées ou vieillissantes n'occupent encore qu'une place très secondaire. Elles semblent, en outre, tout juste commencer à retenir l'attention des historiennes féministes.²⁴

Há que se considerar o peso que as mulheres representam (fator quantitativo), que incide nos aspectos que qualificam a configuração cultural e dão subjetividade à mesma.

²² Joana Maria Pedro trata disto abordando os investimentos que fizeram da América Latina, cobaia das experiências contraceptivas, no controle da natalidade que escondia o medo de que a doutrina comunista tornasse a pobreza prolífera à instalação de governos de esquerda. Ver: PEDRO, Joana Maria. “Entre a bomba populacional e o direito das mulheres”. In: RIAL, Carmem S. M.; TONELI, Maria Juracy F. (orgs.). **Genealogias do silêncio: feminismo e gênero**. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2004.

²³ Esta discussão que parece tão nossa, era preocupante na França, como mostra, entre outros autores, Anne-Marie Guillemard.

²⁴ CHARLES, Aline. Histoire des femmes et histoire de la vieillesse: un rendez-vous à prendre. Revue Sextante, (Université Libre de Bruxelles), n.12, 1999: “Desde essa época, trazida pelo interesse geral (e as inquietações) originado pelo crescimento do peso demográfico das pessoas idosas no Ocidente, a história do envelhecimento e da velhice desenvolveu-se em ritmo acelerado. Todavia, nessa história, as mulheres idosas ou envelhecendo não ocupam lugar senão muito secundário. Elas parecem estar, ademais, mal começando a ter atenção das historiadoras feministas.”

FONTES

Jornais de Santa Catarina:

O Estado, de: 25/05/1976; 26/05/1976; 06/06/1976; 19/06/1976; 28/09/1976; 02/10/1976; 02/11/1976; 09/07/1976; 15/02/1977; 13/03/1977; 24/09/1977; 08/10/1977; 26/10/1977; 20/11/1977; 27/12/1977; 28/01/1978; 09/04/1978; 28/05/1978; 08/04/1978; 13/03/1978; 20/03/1980; 08/06/1980; 10/05/1980; 21/09/1980; 25/09/1982; 25/12/1982; 12/11/1982; 28/09/1983; 02/09/1984; 22/09/1984; 14/09/1986; 29/09/1986.

Diário Catarinense, de: 27/09/1987; 05/05/1993; 16/09/1988; 24/09/1988; 25/09/1990; 20/05/2003

A Gazeta, de: 27/09/1961; 25/09/1980; 26/09/1980; 29/09/1982; 05/09/1986.

Outros jornais e boletins:

Estado de São Paulo, 30 de outubro de 2005

Boletim Epidemiológico DST/AIDS, Florianópolis, Nº 1, Jan-out, 2001

Revistas semanais de circulação nacional:

Revista *Veja*, de: 04/06/2003; 26/11/2003; 28/01/2004

Revista *Manchete*, n. 1459. Rio de Janeiro, 05 de abril de 1980

Revista *Manchete*, n.1463, Rio de Janeiro, 03 de maio de 1980

Revista *Manchete*, n. 1465. Rio de Janeiro, 17 de maio de 1980

Revista *Manchete*, n.1468. Rio de Janeiro, 07 de junho de 1980

Revista *Manchete*, n.1471. Rio de Janeiro, 28 de junho de 1980

Revista *Manchete*, n. 1477. Rio de Janeiro, 09 de setembro de 1980

Revista *Manchete*, n. 1495. Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1980

Revista *Manchete*, n. 1499. Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1981

Revista *Manchete*. n. 1516. Rio de Janeiro, 09 de maio de 1981

Revista Manchete, n. 1527. Rio de Janeiro, 25 de julho de 1981
Revista Manchete. n. 1532. Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1981
Revista Manchete. n. 1538. Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1981
Revista Manchete. n. 1542. Rio de Janeiro, 07 de novembro de 1981
Revista Manchete. n. 1548. Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 1981
Revista Manchete. n. 1565. Rio de Janeiro, 17 de abril de 1982
Revista Manchete, n. 1567. Rio de Janeiro, 01 de maio de 1982
Revista Manchete. n. 1574. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1982
Revista Manchete, n. 1575. Rio de Janeiro, 26 de junho de 1982
Revista Manchete, n. 1590. Rio de Janeiro, 09 de outubro de 1982
Revista Manchete. n. 1594. Rio de Janeiro, 06 de novembro de 1982
Revista Manchete, n. 1596. Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1982
Revista Manchete, n. 1598. Rio de Janeiro, 04 de dezembro de 1982
Revista Manchete. n. 1616. Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 1983
Revista Manchete. n. 1618. Rio de Janeiro, 23 de abril de 1983
Revista Manchete. n. 1621. Rio de Janeiro, 14 de maio de 1983
Revista Manchete, n. 1632. Rio de Janeiro, 30 de julho de 1983
Revista Manchete. n. 1633. Rio de Janeiro, 06 de agosto de 1983
Revista manchete, n. 1634. Rio de Janeiro, 13 de agosto de 1983
Revista Manchete, n. 1702. Rio de Janeiro, 01 de dezembro de 1984
Revista Manchete, n. 1733. Rio de Janeiro, 06 de julho de 1985
Revista Manchete, n.1750. Rio de janeiro, 02 de novembro de 1985
Revista Manchete. n. 1830. Rio de Janeiro, 16 de maio de 1986
Revista Manchete, n. 1780. Rio de Janeiro, 31 de maio de 1986
Revista Manchete, n. 1784. Rio de Janeiro, 28 de junho de 1986
Revista Manchete, n 1811. Rio de Janeiro, 03 de janeiro de 1987
Revista Manchete, n. 1832. Rio de Janeiro, 30 de maio de 1987
Revista Manchete. n. 1842. Rio de Janeiro, 04 de agosto de 1987
Revista Manchete, n. 1848. Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1987
Revista Manchete. n. 1873. Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1987
Revista Manchete, n.1873. Rio de Janeiro, 12 de março de 1988
Revista Manchete, n. 1877. Rio de janeiro, 09 de abril de 1988
Revista Manchete. n. 1888. Rio de Janeiro, 07 de maio de 1988

Revista Manchete, n. 1886. Rio de Janeiro, 11 de junho de 1988
Revista Manchete. n. 1891. Rio de Janeiro, 16 de julho de 1988
Revista Manchete. n. 1914. Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1988
Revista Manchete. n. 1920. Rio de Janeiro, 04 de fevereiro de 1989
Revista Manchete. n. 1924. Rio de Janeiro, 04 de março de 1989
Revista Manchete, n. 1937. Rio de Janeiro, 03 de junho de 1989

Leis e documentos de órgãos do governo:

BRASIL. CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL, 16 de julho de 1934.
BRASIL. CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988.
BRASIL. Lei 8.842, de 4 de janeiro de 1994.
BRASIL. Lei 8.742/93 da Lei Orgânica da Assistência Social.
BRASIL. Decreto 4.227, de 3 de maio de 2002.
SANTA CATARINA. Lei 10.073, de 30 de janeiro de 1996.
BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** apresentação dos temas transversais. 2. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

Documentos de Políticas Públicas:

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE GERONTOLOGIA. Políticas para a 3ª idade nos anos 90. Seminário Nacional “O idoso na sociedade atual”. Brasília, 1989.

Relatórios:

Centro de Estudos Cultura e Cidadania. **Uma cidade numa ilha:** relatório sobre problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina. CECCA. Florianópolis: insular: CECCA, 1997.

BENEDETTI, Tânia R.B.; PETROSKI, Édio Luiz; GONÇALVES, Lúcia H.T. Perfil do idoso do município de Florianópolis/SC: relatório final de pesquisa. Florianópolis: UFSC, 2004.

Conferência Interamericana de Seguridade Social. México, 1995.

Monografias de Especialização em Gerontologia da UFSC:

- Defendidas em 1993:

ANDRADE, Elivete Cecília de. **Reconquistando a vida: a participação do idoso na conquista de sua cidadania.**

BALEN, Maria da Graça Winckler; SANTOS, Maria do Rosário Ribeiro; SILVA, Rosilda Machado da. **Grupo Interno de Gerontologia.**

BELLO, Carlos da S.; MIRANDA, Fernando M. de M.; SOUZA, Jaqueline Herondina de; LAZZARIN, Kátia Regina da C.; CASELLI, Márcia Pontes; GOSTSFRIEDT, Maria Cecília A. **Valorização das instituições asilares enquanto agentes de transformação da qualidade de vida do idoso.**

D'AVILA, Carlos Alberto; D'ÁVILA, Maria Zita Koerich; FREITAS, Maria de Lourdes; COUTINHO, Janice Maria Moreira. **Grupos de crescimento, mudanças e saúde em pessoas de 50 anos ou mais.**

JAAH, Alice do Carmo & ECTCHPARE, Diane Tasca. **Uma geração capaz de virar a mesa.**

MOREIRA, Matilde Lourdes Lovatel. **A contribuição da prática da dança sênior na qualidade de vida do idoso.**

SILVA, Maria da Graça Lago da; WALTRICK, Maria Tereza de Araújo; PASSIG, Solange Iraci Hermes. **Qualidade de vida do idoso que reside em apartamento.**

- Defendidas em 1995:

FRANCISCO, Pe. Manoel João. **Para uma pastoral da terceira idade: fundamentos teóricos.**

GOMES, Maria Aparecida Mallmann. **Uma velhice quase perfeita.**

OLIVEIRA, Adelir Maria de; BERTINCINI, Ana Luiza Junqueira; SANTIAGO, Onete Ramos. **A depressão na terceira idade: uma visão contextualizada e epistemológica.**

QUADROS, Rutinique Fonseca. **Resgate bio-psico-ecológico-socio-cultural do idoso.**

SCHIMITZ, Enara Martins. **A solidão na terceira idade: um desafio à pessoa idosa.**

SOUZA, Ana Maria Gomez de; BRAGGIO, Márcia Elisa; VIEIRA, Maria Bernadete. **Programa de preparação para a aposentadoria sob um novo enfoque.**

SOUZA, Luciene Silva de. **Buscando a percepção dos idosos sobre as alterações na sexualidade com a chegada da terceira idade.**

- Defendidas em 1997:

ALVES, Luciana Gomes; PHILIPPI, Margot Lago; BETSK, Simone Sá. **A dança na terceira idade: um estudo no município de Florianópolis-SC.**

GUARNIERI, Ana Paula & SOUZA, Beatriz Macali de. **Envelhecimento, doenças sexualmente transmissíveis e AIDS: contribuição para a educação e prevenção em saúde.**

HELDWEIN, Amélia Maria Lobo; VILAIN, Veraldina. **Diagnóstico e proposta de capacitação de cuidadores de idosos institucionalizados na área do relacionamento interpessoal.**

INÁCIO, Eliézer Luiza da Silveira; VASCONCELOS, Natércia Maia; RODRIGUES, Sonia Regina Cardoso. **Programa de preparação para aposentadoria: nova proposta de ação.**

PLONER, Kátia Simone; SOUZA, Donavo Lafaiete S. de; ALCÂNTARA, Gislane Pessoa. **Características que perpassam os programas para a terceira idade da Universidade Federal de Santa Catarina que promovem qualidade de vida.**

RAUPP, Adelir de Silva. **Pastoral da terceira idade: uma contribuição para o crescimento humano, cristão e espiritual.**

- Defendidas em 1999:

D'AQUINO, Nora. **Gaia, residência de idosos – vida ainda.**

MARTINS, Eliseu Camargo; AGUILHARI, Maria Neusa M.; CORRÊA, Suzana Marilda; WEBER, Terezinha W. **O Turismo na melhor idade.**

PETERS, Joice; LAZARINI, Kátia Regina; ASSIS, Marilene A de. **Desobstruindo conceitos de velhice e de juventude presentes na concepção de jovens e velhos.**

SANCHES, Yara Paraná. **Envelhecimento feminino patológico: prevenção a partir da meia-idade – uma abordagem psicológica**

TOSCAN, Ighes. **A velhice do existencialista Jean-Paul Sartre, pela ótica da interdisciplinaridade.**

Entrevistadas(o) por Ana Maria Marques:

Neuza Mendes Guedes, no dia 7 de março de 2003.

Olga Schmitt, no dia 21 de agosto de 2003.

Edith Long Schisler, no dia 1º de setembro de 2005.

Marcos Wandresen, no dia 10 de maio de 2005.

Marília Felício Fragoso, no dia 17 de maio de 2005.

Helena Borba, no dia 22 de setembro de 2005.

Sítios:

<http://www.terra.com.br/istoe/biblioteca/brasileiro/ciencia>

<http://www.cinemaemcena.com.br/variedades>. Pesquisado em 11/10/2006

<http://www.folha.uol.com.br>, de 19/06/2006 - 16h24

<http://www.apharmaceutica.com.br/ortomole.htm>, pesquisa feita em 10/10/2005

<http://www.jornalismo.ufsc.br/departamento/historia.html> > pesquisado em 13/03/2007.

<http://www.cinemaemcena.com.br/variedades>. Pesquisado em 11/10/2006.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Orquestra_Filarmonica_de_Berlim. Pesquisado em 10/10/2006.

<http://www.sesc-sp.com.br>, acessado em julho de 2005

<http://www.lemonde.fr>, 31 de agosto, 2003.

<http://www.sesc-sc.com.br>, pesquisado em 14/04/2004.

<http://www.pucrs.br>

<http://www.ibge.gov.br>

BIBLIOGRAFIA

AGOSTINI, Fernando Coruja. **Introdução ao direito do idoso**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2003.

ALBORGHETTI, Patricia França. **Envelhecimentos e conjugalidade**: um estudo de gênero com casais idosos em Florianópolis. Florianópolis: UFSC, 2003. (Dissertação de Mestrado em Psicologia).

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Editora Fim de Século, 1995.

ALVES, Andréa M. **A dama e o cavalheiro**: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BARROS, Myriam Moraes Lins de Barros (org.) **Velhice ou Terceira Idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BELO, Isolda. Velhice: anatomia política dos discursos dominantes. **Ciência & Trópico**. Recife, v. 24, n. 1, p.39-56, jan/jun. 1996.

BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política. 4. ed. Vol.1. São Paulo: Brasiliense.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOTH, Agostinho. **Identidade existencial na velhice**: mediações do Estado e da universidade. Passo Fundo: UPF, 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 2.ed.São Paulo: EDUSP, 1987.

BOURDELAIS, Patrice. **L'Âge de la vieillesse**: histoire du vieillissement de la population. Paris: Éditions Odile Jacob, 1997.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas/SP: Ed. da UNICAMP, 2001.

BRUCKNER, Pascal. **A euforia perpétua**: ensaio sobre o dever da felicidade. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

BRUCKNER, Pascal; FINKIELKRAUT, Alain. **A nova desordem amorosa**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. In:“Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler”. **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis: UFSC. Vol 10. n. 1, 2002.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. “Betty Friedan: morre a feminista que estremeceu a América” In: **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis: UFSC. Vol.14. n.1, 2006.

CAMARANO, A.A. Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança? **Revista Estudos Avançados**. 17 (49). São Paulo: Edusp, 2003.

CAMPOS, Ademar; BARENTIN, Leopoldo. **Fatos e fotos da história tijuquense**. 1994.

CARREIRÃO, Yan de Souza. **Eleições e sistema partidário em Santa Catarina (1945-79)**. Florianópolis, 1988. Dissertação de Mestrado em Sociologia.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARLES, Aline. Histoire des femmes et histoire de la vieillesse: un rendez-vous à prendre. **Revue Sextante**, (Université Libre de Bruxelles), n.12, 1999.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CHAUVEAU, A & TÉTARD, P. (orgs.) **Questões para a história do tempo presente**. Bauru/SP: Edusc, 1999.

COMFORT, Alex. **A Boa Idade**. São Paulo: DIFEL, 1980.

COSTA, Moacir. **A pílula do prazer**. Como o Viagra está revolucionando o comportamento e as relações entre casais. São Paulo: Editora Gente, 1999.

CUNHA, Maria Teresa S. **Armadilhas da Sedução: os romances de M. Delly**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

DEBERT, Guita Grin. (org.) **Antropologia e Velhice**. Textos Didáticos. n.13. Campinas/SP: IFCH/UNICAMP, março de 1994.

_____. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2004.

_____. Envelhecimento e curso da vida. **Revista de Estudos Feministas**. Rio de Janeiro: UFRJ. Vol. 5. n.1, 1997.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos** – seguido de envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Estatísticas do Século XX. Centro de Documentação e Disseminação de Informações. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína (orgs). **Usos & Abusos da História Oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FIORIN, José Luiz. O corpo nos estudos da semiótica francesa. In: SILVA, Ignacio Assis (org.). **Corpo e sentido: a escuta do sentido**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

_____. **Ditos & Escritos III**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____. **Ditos & Escritos V: Ética, sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **A ordem do discurso**. 6.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

_____. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 9.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. 3. ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2003.

_____. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOX-GENOVESE. “Para além da irmandade”. **Revista de Estudos Feministas**. Rio de Janeiro: CIEC/ECO/UFRJ, n. 0, 1992.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar da civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GAY, Peter. **A experiência burguesa, da Rainha Vitória a Freud**: a educação dos sentidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GRUNEWALD, Virginia (org.) **NETI**: a construção de um caminho na gerontologia. Florianópolis: Copyflo, 1997.

GUEDES, Neusa Mendes. **A Ação Multiplicadora de monitores habilitados em Curso de formação de monitores da Ação Gerontológica**. NETI/UFSC. Florianópolis, 1997.

GUILLEMARD, Anne-Marie. **Le déclin du social**. Paris: Presses Universitaires de France, 1986.

GUITTON, Jean-Pierre. **Naissance du vieillard**: essai sur l’histoire des rapports entre vieillards et la société em France. Aubier, 1988.

GUATTARI, Félix. **O novo paradigma estético**. Novos paradigmas: cultura e identidade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

HADDAD, Eneida G. de Macedo. **O Direito à velhice**: os aposentados e a previdência social. São Paulo: Cortez, 1993.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis. UFSC. v.1,n.1,1993.

LASCH, Christopher. **Refúgio num mundo sem coração**. A família: santuário ou instituição sitiada? Rio de Janeiro: Paz e terra, 1991

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o Sexo**: Corpo e gênero dos gregos a Freud. Relume Dumará. Rio de Janeiro, 2001.

LEFORT, Claude. **Pensando o político**: ensaios sobre democracia, revolução e liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LENZI, Carlos Alberto Silveira. **Partidos e Políticos de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1983.

LIPOVETSKI, Gilles. **A Era do Vazio**. Lisboa: Antropos, 1989.

LOPES, Andrea. **Os desafios da Gerontologia no Brasil**. Campinas, SP: Ed. Alínea, 2000.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed., 1995.

MANNHEIM, Karl. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1982.

MINOIS, Georges. **História da velhice no ocidente**: da antiguidade ao renascimento. Lisboa: Teorema, 1999.

MOTT, M. L. “Maternalismo, políticas públicas e benemerência no Brasil (1930-1945)”. Texto cedido pela autora, produzido em novembro de 2001.

MOTTA, Alda B. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. In: **Cadernos Pagu**. Campinas/São Paulo: Unicamp. n. 13, 1999.

_____. Palavras e convivência – idosos, hoje. In **Revista de Estudos Feministas**. Rio de Janeiro: UFRJ. Vol. 5. n.1, 1997.

MOTTA, Flávia de Matos. **Velha é a vovozinha**: identidade feminina na velhice. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.

NECKEL, Roselane. **Pública vida íntima**: a sexualidade nas revistas femininas e masculinas (1969-1979). Tese de doutorado em História. São Paulo: PUC, 2004.

NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin (orgs.). **Velhice e Sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista de Estudos Feministas**. Ano 8. Vol.2, 2000.

NOLASCO, Sócrates. **A desconstrução do masculino** (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. **Beleza: uma questão de Gênero**. Rupturas e continuidades na instituição de diferenças entre homens e mulheres. Uma leitura a partir da imprensa (1950-1990). Florianópolis: UFSC. Tese de doutorado em História. 2005.

PACHECO, Jaime Lisandro. As Universidades Abertas à Terceira Idade como espaço de convivência entre gerações. In: VON SIMSON, Olga R. de M.; NERI, Anita L.; CACHIONI, Meire (orgs.). **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. Campinas, SP: Alínea, 2003.

PALMA, Lucia Terezinha Saccomori. **Educação Permanente e qualidade de vida**: indicativos para uma velhice bem-sucedida. Passo Fundo: EPF, 2000.

PEDRO, Joana; Grossi, Miriam P. (orgs.). **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.

PEREIRA, Moacir. **Imprensa e poder**: a comunicação em Santa Catarina. Florianópolis: Lunardelli; FCC Edições, 1992.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru/SP: EDUSC, 2005.

PIRES, André. **Velhos em revista**: envelhecimento e velhice nas páginas de Cláudia e Playboy (anos 80 e 90). Campinas, SP: Dissertação de Mestrado em Antropologia pela UNICAMP.

PLONER, Kátia & SAIS, Almir. Universidade com mais idade. **Revista Alcance (psicologia)**. Itajaí, Ano VII, n.2. jul./2000.

PLONER, Kátia (org.) et al. Curso Superior de Extensão Universidade da Vida- UNIVIDA. **Revista Alcance (CCS –Extensão)**.Itajaí, Ano VIII, n.2, maio2001.

PRADO, Shirley Donizete; SAYD, Jane Dutra. A pesquisa sobre envelhecimento humano no Brasil: grupos e linhas de pesquisa. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, 9(1), 2004.

RAUCHBACH, Rosemary. **A atividade física para a 3ª idade**. Envelhecimento ativo: uma proposta para a vida. 2.ed. Londrina: Midiograf, 2001.

RIAL, Carmem S. M.; TONELI, Maria Juracy F. (orgs.). **Genealogias do silêncio: feminismo e gênero**. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2004.

ROLNIK, Suely; GUATARRI, Félix. **Micropolítica**. Cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

SALGADO, Marcelo. **Velhice, uma nova questão social**. 2. ed. São Paulo: Biblioteca Científica SESC-CETI, 1982. Série Terceira Idade 1.

SANT'ANNA, Denise B. **Corpos de passagem**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANT'ANNA, Mara Rubia. **O velho no espelho: um cidadão que envelheceu**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2000.

SCHMITT, Jaqueline Aparecida Zarbato. **O Lar de Velhinhos Irmão Erasto: muitas histórias para contar (O Cotidiano da entidade espírita/ Florianópolis – 1956-2000)**. Tese de doutorado em História. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de S.; RAMOS, Tânia Regina O. (orgs.). **Falas de Gênero: teorias, análises, leituras**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 1999

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SIMÕES, Júlio Assis. Solidariedade intergeracional e reforma da previdência. In: **Revista de Estudos Feministas**. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ. Vol. 5. n.1, 1997.

SOIHET, Raquel. Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários. In: **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis, Vol.13. n.3, 2005.

THOMPSON, E.P. **A miséria da teoria**. Ou um plenário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

VERAS, Renato (org.). **Terceira Idade**: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/UnATI-UERJ, 1995.

VERAS, Renato (org.). **Velhice numa perspectiva de futuro saudável**. Rio de Janeiro: UERJ/UnATI, 2001.

VAHL, Eloá Aparecida Caliari et alli. **Catálogo de Monografias de Especialização em Gerontologia, 1993-2001**. Florianópolis: UFSC/NETI, 2002.

VON SIMSON, Olga R. de M.; NERI, Anita L; CACHIONI, Meire (orgs.). **As Múltiplas Faces da Velhice no Brasil**. Campinas/SP: Alínea, 2003.